UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RAÍSSA SILVA SANTANA

O SINGULAR NU SUJEITO E A GENERICIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO INFANTIL

(Versão corrigida)

SÃO PAULO
2019

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SR231s

Santana, Raíssa
O singular nu sujeito e a genericidade no Português Brasileiro Infantil / Raíssa Santana ; orientadora Elaine Grolla. - São Paulo, 2019.
166 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral.

1. Aquisição da linguagem. 2. Semântica. 3. Sintaxe. I. Grolla, Elaine, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Raíssa Silva Santana

Data da defesa: 28/06/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Elaine Bicudo Grolla

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/08/2019

Elaine B Grolla

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

Para Ronaldo e Ione, que me lançaram como flecha no mundo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me dar a vida e um propósito para ela.

Agradeço à minha família por todo o apoio e compreensão. Ao meu pai, Ronaldo, por investir em minha carreira, me ajudando financeiramente a ir para todos os eventos de que já participei. Sua ajuda foi essencial para alimentar o meu interesse pela Linguística. Gostaria também de agradecer a minha mãe por todos os momentos em que ela se mostrou uma grande apoiadora quando escolhi minha profissão. Às minhas irmãs, Rebeca e Raquel, agradeço pelo encorajamento e por cada momento em que me fizeram rir.

Agradeço à Elaine, minha orientadora, por exercer um papel muito maior do que o de orientar durante meu mestrado. Obrigada por confiar na capacidade de uma menina de 18 anos quando entrei em sua sala para ser uma aluna de Iniciação Científica. Obrigada por estimular o gosto pela pesquisa em mim, e também por se ver obrigada a colocar alguns freios em meus impulsos de fazer demais. Sou grata por sua mentoria durante todos esses anos, que envolveu muitos conselhos, broncas, palavras de carinho, e também muito de seu tempo. Há aproximadamente 7 anos atrás fiz uma escolha da qual jamais me arrependerei: escolher minha professora de Elementos de Linguística II para me ensinar a pesquisar.

Fico agradecida também pela disposição da banca examinadora para analisar esta dissertação de mestrado. Cada uma das professoras presentes, Ana Müller, Roberta Pires de Oliveira e Ruth Lopes, além de contribuírem diretamente com a literatura acerca do nominal singular nu, colaboraram com a minha formação em Linguística também. Obrigada pelo interesse pelo trabalho e pela disponibilidade para examiná-lo!

Gostaria de agradecer, em especial, aos colegas que fizeram o meu trabalho ser muito mais prazeroso: Tarcísio Dias, Jéssica Viana, Viviane Maia, Juliana Vignado, Luiz Fernando Ferreira, Iolanda Dias e Paulo Ângelo.

Tarcísio e Jéssica, gostaria de deixar a vocês um agradecimento em especial. Vocês me lembraram constantemente durante esses dois anos que é importante estar só, mas que a companhia leal tem também muito valor. Jamais esquecerei os cursos, angústias, viagens, brindes, e a visão incrível da Baía de Guanabara em março de 2017. Nesta viagem tivemos o marco inaugural dos mestrados que agora finalmente chegaram ao fim. De lá até aqui e daqui a um futuro que não conhecemos ainda, contem com a minha sincera amizade.

Iolanda, obrigada por ser minha companheira e apoiadora desde a primeira iniciação científica. A sua resiliência é motivo de alegria e inspiração para mim.

Viviane, eu não acho que consiga encontrar palavras para agradecer que sejam dignas de todo o seu carinho, amizade e empenho. Lembrarei com amor dos livros, congressos, viagens, choros e risos.

Destaco ainda que minha pesquisa se beneficiou de discussões realizadas com meus colegas do Laboratório de Estudos em Aquisição da Linguagem, dos quais destaco: Renato Caruso, Camilla Rezende, Maria Gabriela Castro, Clariana Lara, Lourdes Vailezi, Kalyne Melo e Jonathan Torres. Muito obrigada por toda a ajuda e pelos comentários feitos com o propósito de aperfeiçoar o meu trabalho!

Agradeço as inestimáveis conversas e aulas que tive com meus professores da USP, da Unicamp, e aqueles que encontrei pelas várias universidades que visitei ao apresentar minha pesquisa. Destes destaco: Elaine Grolla, Jairo Nunes, Ana Müller, Marcelo Ferreira, Raquel Santos, Marcos Lopes, Olga Sansone, Ruth Lopes, Thiago Motta Sampaio, Marina Augusto, Letícia Sicuro, Tania Ionin, Ana Pérez-Leroux, Suzi Lima, Hélade Santos, Júlio Singer e Giuseppe Longobardi.

Eu também gostaria de reconhecer colegas pesquisadores que provavelmente desconhecem a importância de sua parceria durante momentos cruciais do meu mestrado: Karin Vivanco, Janayna Carvalho, Andressa Toni, Karina Bertolino, Verônica Siqueira, Aline Benevides, Wellington Santos da Silva, Jemima Alves, Renato Lacerda e Ohanna Barchi. Obrigada por sua companhia e engajamento!

Não posso finalizar meus agradecimentos sem manifestar minha gratidão a todas as escolas que permitiram que eu aplicasse o meu experimento em suas dependências: Artistas & Arteiros, Escola Infantil S.I.C.E., EMEB Marcos Gasparian, EMEB Antônio de Pádua Giaretta, Colégio Lince, Escola Infantil Infância Nobre, Escola de Educação Infantil Crescer e Aprender, EMEB Pedro de Oliveira, Creche Central da USP e EMEB Carlos Foot. Obrigada pela confiança! Estendo o mesmo agradecimento aos pais e responsáveis por cada criança que participou da pesquisa, bem como a cada uma delas e aos participantes adultos.

Sem cada um de vocês, nada do que está escrito nas próximas páginas seria possível. Muito obrigada!

“Instead of possibilities, I have realities in my past, not only the reality of work done and of love loved, but of sufferings bravely suffered. These sufferings are even the things of which I am most proud, though these are things which cannot inspire envy.”

Viktor E. Frankl, Man’s search for meaning, 1959

RESUMO

Nesta dissertação de mestrado, discuto a aceitabilidade de três construções com relação ao singularngular nu sujeito: sentenças genéricas, sentenças com predicados-de-espécie, e sentenças com predicados-de-estágio. Visto que há uma falta de clareza com relação ao conhecimento de crianças e adultos, conduzi três estudos a fim de investigar a aceitabilidade dessas construções. Em um primeiro momento, realizei um estudo de caráter longitudinal para verificar se esse tipo de construção está em algum momento presente na fala de uma criança ou de seus interlocutores. Os resultados sugerem que antes dos 4 anos de idade as crianças ainda não produzem construções com predicados-de-espécie ou com predicados-de-estágio da mesma maneira que os adultos, e que antes dos 5 anos as crianças produzem poucos singulares nus seja em posição de sujeito. Em um estudo experimental, realizei um experimento com 10 adultos e 9 crianças falantes de PB a fim de investigar a aceitabilidade de construções da língua e se a presença de um contexto é uma condição de licenciamento para predicados-de-estágio. Nos resultados dos adultos, vimos apenas que essa construção não é tão aceita quanto as genéricas ou com predicados-de-espécie, e que essa diferença é significante. Com relação às crianças, foi observado que elas aceitam construções genéricas e com predicados-de-espécie. Por fim, o objetivo do último estudo, conduzido com adultos (N=24) falantes de PB e crianças adquirindo a língua (N = 44), era verificar se o contraste evocado no contexto favorece a aceitabilidade de construções em que o singular nu sujeito satura predicados-de-estágio (SCHMITT & MUNN, 1999, PIRES DE OLIVEIRA 2012). A análise inferencial conduzida de modo a tratar os dados sugere que há uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados para construções com predicados-de-estágio, mas testes estatísticos indicaram que a relevância nesse caso está relacionada à idade dos participantes dos grupos. Adultos e crianças não julgam essas construções da mesma maneira. Além disso, os resultados indicam a ausência de significância para os adultos dos dois grupos, ou seja, o contraste não foi significativo no julgamento dessas construções para os participantes adultos.

ABSTRACT

In this dissertation, I investigate the acceptability of three constructions that might be saturated by a subject bare singular: generic sentences, sentences with kind-predicates, and sentences with stage-level predicates. Considering that there is a lack of clarity when it comes to the knowledge of these structures by children and adult speakers of Brazilian Portuguese, three studies were lead in order to investigate it. Firstly, a longitudinal study was conducted to verify if constructions with subject bare singulars were to be found in a child's speech or in her input. The results suggest that before 4 years old children do not produce constructions with kind-predicates or with stage-level predicates, at least not as adults do. Moreover, before the age of 5 years children produce few bare singulars in subject position. In an experimental study, a research with 10 adult participants and 9 children acquiring Brazilian Portuguese was lead in order to investigate the acceptability of constructions of the language, also verifying if the presence of a context would license constructions with stage-level predicates. The adults' results suggest that this construction is not accepted as the generic or kind-predicate ones. This difference is statistically significant. When it comes to children, it was observed that they accept generic constructions and sentences with kind-predicates and stage-level predicates as well. The last study, applied to 24 adult native speakers and 44 children acquiring Brazilian Portuguese was to verify if a contrastive reading evoked by the context would improve the acceptability of constructions with stage-level predicates (SCHMITT & MUNN, 1999, PIRES DE OLIVEIRA, 2012). The inferential analysis of the data suggests that there is a significant difference among the judgments for stage-level predicates. However, it seems that it is not the case that this difference is related to the contrastive reading. Age is the significant factor. Therefore, adult speakers and children do not judge the constructions in a similar fashion. Besides that, the results indicate the absence of significance of contrast for the adult groups, i.e., contrastive readings evoked by the context do not improve the acceptability of sentences with stage-level predicates for these participants.

SUMÁRIO

1 Introdução……..1

1.1 Sobre o singular nu sujeito e genericidade……...3

1.2 A semântica do nominal singular nu……..15

1.3 Conclusão……7

2 Qual o status semântico do nominal singular nu na literatura?.....9

2.1 Retomando a discussão sobre os dois modos de ser genérico…… 9

2.1.1 Schmitt & Munn: um primeiro olhar sobre outras construções com o singular nu sujeito……..11

2.2 Trabalhos envolvidos na controvérsia sobre o status do singular nu sujeito……..14

2.2.1 Construções com predicados-de-espécie……14

2.2.2 Construções com predicados-de-estágio……16

2.3 Conclusão……...20

3 Estudos experimentais sobre o singular nu sujeito…… 21

3.1. Estudos com falantes adultos……... 21

3.1.1. Pires de Oliveira et al. (2010)..... 31

3.1.2. Mariano (2013)..... 23

3.1.3. Estudos de Ionin et al……. 26

3.1.4 Conclusão sobre os experimentos com participantes adultos…….….34

3.2 Estudos em aquisição de língua……..35

3.2.1 Lopes (2006)..... 35

3.2.2. Augusto (2007)..... 39

3.2.3. Santana & Grolla (2018)..... 42

3.2.4. Mariano (2018)..... 46

3.3 Conclusões sobre os estudos com crianças……....50

4 Estudo 1: Estudo de corpus e variação de input …….....52

4.1 Descrição do corpus……...…..54

4.2 Resultados……...….56

4.3 Discussão…… 57

5 Estudo 2: O efeito da presença de contexto……..60

5. 1 Objetivos…….. 60
5. 2 Método…….. 61
5.3 Procedimento……. 63
5.4 Participantes…….. 67
5.5 Resultados……. 68
5.5.1 Adultos……... 68
5.5.2 Crianças……...72
5.5.2.1 Grupo 1: 4;0-4;6 anos, N =4……72
5.5.2.2 Grupo 2: 7.0-8.0 anos, N= 5……75
5.6 Discussão……....77
5.7 Conclusão……...79
6 Estudo 3: O efeito da presença de leitura contrastiva.....81
6.1. Participantes…….. 84
6.2. Resultados……... 84
6.2.1. Construções genéricas……... 84
6.2.2. Construções com predicados-de-espécie……... 87
6.2.3. Construções com predicados-de-estágio……....89
6.3. Análise Inferencial……... 92
6.4 Discussão……... 97
6.5 Conclusão……...99
7 Comentários finais……....101
Referências……...105
Apêndices……..109

CAPÍTULO 1 - Introdução

No Português Brasileiro, vários nominais podem fazer referência a uma entidade/indivíduo. É possível, por exemplo, usar os nomes definidos (*o menino*, *os meninos*), indefinidos (*um menino*, *uns meninos*), ou ainda acompanhados por elementos intensificadores (*muitos meninos*, *poucos meninos*). Há ainda a possibilidade de combinar os nominais com números, a fim de quantificar a referência. Dessa forma, podemos falar de *um*, *dois*, *três*, até *mil meninos*.

Essa abundância do sistema linguístico apresenta consequências que chamam a atenção da literatura com relação a uma característica: a possibilidade de nominais nus ocuparem posições argumentais. É comum ver qualquer um dos nominais descritos acima como sujeitos ou objetos de uma sentença (exemplos: ***Um menino*** *comeu o doce* [sujeito]; *A mulher alimentou* ***um menino*** [objeto].

Se considerarmos a riqueza de informações veiculadas pelos sintagmas nominais descritos mais acima, torna-se pertinente verificar o quanto de informação um nominal sem qualquer determinante foneticamente realizado pode veicular. Assim, qual seria o significado de *menino* quando inserido em uma sentença da língua? Quando o mesmo nominal ocupa a posição de uma construção como ***Menino*** *gosta de jogar futebol*, ele não recebe a mesma leitura que em *Tinha* ***menino*** *jogando futebol no parque hoje de manhã*. No primeiro exemplo, parece que estamos considerando *menino* de modo genérico, isto é, todos os representantes da espécie *menino*. No segundo caso, o nominal recebe uma leitura mais específica. Ainda que mais de um menino tenha jogado futebol, o conjunto de meninos participando do evento de jogar futebol em um parque específico e em um momento específico é mais limitado.

Mais acima, nós vimos que no Português Brasileiro é possível usar vários nominais, a depender de como queremos definir ou não uma entidade. Para além da distinção entre nominal definido e indefinido, no caso do singular nu se destaca a noção de genericidade. Por sua vez, trata-se de um fenômeno semântico relacionado à veiculação de leituras genéricas para sentenças e sintagmas nominais. Assim, quando um nominal é genérico, ele denota todo o conjunto de entidades pertencentes a uma

determinada espécie. Pode ser o caso de ***Menino*** *gosta de jogar futebol*, como no exemplo discutido anteriormente. Há motivos para propor

que o sujeito dessa construção seja um nominal genérico, o que será discutido mais adiante neste capítulo

Apesar dessa disposição para a leitura genérica, a semântica do nominal singular nu está em discussão na literatura, ou seja, não há um consenso no que diz respeito a ela. No entanto, trabalhos sobre o tema foram realizados, e seus resultados indicam algumas perspectivas em que podemos nos basear para entender o que é que o singular nu denota.

Em linhas gerais, minha dissertação investiga o nome singular nu na posição de sujeito[1]. Assim sendo, não visa ao esclarecimento de qual é a semântica do nominal. A partir de algumas propostas sugeridas na literatura para construções com predicados-de-estágio, investiguei uma condição de licenciamento específica. De acordo com Schmitt & Munn (1999), a presença de uma leitura contrastiva pode deixar sentenças como ***Menino*** *jogou bola* mais aceitáveis, uma vez que elas parecem degradadas para falantes da língua.

Esta é uma proposta que em Schmitt & Munn não está clara, mas que pode ajudar a entender melhor a semântica do nominal com relação a outro tipo de predicado. Discuto mais abaixo que a literatura também argumenta sobre a possibilidade de o singular nu denotar espécies, o que pode ser verificado caso ele sature um predicado-de-espécie. Se esse tipo de construção for aceito em taxas altas por falantes da língua, poderíamos argumentar que ela é aceitável em Português Brasileiro. Essa conclusão assevera que mesmo sem um determinante, o singular nu pode denotar espécies em uma língua românica.

Levando em consideração que as crianças adquirindo a língua irão adquirir a semântica do nominal, bem como suas possibilidades de inserção em ambientes sintáticos, é significativo investigar o quanto dessas informações elas conhecem em diferentes momentos do processo de aquisição da língua. No que diz respeito ao contraste em construções com predicados-de-estágio, em que momento elas se tornariam sensíveis a essa condição de licenciamento? Além disso, será que esta informação estaria disponível no input?

Para responder estas perguntas, conduzi três estudos. Em um estudo longitudinal, investiguei a frequência com que o nominal singular nu aparece na fala de uma criança e de seus interlocutores. Dado o baixo número de construções com o singular nu encontrado em posição de sujeito nesse corpus, conduzi dois estudos experimentais para averiguar como

[1] Assumo que o nominal está em posição argumental de sujeito (Spec de IP ou TP). Embora a literatura apresente uma proposta em que o singular nu não seja um argumento legítimo, ocupando uma posição de tópico (MÜLLER, 2002), os julgamentos de adultos e crianças participantes de meus estudos sugerem que o nominal satura predicados-de-espécie, ocupando assim uma posição argumental nesta construção.

crianças e adultos julgam sentenças com predicados-de-espécie e com predicados-de-estágio. Nestes estudos, dada a proposta de que o contraste no contexto parece ser relevante para melhorar construções com predicados-de-estágio, investiguei se os adultos aceitam construções que respeitam esta condição a taxas mais altas que aquelas em que não há contraste. Também apliquei os mesmos experimentos com crianças para apurar se elas apresentam a mesma sensibilidade que os adultos com relação a essa condição.

Daqui em diante, neste capítulo, apresento discussões importantes para o estudo da semântica do nominal singular nu sujeito (singular nu sujeito). Isto porque antes de surgirem os questionamentos a respeito de como as crianças interpretariam construções com o nominal, esta questão se colocou com relação ao falante adulto de Português Brasileiro (doravante PB). Embora sejam discussões mais gerais, ajudam a compreender a motivação para a condução da presente pesquisa.

Assim sendo, antes de explorar o conhecimento que a literatura propõe para as crianças adquirindo PB como L1, apresentarei dois pontos da discussão sobre o PB adulto. Em primeiro lugar, discutirei algumas propostas teóricas relevantes para a semântica do singular nu. No capítulo seguinte, examinarei algumas propostas teóricas e experimentos que foram conduzidos com falantes nativos a fim de investigar a aceitabilidade de construções com o nominal quando em posição de sujeito.

Na seção (1.1) apresento o singular nu em linhas gerais. Dado que a distribuição deste nominal é controversa, parto do que é consensual na literatura para depois apresentar as diferentes propostas para a semântica do nominal, na seção (1.2). Cada uma dessas perspectivas diz respeito à maneira com que o fenômeno da genericidade se manifesta, conforme veremos mais abaixo.

1.1 Sobre o singular nu sujeito e genericidade

Em primeiro lugar, é importante definir o nominal singular nu com relação ao ambiente sintático de interesse para o meu trabalho. Uma vez que este é um elemento que tem ampla distribuição na língua, determinar alguns limites é necessário por razões de escopo. Mais adiante veremos mais detalhadamente o quanto essa variabilidade pode desempenhar um papel relevante para a aquisição. Os exemplos abaixo ilustram a variedade de contextos em que o nominal pode figurar na língua.

1. O iogurte de **maçã** faz bem para a saúde. [complemento de preposição]
2. **Maçã** faz bem para a saúde. [sujeito]
3. Comer **maçã** faz bem para a saúde.[2] [objeto]
4. **Maçã, pêra e ameixa** fazem bem para a saúde. [contexto de lista, sujeito][3]

A partir desses exemplos, é possível perceber que realmente o singular nu tem uma distribuição relativamente ampla na língua. Contudo, apesar dessa amplitude, nestas construções (1-4) os nominais não fazem referência a maçãs específicas, mas às propriedades da fruta, que fazem bem para a saúde de modo geral. Assim sendo, é possível que o fenômeno semântico da genericidade esteja atuando em algum nível das construções, como já comentei anteriormente. No entanto, em qual deles seria? Na sentença como um todo ou no nominal?

Para responder a essa pergunta, é importante verificar como a literatura define a genericidade. De acordo com o capítulo introdutório do livro 'The Generic Book' (CARLSON & PELLETIER, 1995), trata-se de um fenômeno semântico que pode se manifestar de duas maneiras. Assim, é possível ter uma interpretação genérica no nível da sentença, de modo que a proposição enunciada denota uma regularidade ou propriedade geral, como se observa em (5). Neste caso, os autores classificam este tipo de construção como 'sentenças caracterizadoras'[4].

No entanto, em (6) abaixo é possível que a genericidade se manifeste no nível do nominal também, de modo que o próprio nome denota toda a espécie de entidades designadas por este nominal. Esses nominais, por sua vez, são denominados 'sintagmas nominais de referência a espécie'[5].

Diante disso, observe os exemplos abaixo.

5. **Cuidar de criança** dá muito trabalho.

---

[2] A literatura discute que nestes casos o nominal passaria por um processo de incorporação (ou pseudo-incorporação) semântica, já que o nominal pode ser interpretado junto com o verbo em uma leitura cumulativa. Dessa forma, em 'Comer maçã faz bem para a saúde', o verbo não é interpretado individualmente, mas como 'comer maçã' e não 'comer pêssego', por exemplo. Embora não discuta esses casos no presente trabalho, recomendo a leitura de Baker (1988, 1996) e Taveira da Cruz (2008) como material para um melhor conhecimento sobre esta proposta.

[3] Apresento o contexto de lista aqui não porque diga respeito à distribuição do nominal, mas porque, como veremos mais abaixo, Munn & Schmitt (1999) notaram que construções em que os nominais são listados em posição de sujeito são mais aceitas quando combinadas com certos tipos de predicado.

[4] Do inglês 'characterizing sentences' (CARLSON & PELLETIER, p.3). Tradução minha.

[5] Do inglês 'Kind-referring NPs' (CARLSON & PELLETIER, p.2). Tradução minha.

6. **O telefone** foi inventado por Graham Bell.

Em (5), temos uma construção em que a genericidade está no nível da sentença. Assim, o que é genérico é a proposição denotada pela construção, e não o nominal. Por outro lado, no caso de (6), não temos uma interpretação de regularidade que seja expressa pela sentença. É a partir do nominal que entendemos que a espécie de telefones como um todo foi inventada por Graham Bell, o que inclui até os modelos de telefone que não foram desenvolvidos pela mesma pessoa.

Dado que há diferentes possibilidades de posição para o singular nu ocupar e as duas maneiras de manifestar genericidade, é válido questionar se o referido nominal denota espécie, isto é, se é intrinsecamente genérico. Este é um questionamento que foi discutido em alguns trabalhos, os quais apresento mais abaixo.

1.2 A semântica do nominal singular nu

Tendo em vista as modalidades da genericidade e os contextos em que o nominal singular nu pode aparecer, é interessante investigar qual das duas melhor explica seu status semântico. É possível tanto que seja intrinsecamente genérico (PIRES DE OLIVEIRA ET AL. 2010), como comentei mais acima, quanto que seja um nominal massivo (PIRES DE OLIVEIRA & ROTHSTEIN, 2011) ou um indefinido genérico (MÜLLER, 2003). Assim, é a partir deste momento que as controvérsias teóricas começam a aparecer.

Em resumo, é um consenso na literatura que construções genéricas com o singular sujeito são boas (MENUZZI ET AL 2015), como é o caso de (2). No entanto, para afirmar que o nominal pode ser intrinsecamente genérico, ou seja, que faz referência a espécies, é necessário verificar se ele pode ocupar ambientes sintáticos permitidos somente a nominais com esse tipo de semântica. Como eu disse anteriormente, verificar se o nominal satura um predicado-de-espécies é uma maneira de investigar se um nome faz referência a espécies ou não.

No PB, sabe-se que o nominal definido singular é, por excelência, um nominal que denota espécies. Como vimos em (6), construções com predicados-de-espécie do tipo ‘inventar’ ou ‘estar extinto’ são aceitáveis na língua. Isso porque apenas um nome que denota espécies pode saturar esse gênero de predicado. Entretanto, quando trabalhos investigam

sentenças em que o singular nu satura um predicado-de-espécie, os julgamentos dos autores diferem.

No que diz respeito a (7), por exemplo, há trabalhos que a consideram completamente aceitáveis na língua (DOBROVIE-SORIN & PIRES DE OLIVEIRA 2007, PIRES DE OLIVEIRA ET AL. 2010, PIRES DE OLIVEIRA & MARIANO 2011,PIRES DE OLIVEIRA & ROTHSTEIN 2011a, 2011b, MENUZZI ET AL. 2015), enquanto outros artigos argumentam que se trate de uma estrutura agramatical[6] (MÜLLER 2000, 2001, 2002, 2003, 2004a, 2004b; MARTINS & BORGES 2015).

7. **Tigre-de-java** está extinto.

No próximo capítulo, apresentarei estudos que apresentam propostas que tentam capturar qual seria a aceitabilidade de construções como (7) tendo em vista os julgamentos dos próprios autores. Como essas propostas têm por base poucos julgamentos, dado o caráter introspectivo dos estudos em que são apresentadas, fica evidente a importância de conduzir experimentos que venham a corroborá-las. O mesmo se aplica ao que a literatura propõe para construções com predicados-de-estágio, que também são fundamentais para entender a semântica do singular nu e para o presente estudo.

Nesse ínterim, a saturação deste tipo de predicado também ganhou muita relevância na literatura. Como mencionei anteriormente, os nomes que fazem referência a espécie possuem algumas especificidades que outros nominais não têm. Considerando o fato que predicado-de-estágios fazem referência a um evento específico, se forem saturados por um nome que denota espécies, compreende-se que toda a espécie participou do evento em

[6] Nos trabalhos de Müller a autora argumenta pela agramaticalidade das construções. Por esta razão, utilizo o termo *agramatical* aqui. No entanto, ao longo do trabalho, prefiro trabalhar com a nomenclatura aceitabilidade/inaceitabilidade seguindo Ionin et al. (2018), que cita o trabalho de Cowart (1997). Em Cowart., por sua vez, defende-se que um experimento não pode, diretamente, medir a gramaticalidade ou agramaticalidade de uma construção, tratando-se de um conceito abstrato. Assim sendo, toda sentença é gramatical ou agramatical de acordo com restrições existentes na gramática mental de um determinado falante. Assim, só faria sentido usar esse termo no presente trabalho se eu estivesse comparando propostas de gramáticas diferentes, o que não é o caso. O que fiz nos meus experimentos foi checar aceitabilidade de construções específicas com o singular nu sujeito. Os experimentos apenas medem a aceitabilidade ou inaceitabilidade de sentenças com nominal nu singular Por conta disso, usarei as expressões aceitabilidade/inaceitabilidade quando estiver falando de meus experimentos. Quando estiver comentando outros estudos, seguirei o termo utilizado pelos autores para ser fiel aos seus escritos, mas o leitor deve ter em mente a distinção feita aqui.

questão. É o que podemos verificar em (8), por exemplo. Usando o definido, trata-se de uma construção gramatical na língua.

8. **A maçã** chegou ao Brasil em meados da década de 1920.

No entanto, quando substituímos o singular definido por um singular nu, o resultado não parece natural. É o que observamos em (9), a seguir.

9 ?**Maçã** chegou ao Brasil em meados da década de 1920.

Tendo em vista que essa construção parece inaceitável em PB, seria possível supor que o singular nu não é um nome que denota espécie, pelo menos não como o definido singular. Contudo, como comentarei no capítulo seguinte, alguns trabalhos argumentam que construções como (9) podem se tornar mais aceitáveis quando algumas condições de licenciamento são aplicadas (SCHMITT & MUNN 1999, PIRES DE OLIVEIRA 2012, MENUZZI ET AL. 2015, entre outros).

Nesse cenário, quando relembramos que o propósito do presente estudo é investigar o conhecimento que as crianças adquirindo o PB têm a respeito de construções como (7) e (9), entender se elas são sensíveis ao contraste presente no contexto é conveniente. Além disso, dada a abrangência de contextos em que o singular nu pode figurar, quando é que elas manifestam um comportamento similar ao adulto com relação a essas sentenças?

Mais adiante comentarei um pouco mais a respeito da variabilidade do input, tema que neste contexto suscita discussões significativas uma vez que estruturas como (7) e (9) raramente são enunciadas.

1.3 Conclusão

Neste capítulo, apresentei em linhas gerais as motivações que me levaram a estabelecer os objetivos desta pesquisa. Em primeiro lugar, há uma controvérsia na literatura no que diz respeito ao status semântico do singular nu quando ele é o sujeito de construções com predicados-de-espécie ou predicados-de-estágio. Nesse cenário, não está claro o que restringiria a derivação dessas construções, ou como as crianças adquirem essas restrições.

Assim sendo, elaborei dois estudos experimentais e conduzi um um estudo de dados espontâneos a fim de contribuir com o que já sabemos a respeito do singular nu. Contudo, antes de descrevê-los em detalhe, apresentarei um panorama teórico sobre a semântica do singular nu no capítulo 2. Em seguida, no capítulo 3, discuto os estudos experimentais que já foram feitos a fim de entender a distribuição do singular nu.

No capítulo 4 apresento o estudo longitudinal que fiz sobre um corpus escrito que contém gravações de uma criança mais nova que foi gravada pela Profa. Dra. Ester Mirian Scarpa. Uma vez que não ficou claro qual o conhecimento desta criança sobre construções com o singular nu sujeito, já que são escassas tanto em sua fala quanto na de seus interlocutores, desenvolvi dois estudos experimentais. O primeiro é apresentado no capítulo 5, em que investiguei a influência da presença/ausência de contexto sobre construções com predicados-de-estágio. No capítulo 6, apresento o segundo estudo, que foi conduzido de modo a verificar o papel da leitura contrastiva sobre as taxas de aceitabilidade do mesmo tipo de construção. Por fim, no capítulo 7, apresento a conclusão desta dissertação.

CAPÍTULO 2 - Qual o status semântico do nominal singular nu na literatura?

No capítulo anterior, comentei sobre a controvérsia teórica que envolve os estudos sobre o singular nu sujeito. Na realidade, a discussão vai muito além dos julgamentos dos falantes sobre as construções de interesse para o presente trabalho. Uma vez que as opiniões diferem sobre o quanto uma sentença é ou não aceitável, muitos autores propõem uma análise para a semântica do nominal que justifique a maneira como entendem sua distribuição.

Dessa forma, levando em consideração essas diferenças, apresento neste capítulo as propostas teóricas mais relevantes para este estudo. Nesse contexto, ser relevante significa ter algum tipo de relação com as construções que serão discutidas aqui: aquelas em que o singular nu sujeito satura predicados-de-espécie ou predicados-de-estágio. Assim sendo, trabalhos que discutam a semântica do singular nu objeto ou complemento de preposições, por exemplo, não serão examinados.

Além disso, a exposição dos trabalhos segue uma linha cronológica, com o objetivo de mostrar como a discussão sobre a semântica do singular nu sujeito do PB se desenvolveu ao longo dos anos. Com relação ao andamento das pesquisas, observamos em cada trabalho uma tendência ao aperfeiçoamento na condução dos estudos. Um sinal disso é o aumento na quantidade de análises embasadas em experimentos. No próximo capítulo, veremos que propostas exclusivamente teóricas passaram a ser testadas com falantes adultos e/ou crianças, e que os resultados desses testes já podem indicar quais sentenças são amplamente aceitáveis na língua.

2.1 Retomando a discussão sobre os dois modos de ser genérico

Como vimos anteriormente, a genericidade pode se manifestar de duas maneiras nas línguas naturais: por meio de sentenças genericamente quantificadas ou por meio de nomes que fazem referência a espécies. No presente trabalho, discuto esta segunda modalidade de genericidade, uma vez que a controvérsia teórica se concentra na possibilidade de o singular nu poder denotar espécie ou não.

Contudo, é importante considerar também o status de construções que já sabemos ser aceitáveis na língua. É o caso das sentenças genéricas como (2) e (5), repetidas a seguir.

2 **Maçã** faz bem para a saúde.

5 **Cuidar de criança** dá muito trabalho.

Nesses casos, aparentemente podemos ter as duas modalidades de genericidade operando sobre a interpretação das estruturas. Como vimos no capítulo anterior, as construções caracterizadoras apresentam a genericidade no nível da sentença. Dessa forma, manifestam regularidades no mundo. De acordo com (5), por exemplo, é uma regularidade afirmar que cuidar de crianças dá trabalho.

No entanto, a partir de sentenças como (2) e (5), não é possível identificar com clareza qual seria a contribuição semântica do nominal, caso ele também denote espécie. De acordo com Müller (2003), neste tipo de construção, o singular nu é um indefinido genérico. Assim sendo, não é capaz de denotar diretamente espécies. Nesse contexto, o nominal é compreendido como um indefinido heimiano, isto é, nos termos de Heim (1982), como veremos a seguir.

Dessa forma, uma sentença como (5) pode ser compreendida de maneira análoga a uma construção condicional. Isso significa que a semântica do singular nu funciona como uma restrição diante da semântica da construção genérica, que é a parte nuclear da sentença. A estrutura em (10') abaixo ilustra esta perspectiva.

10. Cuidar de **criança** dá trabalho.

10'.GEN x (Restrição [x]; Matriz [x])

GEN x (criança x; cuidar de x dá trabalho)

"Geralmente, se x é uma criança, então cuidar de x dá trabalho.

O que vemos em (10'), portanto, é que o nominal singular nu representa uma condição que está sob o escopo de um operador genérico. Visto que a restrição está subordinada ao operador, a genericidade se aplica no nível da estrutura inteira, gerando a interpretação final de que cuidar de crianças em geral dá trabalho.

No entanto, dado que existe uma discussão sobre a possibilidade de o nominal singular nu denotar espécie, é importante considerar que interpretá-lo como um indefinido heimiano não seja o mais adequado, mesmo nas construções genéricas. Em alguns estudos

experimentais que serão discutidos mais adiante, os resultados sugerem que o nominal pode

denotar espécies, ou seja, é intrinsecamente genérico. Assim, parece desnecessário e teoricamente custoso argumentar que ele seja semanticamente ambíguo: indefinido em uma sentença que é claramente genérica, além de ser também um nome de referência a espécies nas demais construções em que pode figurar na posição de sujeito.

Diante dessa controvérsia teórica, a literatura apresenta estudos tanto teóricos quanto experimentais que visam ao esclarecimento do que é a semântica do singular nu sujeito a partir de algumas observações. Em primeiro lugar, é possível descrever construções que são claramente aceitáveis na língua, como as genéricas. No entanto, também é possível verificar construções que não parecem tão aceitáveis, é assim postular algumas condições para que elas sejam mais aceitas. É este o caso das construções com predicados-de-estágio, que veremos em seguida.

2.2 Schmitt & Munn: um primeiro olhar sobre outras construções com o singular nu sujeito

Em 1998, Gennaro Chierchia publicou um artigo intitulado *Reference to Kinds Across Languages*. Neste trabalho, o autor postula a existência de um parâmetro semântico que regularia a distribuição dos nominais nas línguas naturais. Além disso, esse parâmetro determinaria se uma língua permite que seus NPs denotem espécies, predicados ou os dois. Assim, a partir das diferentes configurações de marcação deste parâmetro, seria possível obter uma tipologia de todas as línguas no que diz respeito aos seus sistemas de nominais. Trata-se de do Parâmetro de Mapeamento Nominal, que prevê línguas diferentes a partir da combinação dos seguintes traços semânticos nos nomes: [± arg], que atribui ao nominal a propriedade de ocupar uma posição argumental ou não, e [± pred], que atribui a propriedade de ser interpretado como um predicado ou não. Um nominal [+ arg] pode aparecer em posição argumental sem a necessidade de modificadores (como determinantes), mas um nominal [- arg] não pode (necessitando ser combinado com um determinante para que ele apareça nessa posição). Nominais [+ pred] não podem figurar em posição argumental, já que são predicados.

(11) O Parâmetro de Mapeamento Nominal das línguas naturais

a. línguas [+arg, -pred]

Os nominais em geral são nus;
Todos os nominais são
massivos; Morfologia de plural
inexistente;
Apresentam algum tipo de sistema de classificadores;
Exemplo: Chinês.

b. línguas [-arg, +pred]

Nominais nus não podem ocupar posições
argumentais;

Há a distinção entre contável e massivo;
Há morfologia de plural;
Exemplo: Francês.

c. línguas [+arg, +pred]

Apenas nominais nus plurais ou massivos podem ocupar posições argumentais;

Não apresenta nominais nus contáveis e singulares;
Apresentam morfologia de plural;
Exemplo: Inglês.

d. línguas [-arg, -pred]
Línguas inexistentes.

Ao analisar esse parâmetro, Schmitt & Munn escreveram uma série de artigos (1999, 2002a, 2002b, 2003, 2005) a respeito de como o PB parece não se encaixar na tipologia que Chierchia prevê. Levando em consideração suas observações sobre o singular nu, os autores destacaram o fato de que o parâmetro de Chierchia conjectura que qualquer língua que apresente a distinção entre nomes singulares e plurais também deve restringir a distribuição de seus nominais nus. Dessa forma, nestas línguas, esse tipo de nominal só poderia figurar em posição argumental se fosse plural ou massivo.

Diante dessa configuração, o PB se destaca, uma vez que apresenta a distinção de

número e permite que nominais nus singulares ocupem a posição argumental de sujeito em sentenças genéricas do PB, como vimos mais acima.

No entanto, essa distribuição não parece ser tão livre. Assim, visto que parece haver algum tipo de restrição regulando a aceitabilidade de construções com o singular nu, Schmitt & Munn inauguraram as discussões sobre quais seriam os ambientes sintáticos em que o nominal seria aceitável ou não. Destas, destacam-se suas propostas para construções com predicados-de-espécie e predicados-de-estágio (aos quais muitos trabalhos também se referem como sentenças episódicas).

No que diz respeito à posição de sujeito, em Schmitt & Munn (2002) e Munn & Schmitt (2005), discute-se a proposta teórica de que as línguas românicas apresentam um parâmetro que permite dividir as categorias *Tense* e *Agreement* em categorias funcionais diferentes ou conservá-las fundidas. Trata-se do Free Agr Parameter, proposto por Bobaljik (1995). De acordo com os autores, o PB é uma língua em que as categorias mencionadas podem se dividir, de modo que a categoria de número fica separada de Agr. Essa marcação do parâmetro, por sua vez, resulta em uma interpretação não especificada para número no singular nu do PB. Isso se justifica na medida em que podemos retomar esse nominal tanto por anáforas plurais ou singulares, como é possível observar em (12).

12. **Coelho** vê o mundo de outra maneira porque é pequeno/porque eles são muito pequenos.[7]

Veremos que esse tipo de dado a princípio se confirma em Lopes (2006) e Santana & Grolla (2018), este último um estudo realizado com adultos e crianças que será discutido na seção seguinte.

Voltando ao trabalho de Schmitt & Munn, os autores discutem que o singular nu sujeito pode saturar tanto predicados-de-espécie quanto predicados-de-estágio. No entanto, não discutem essas construções com muito detalhe. Apenas ressaltam que, no caso das sentenças com predicados de estágio, a combinação pode ser um tanto quanto marcada se não houver uma leitura cumulativa envolvida, como é o caso do contexto de lista em (13). Além disso, os autores notam que a presença de um foco contrastivo também melhora essas construções consideradas marcadas na língua, como é o caso de (14). No que diz respeito a construções com predicados-de-espécie como (15), nenhum tipo de restrição é discutida.

13. **Mulher, homem e criança** chegaram atrasados ontem.

[7] Exemplo extraído de Munn & Schmitt (2005, p. 825).

14. **Mulher** discutiu política, **homem** discutiu futebol.
15. **Beija-flor** é raro em São Paulo.[8]

Embora os autores não tenham discutido essas construções muito detalhadamente, apenas o fato de terem fornecido julgamentos e possíveis condições de licenciamento para as mesmas já bastou para dar início aos estudos posteriores que passaram a se debruçar sobre o tema. Por algum momento, bastou que trabalhos teóricos discutissem essas estruturas mais a fundo. No entanto, não demorou muito até que estudos experimentais começassem a ser conduzidos.

Antes de falar sobre eles, comento ainda alguns trabalhos teóricos que argumentam a respeito da semântica do singular nu com relação às construções de interesse do estudo. A partir da exposição destes estudos, veremos o quanto o tema é controverso. Assim, o leitor terá subsídios para entender a motivação para a aplicação dos experimentos que discutirei mais adiante. Destes, destacarei dois para comentar com mais pormenores, já que inspiraram as hipóteses de minha pesquisa.

2.3 Trabalhos envolvidos na controvérsia sobre o status do singular nu sujeito

2.3.1 Construções com predicados-de-espécie

Os trabalhos que defendem a possibilidade de o nominal singular nu denotar espécie, e que serão discutidos nesta seção, têm por base principalmente o julgamento de seus autores. Por consequência, desde a primeira exposição abrangente sobre as propriedades do singular nu, feita por Schmitt & Munn (1999), a literatura tem apresentado uma grande divergência com relação à aceitabilidade de sentenças com o nominal se combinando com predicados-de-espécie, como é o caso do exemplo em (13) (PIRES DE OLIVEIRA 2014, PARAGUASSU & BORGES 2015).

13. **Dinossauro** está extinto.

[8] Exemplo extraído de Schmitt & Munn (2002, p. 187).

Conforme mencionado anteriormente, é sabido que os nominais que saturam predicados-de-espécie são expressões de referência a espécie, necessariamente. Nesse contexto, os autores que consideram a construção em (13) aceitável em PB defendem que o singular nu denota espécie na língua. Por outro lado, os autores que julgam (13) inaceitável, argumentam que o referido nominal não denota espécie e, para isso, de acordo com Menuzzi et al. (2015), é necessário propor que a língua restringe a derivação dessas sentenças, de alguma maneira.

Müller (2001), por exemplo, propõe que exista uma restrição de foco sobre essas construções, de modo que, se o nominal receber foco, a aceitabilidade de uma sentença como (13) melhora. De maneira similar, Schmitt & Munn (1999) indicaram que fatores como a proeminência prosódica, lista e leituras contrastivas também podem ter algum efeito sobre a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio com o singular nu sujeito, como vimos mais acima. Assim sendo, podemos pensar que, para esses autores, as sentenças do conjunto abaixo seriam mais aceitas pelos falantes do que a sentença em (13) se essa restrição for aplicada com predicados-de-espécie também.

14. **DINOSSAURO** está extinto. [foco/proeminência prosódica]
15. **Dinossauro** está extinto**, baleia-azul** ainda não. [leitura contrastiva]
16. **Dinossauro e mico-leão-dourado** já estão extintos. [lista]

A controvérsia nos julgamentos dos autores, portanto, torna evidente a necessidade de estudos experimentais que analisem como uma amostra maior de falantes da língua julga esse tipo de sentença, até mesmo para verificar se as restrições apontadas de fato melhoram a aceitabilidade de construções em que o singular nu satura um predicado-de-espécie. Além disso, também seria possível detectar se há uma diferença dialetal que explique os diferentes julgamentos encontrados na literatura. Assim, não descarto a possibilidade de que estejamos falando de dialetos diferentes, e que por esse motivo observamos julgamentos distintos.

Considerando essa possível distinção dialetal, examino as propostas contrárias à possibilidade de o singular nu denotar espécie. São discutidas com base nos julgamentos de Müller (2000, 2001, 2002, 2003, 2004), principal autora que defende essa perspectiva teórica. De acordo com a autora, a construção em (13) é agramatical porque, além de não se combinar

com um predicado-de-espécie, o nominal singular nu é um indefinido genérico nos

termos de Heim (1982), como já comentei mais acima. Sua proposta é de que as sentenças em que o singular nu pode figurar em posição pré-verbal é que são genéricas, não o nominal.

Nos experimentos que descreverei posteriormente, apresento resultados de julgamentos de aceitabilidade tanto para construções genéricas quanto para construções com predicados-de-espécie. Obter taxas de aceitação similares para os grupos de adultos testados sugere que as construções são aceitas pelo menos para uma parte dos falantes da língua, de modo que argumentar em favor de sua agramaticalidade se torna forte demais. Veremos que é isso o que de fato ocorre.

2.3.2 Construções com predicados-de-estágio

No tocante a construções em que o singular nu precede predicados-de-estágio ou episódicos, os julgamentos dos autores para essas sentenças têm determinado as propostas para a aceitabilidade das construções (SCHMITT & MUNN 1999, 2004, MENUZZI ET AL. 2015), o que é de praxe. No entanto, a diferença entre os julgamentos dos autores sempre acabará nos levando a propor diferenças dialetais que as justifiquem. Assim, é importante ver como uma amostra maior de falantes da língua julgam esse tipo de construção a fim de verificar se as taxas de aceitação para essa amostra também levam a propor algum tipo de variação.

Como mencionei anteriormente, o debate com relação aos predicados-de-estágio reside no fato de que esse tipo de predicado necessariamente força uma leitura existencial sobre seu argumento (SCHMITT & MUNN 1999, 2004), isto é, a sentença faz referência a uma situação em que um estágio da espécie participa de um evento, não a espécie inteira. Como mencionamos no capítulo anterior o nominal *menino* não tem a mesma leitura em ***Menino*** *gosta de jogar futebol* e *Tinha* ***menino*** *jogando futebol no parque*. Na primeira construção o nominal recebe leitura genérica, enquanto na outra construção recebe uma leitura mais específica. Neste caso, a semântica do verbo tem um papel importante, já que é muito mais difícil encontrar contextos em que a espécie toda participa de um evento.

No exemplo (17) abaixo, temos um evento denotado pelo verbo *brincar*. Além disso, a sentença também situa esse evento em um momento específico, que é anterior ao momento

de fala do enunciado, isto é, *ontem*. Assim sendo, se de fato o nominal singular nu denota

espécie, a princípio o enunciado em (17) parece estranho, pois, para satisfazer as condições de verdade da sentença, todos os membros da espécie *menino* teriam de ter participado do evento *brincar* um dia antes do momento de fala.

17. ? **Menino** brincou ontem.

Embora (17) seja mais marcada, quando consideramos outros tipos de predicados-de-estágio, como em (18), e a expressão de referência a espécies canônica do PB (Müller 2003, entre outros trabalhos), que é o singular definido, observamos que é possível que um argumento de espécie se combine com esse tipo de predicado. Assim, a sentença denota que toda a espécie participou de um evento específico, satisfazendo assim as condições de verdade da construção.

18. **A batata** foi cultivada pela primeira vez na América do Sul.[9]

Ao analisar esse tipo de construção, Pires de Oliveira (2012), contra Munn & Schmitt (1999), aponta que, em sentenças com o singular nu, que tenham a mesma configuração de (17) ou (18), independentemente do predicado-de-estágio empregado, a construção só pode ser feliz se o nominal expressar toda a classe da entidade em questão, sem individualizar nenhum de seus membros. De acordo com a autora, se um contexto favorecer uma leitura de espécie para o nominal, então a sentença com o predicado-de-espécie será aceitável. Assim sendo, para a autora, o singular nu sempre denota espécie em PB, e uma construção como (17) pode ser mais aceitável para os falantes. No entanto, apenas se o contexto fornecer alguma maneira de destacar que *menino* deve ser interpretado como espécie.

Para Pires de Oliveira, o contexto pode auxiliar na leitura de espécie por meio da proposta de Predicação Derivada de Espécie[10], discutida em Chierchia (1998). De acordo com a autora, é possível depreender de uma sentença que uma espécie participou de um evento mesmo que os membros dessa espécie não estejam todos envolvidos no contexto em que ela é enunciada. É nesse sentido que a predicação de espécie é derivada: o envolvimento

[9] Exemplo extraído de Müller (2003, p.160).
[10] Do inglês Derived Kind Predication. Tradução minha.

de parte

de seus membros satisfaz as condições de verdade da construção de modo que é possível interpretar o nominal como se ele denotasse a espécie inteira.

Assim, fora de um contexto, (17) não é possível obter a predicação derivada da espécie *menino*, o que torna a sentença inaceitável. No entanto, quando inserimos a construção em um contexto em que o fato de ser um menino, e não menina, é relevante, ela se torna menos deteriorada. Tome como exemplo uma escola de educação infantil que está passando por reformas. Por esse motivo, os pais das crianças foram avisados que não há espaço para todas as crianças brincarem juntas no pátio, então os meninos e as meninas têm de revezar para poder brincar. Por essa razão, os meninos brincam em um dia e as meninas brincam no outro. Em uma ocasião, um dos pais dos meninos esquece que o filho brincou no dia anterior e entrega para ele uma bola de futebol para brincar mais tarde. Em resposta o filho responde *Menino brincou ontem, hoje é o dia das meninas*. Neste caso, há a leitura derivada de espécie e a construção fica mais aceitável. As alternativas apresentadas na sentença são sempre espécies, evocadas pela leitura contrastiva presente no contexto.

Ao refletir sobre a proposta de Pires de Oliveira (2012), Menuzzi, Figueiredo Silva e Doetjes (2015) também discutem a aceitabilidade de construções com o singular nu sujeito nesse contexto de predicado-de-estágio. Para os autores, o singular nu também é um nome que denota espécie. No entanto, para que uma sentença com predicados-de-estágio seja aceita na língua, os autores postulam outra questão contextual que deve ser levada em consideração. De acordo com eles, é necessário que "contextualmente, o falante queira transmitir algo que tenha a ver com a espécie em questão" (p. 23). É nesse sentido que eles apresentam o conceito de "relevância contextual": para que a sentença seja boa, o singular nu sujeito tem que fazer referência a uma espécie relevante para o contexto em que a construção é enunciada..

Os autores discutem ainda que a relevância contextual tem a ver com situações de diálogo. Assim, um enunciado relevante contextualmente seria qualquer construção em que se providencia uma resposta para uma questão sendo discutida. Dessa forma, se o singular nu denotar a espécie relevante para essa discussão, uma construção com o predicado-de-estágio provavelmente será aceita.

Apesar de seguir uma linha de raciocínio a princípio parecida com a de Pires de Oliveira (2012), quando os autores discutem ainda o papel do contraste na aceitabilidade das

construções, as propostas são diferentes. De acordo com Menuzzi et al., embora o contexto

ajude a reforçar a intenção do falante de falar sobre uma espécie, não é imprescindível que o contexto reforce uma leitura contrastiva, apresentando alternativas, por exemplo, para que sentenças com predicados-de-estágio saturadas pelo singular nu sujeito sejam aceitáveis. Dessa forma, o contraste não representaria uma condição de licenciamento para essas sentenças.

Para explicar melhor essa proposta, volto ao mesmo contexto acima. Considere, no entanto, que, em vez de o pai entregar a bola de futebol para o filho, ele pergunte para uma das mães *Quem brincou ontem?*, ao que ela aponta para várias meninas carregando seus brinquedos e responde: *Menino, é claro*. Tanto na fala do pai quanto na fala da mãe não aparece nenhum conjunto de alternativas que favoreça a interpretação contrastiva de forma óbvia. No entanto, quando o pai pergunta quem brincou, de acordo com Menuzzi et al., na verdade, ele está fazendo uma pergunta sobre a espécie que brincou. Por essa razão, evoca-se uma leitura contrastiva, já que a distinção entre *menino* e *menina* se torna uma questão relevante contextualmente.

Por outro lado, para os autores, nem sempre o contraste é responsável por tornar uma espécie relevante contextualmente. Em algumas situações, o fato de alguns membros de uma espécie estarem envolvidos em um evento pode ser surpreendente a ponto de que simplesmente relatar o que aconteceu é relevante contextualmente. Dessa forma, quando alguém pergunta *Por que o cientista ficou tão assustado?*, e recebe como resposta P*orque dinossauro apareceu na frente dele*[11], não há contraste. No entanto, o fato de um dinossauro, que é um animal extinto, ter aparecido é suficientemente surpreendente a ponto de o uso do singular nu nessa construção não deixar a sentença inaceitável.

Assim, as propostas de Menuzzi et al. e Pires de Oliveira diferem essencialmente no que diz respeito à necessidade de o contexto evocar uma leitura contrastiva para melhorar a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio. No entanto, são propostas que não foram testadas empiricamente. Assim,meu trabalho dialoga diretamente com elas, como veremos mais adiante, uma vez que investigo se a presença de um contraste evocado pelo contexto é um fator que melhora a aceitabilidade de construções com o predicado-de-estágio.

De todo modo, de maneira semelhante à questão dos predicados-de-espécie, ressalto a importância de que esse tipo de proposta teórica seja testada com uma amostra maior de

[11] Exemplo extraído de Menuzzi et al. (2015, p. 33).

falantes, isto é, em estudos experimentais em que os únicos julgamentos discutidos não sejam

os dos próprios autores. Dados de estudos experimentais tornam-se indispensáveis para que saibamos, por exemplo, se fatores pragmáticos como a relevância contextual ou contraste melhoram ou não sentenças em que o singular nu pré-verbal antecede um predicado-de-estágio.

2.4 Conclusão

Vimos mais uma vez neste capítulo, que o fenômeno semântico da genericidade pode se manifestar de duas maneiras nas línguas naturais: ou no nível da sentença, como uma sentença genericamente quantificada, ou no nível do nominal, como uma expressão de referência a espécies.

Os trabalhos que investigam a distribuição do nominal singular nu do PB se dividem em duas propostas principais: i) o nominal pode expressar genericidade na língua, podendo, portanto, fazer referência a espécies e, para alguns autores, ocupar a posição argumental de predicados-de-estágio; ii) o nominal não pode expressar genericidade na língua, de modo que sempre que o singular nu ocupar a posição pré-verbal de uma sentença do PB, gerando uma sentença aceitável na língua, será uma construção genérica. Visto que que o predicado envolvido não pode ser nem um predicado-de-espécies, nem um predicado-de-estágio, construções nestes moldes seriam inaceitáveis.

Uma vez que essas propostas estão embasadas principalmente em julgamentos de aceitabilidade dos próprios autores, destaquei mais acima a necessidade de aplicar experimentos que indiquem o julgamento de mais falantes de PB. Os resultados desse tipo de estudo fornecem evidências mais robustas para indicar qual é a distribuição do nominal no PB. Como apontam Menuzzi et al. (2015), se considerarmos apenas os trabalhos discutidos acima, poderíamos até falar em uma variação dialetal, no que diz respeito ao singular nu, pois os autores julgam as mesmas sentenças de maneiras diferentes.

No capítulo a seguir, apresento os principais estudos experimentais sobre o nominal singular nu do PB.

CAPÍTULO 3- Estudos experimentais sobre o singular nu sujeito

Neste capítulo, apresento alguns estudos de caráter experimental que têm como objetivo investigar construções do PB que apresentam o singular nu, dada a necessidade de sabermos como mais falantes julgam essas sentenças. A seção 3.1 dispõe estudos aplicados com falantes nativos adultos e a seção 3.2 apresenta estudos em aquisição de PB como primeira língua.

3.1. Estudos com falantes adultos

3.1.1. Pires de Oliveira et al. (2010)

Em Pires de Oliveira, Coelho da Silva e Bressane (2010) apresentam-se os resultados de um teste psicolinguístico de aceitabilidade realizado com 200 sujeitos. O objetivo do estudo era verificar se, para falantes de PB, sentenças com o singular nu denotando espécie seriam classificadas como aceitáveis ou não, além de informar qual o grau de aceitabilidade que elas apresentariam.

Foram elaboradas 24 sentenças experimentais que contemplavam 4 tipos de estrutura em que nominais encabeçavam sentenças encaixadas:1) singular nu + predicado de espécie (*O Carlos disse que **batata** é rara nessa região.*); 2) definido singular + predicado de espécie (*O Carlos disse que **a batata** é rara nessa região*.); 3) singular nu + predicado episódico (*O João disse que **café** chegou no Brasil em 1990.*); 4) definido singular + predicado episódico (*O João disse que **o café** chegou no Brasil em 1990*.).

Os participantes, no experimento, deveriam indicar seu julgamento sobre a aceitabilidade das construções em uma escala de 4 possibilidades, que partia da aceitação total, indicada com a figura de um rosto sorridente, para a não aceitação total, indicada pela figura de um rosto triste. Era possível também indicar o julgamento por meio de 2 julgamentos intermediários, entre o rosto sorridente e o triste. No entanto, essa escala não tinha mais possibilidades claras, com rostos indicando expressões medianas. Por essa razão, os autores decidiram dividir a linha de gradação em três zonas. Assim, atribuíram nota 100 para os julgamentos que anotaram o rosto sorridente ou próximo dele; a nota 50 para os dois julgamentos intermediários, e nota zero para julgamentos anotados no rosto triste ou perto

dele.

Para os autores, analisar estruturas com o singular nu em contraponto ao definido singular é relevante, porque, conforme já comentei mais acima, este nominal é considerado canônico no que diz respeito à referência a espécies em PB. Levando esse fato em consideração, um nível de aceitabilidade de sentenças com o nome nu singular similar ao de sentenças com o definido singular nos mesmos contextos assinalaria que ambos podem denotar espécies em PB.

No estudo, os autores incluem nas sentenças-teste do experimento as sentenças consideradas agramaticais por Müller (2000, 2002, 2003), tais quais *A Maria ouviu dizer que batata foi cultivada pela primeira vez na América* e *Carlos leu que baleia está em extinção* para, enfim, obter resultados com um número maior de falantes, que podem ser analisados estatisticamente, sobre a aceitabilidade com respeito a esse tipo de contexto sintático - predicado de espécie/predicado episódico - contendo o nome nu singular.

Nos resultados, os autores verificaram que em 43% dos dados, os falantes classificaram as sentenças com o nome nu singular com predicados-de-espécie como totalmente aceitáveis (escolha do rosto sorridente), o que vai contra a afirmação de Müller, de que este nominal em posição de sujeito de sentenças com predicados-de-espécie ou com predicados-de-estágio formaria construções inaceitáveis no PB. No que diz respeito à não aceitação das construções, em 38% dos dados, a figura com o rosto triste foi escolhida e 19% dos dados são de julgamentos intermediários, que ficaram entre as duas figuras na escala.

De acordo com os autores, os dados obtidos neste estudo corroboram a posição teórica de que o nome nu singular pode denotar espécie porque, ainda que os resultados não sejam muito claros, observou-se que, ao analisar o percentual de julgamentos obtidos, pelo menos para alguns participantes as construções em que o nominal satura o predicado-de-espécie são boas. Assim sendo, a possibilidade de que esse tipo de construção seja inaceitável é descartada, o que é estranho se considerarmos que a taxa de quase 40% de inaceitabilidade também é bastante alta.

No entanto, a mesma conclusão não se confirma para as sentenças com singular nu em posição de sujeito de predicados-de-estágio. Apenas 32% das ocorrências em que as construções foram apresentadas com esta configuração foram classificadas como totalmente aceitáveis, enquanto o percentual de julgamentos que classificam a construção como inaceitável é muito maior (cerca de 67% das ocorrências). Os autores concluem, portanto,

que este nominal “não se combina facilmente com predicados episódicos” (2010, p.136).

Com relação à análise desses resultados, não foi feita uma análise estatística para mostrar que as taxas de aceitabilidade encontradas são realmente diferentes umas das outras para as condições do estudo. Assim, no que diz respeito aos predicados-de-espécie, não está claro porque os autores consideram 43% de aceitação um percentual alto o suficiente para indicar que sejam naturais, mas não o percentual de 32% para as sentenças com predicados episódicos. Na etapa de análise da pesquisa proposta em meu estudo, pretendo sanar esse tipo de imprecisão da análise estatística, deixando claros os critérios para tomar uma determinada construção como aceitável ou inaceitável.

3.1.2. Mariano (2013)

O trabalho de Mariano (2013) vem ao encontro da necessidade mencionada no capítulo anterior, de verificar se o acento prosódico de tópico de fato pode ser considerada uma "estratégia para a restituição da naturalidade de uma sentença" (MARIANO 2013, p. 45).

De acordo com Müller (2002 e trabalhos subsequentes), em uma proposta de enfoque sintático, quando o nominal singular nu ocupa a posição pré-verbal de uma sentença aceitável da língua, essa posição é a de tópico sentencial. Portanto, trata-se de informação compartilhada entre os falantes dada qualquer situação enunciativa.

Mariano elaborou três experimentos em que falantes julgavam a aceitabilidade de sentenças do PB em que há a combinação do singular nu com predicados episódicos, como em *Macaco subiu no galho,* manipulando a prosódia do nominal.

Em linhas gerais, no procedimento dos dois primeiros experimentos, os participantes ouviam as sentenças-alvo e marcavam seu julgamento em uma escala que continha 5 valores, sendo 5 o correspondente à classificação não-natural e 1 o valor correspondente à naturalidade plena. Dessa forma, é possível notar que Mariano manipula essa escala de gradação mais precisamente que o estudo Pires de Oliveira et al. (2010), sendo que os falantes não necessariamente fornecem julgamentos extremos sobre as construções, uma vez que é possível indicar uma inclinação à naturalidade ou à não naturalidade (valores 2 e 4, respectivamente), ou permanecer neutro (valor 3).

No que diz respeito ao foco prosódico, no primeiro experimento, os falantes (16

falantes nativos de PB) julgaram 10 sentenças encabeçadas por um nominal singular nu que

recebeu foco prosódico[11][12], e outras 10 sentenças foram apresentadas com uma prosódia declarativa neutra, isto é, com linha entoacional contínua e entoação descendente ao final.

No segundo experimento, o quadro de informantes foi ampliado, sendo que 26 informantes participaram do estudo. No que diz respeito às etapas do procedimento, nada substancial no procedimento foi alterado, apenas os itens apresentados. No terceiro experimento, por outro lado, houve uma alteração substancial na metodologia: em vez de os participantes (14 falantes nativos de PB) julgarem as sentenças em uma escala numerada, a tarefa agora se trata de comparar pares de estruturas em que o singular nu figura em posição pré-verbal com e sem acento de tópico, por exemplo. Para isso, o participante poderia escolher uma dentre as seguintes 4 opções: 1) a sentença ouvida primeiro é mais natural; 2) a sentença ouvida depois é mais natural; 3) as duas sentenças ouvidas são naturais; 4) nenhuma das sentenças ouvidas é natural.

De acordo com o autor, os resultados do primeiro experimento não oferecem subsídios para atestar que os falantes de PB são sensíveis à estrutura informacional do singular nu, uma vez que não se notou grande diferença nas médias de aceitação de sentenças em o nominal está marcado prosodicamente ou não. As médias aproximadas de julgamento são de 2,4 e 2,5, respectivamente.

No segundo experimento, em que mais falantes participaram das entrevistas, o autor chegou à mesma conclusão. Sentenças com o singular nu em posição pré-verbal de sentenças episódicas com ou sem foco prosódico não receberam julgamentos diferentes pelos mesmos falantes (aproximadamente 2,9, nas duas condições).

No que diz respeito aos resultados do terceiro experimento, com relação aos pares de sentenças em que se esperava que sentenças com o singular nu proeminente fossem mais aceitas do que as sentenças em que o singular nu tem entoação declarativa padrão, o autor afirma que os resultados não confirmam a predição, porque a diferença de julgamentos aparentemente não alcança significância. No entanto, o autor não apresenta o percentual de julgamentos para que possamos atestar essa afirmação.

Ademais, cabe ressaltar alguns problemas no trabalho de Mariano. Embora tenha falado mais acima que esse experimento poderia manipular melhor os resultados que o experimento de Pires de Oliveira et al. (2010), não é isso que se observa na análise final dos

[12] O autor tem por base o trabalho de Callou et al. (2002), que apresenta padrões prosódicos para estruturas com tópico do PB.

dados. O autor não faz uma análise estatística que ateste a (ir)relevância da correlação ou a causatividade do fator da proeminência prosódica de tópico sobre as sentenças com o singular nu pré-verbal, que o autor hipotetiza estar envolvida na aceitabilidade dessas construções.

Mesmo quando as sentenças-alvo são comparadas com distratoras aceitáveis, com o propósito de verificar se são tão aceitas quanto elas, o autor não tem condições de atestar que estejam no mesmo patamar apenas se valendo das médias dos julgamentos dos falantes como um índice de naturalidade. A média aritmética é apenas uma medida de posição, que resume os dados de modo que possamos enxergar uma tendência central dos mesmos. Embora não deva ser descartada, porque é central para as análises estatísticas em geral, o experimento carece de uma análise estatística para mostrar a significância estatística de cada comparação.

Medidas de dispersão que também seriam interessantes para que o leitor tenha uma visão melhor do conjunto de dados, como a variância ou o desvio padrão, sequer foram citadas. Elas poderiam indicar como esses dados variam em torno da média, o que fornece um pouco mais de informação sobre os resultados. Com essa informação, seria possível conhecer a variabilidade desse conjunto de dados, verificando assim se os participantes julgaram alguma construção como aceitável ou não de modo consistente.

As relações entre as variáveis manipuladas no estudo também poderiam receber um tratamento estatístico, a fim de que o autor pudesse averiguar se há correlação ou uma relação de causatividade entre o fator da proeminência prosódica e o julgamento de aceitabilidade das sentenças. Para isso, a hipótese do trabalho poderia ser redefinida em termos de existência ou inexistência de associação entre essas variáveis, e uma estatística qui-quadrado forneceria evidências mais precisas de que essas hipóteses se confirmam ou não.

Levando todos esses fatores em consideração, não é possível afirmar nem que o experimento de Mariano (2013) nem o de Pires de Oliveira et al. (2010) fornecem subsídios robustos para afirmar que o singular nu denota espécie ou que pode se combinar com predicados-de-estágio ou predicados-de-espécie. Os estudos apresentados a seguir, conduzidos por Ionin et al. (2014, 2015 e 2018), apresentam maior robustez em suas análises e nos levam a conclusões mais seguras sobre a distribuição do singular nu do PB.

3.1.3. Estudos de Ionin et al.

Os estudos de Ionin, Grolla, Santos e Montrul (2014, 2015, 2018) examinam a interpretação de NPs em contextos genéricos, de espécie e existenciais na aquisição de Português Brasileiro como segunda ou terceira língua (L2 e L3), por falantes adultos nativos de línguas românicas ou inglês. Os testes foram aplicados no Brasil, com alunos estrangeiros estudando na USP.

No trabalho de 2014, as autoras investigaram os efeitos da influência translinguística sobre a expressão da genericidade, no que diz respeito à aquisição de segunda língua, que poderia ser o inglês ou o PB. Os participantes eram pessoas que tinham como L1 o PB e estavam aprendendo o inglês. Também havia um grupo cuja L1 era o inglês e os participantes estavam aprendendo PB ou espanhol como L2. Uma vez que o singular nu é um nominal com uso muito mais restrito no Inglês e no Espanhol que no Português Brasileiro, as autoras objetivaram verificar como falantes aprendendo esta língua julgariam construções em que ele ocupa a posição de sujeito.

De acordo com Slabakova (2008), pessoas aprendendo uma segunda língua fazem um mapeamento da sintaxe para a semântica semelhante ao que realizam para a sua L1. Assim, dada a diversidade de combinações possíveis entre artigos, advérbios e nominais que o PB exibe, é possível que aprendizes da língua comentam muitos erros com relação aos artigos. Os participantes do estudo poderiam, por exemplo, rejeitar completamente as construções com o singular nu sujeito, já que essa não é uma posição que ele poderia ocupar em sua L1.

A parte do estudo para qual chamarei a atenção diz respeito ao modo como 19 participantes, falantes nativos de PB (que constituíam um dos grupos de controle do experimento) julgaram sentenças com o singular nu.

O instrumento de teste do estudo era uma Tarefa de julgamento de Aceitabilidade, como nos trabalhos mencionados anteriormente. Dessa forma, cada sujeito deveria ler uma história curta e ranquear fornecer um julgamento de aceitabilidade em uma escala de 1 (inaceitável) a 4 (aceitável), com relação ao contexto colocado pela história. Eram 5 tipos de sentenças testadas (a depender do tipo de nominal a ocupar a posição de sujeito), ilustradas em 19 abaixo. Como se tratava de um estudo *between subjects*, nenhum dos sujeitos viu as 5 construções de vez; apenas uma das possibilidades. Ou seja, após cada história, havia apenas

uma sentença para ser julgada. A cada história, um tipo diferente de nominal era testado.

Vemos nos exemplos de história e sentenças-alvo em (19) e (20), que as duas formas de manifestação do fenômeno da genericidade estão contempladas no estudo. Enquanto (19) investiga o julgamento dos falantes de modo a verificar se o singular nu é classificado como um nominal que faz referência a espécies, em (20) temos um exemplo que também é utilizado para investigar a aceitabilidade desse nominal em sentenças genericamente quantificadas.

13. Eu gosto muito de ir ao zoológico. Infelizmente, há vários animais que nós não vemos mais no zoológico ou em nenhum outro lugar. É muito triste! Por exemplo …

a. **O pássaro dodô** está extinto. [definido singular]
b. **Um pássaro dodô** está extinto. [indefinido singular]
c. **Pássaro dodô** está extinto. [singular nu]
d. **Os pássaros dodô** estão extintos. [definido plural]
e. **Pássaros dodô** estão extintos. [plural nu] (IONIN ET AL. 2014, p. 379)

14. O meu irmão tem estado de mal humor ultimamente. Não sem motivo: o apartamento dele é muito desconfortável e deve ser muito deprimente morar lá. E ele tem um lustre com uma luz muito fraca e desagradável. Eu disse a ele que ele deveria comprar uma luminária nova: alguma coisa agradável. Por exemplo, eu sei que …

a. **A luminária verde** é muito relaxante. [definido singular]
b. **Uma luminária verde** é muito relaxante. [indefinido singular]
c. **Luminária verde** é muito relaxante. [singular nu]
d. **As luminárias verdes** são muito relaxantes. [definido plural]
e. **Luminárias verdes** são muito relaxantes. [plural nu] (IONIN ET AL. 2014, p. 379-380)

No que diz respeito aos resultados, uma análise estatística criteriosamente realizada (one-way ANOVA) oferece ao leitor uma visão clara de como os falantes nativos julgam cada um dos tipos de sentença, apresentados nos exemplos acima. Além disso, porque as autoras também realizaram uma ANOVA de medidas repetidas para cada grupo de

participantes, é possível observar os possíveis efeitos que cada tipo de NP tem sobre cada

grupo. Dessa forma, ganha-se mais informação com relação as interações entre as condições e o quanto elas foram aceitas por cada grupo.

A vantagem da realização de uma ANOVA, nesse contexto, sobre uma análise de dados que tem por base a média aritmética dos julgamentos dos falantes, se justifica na medida em que tem um poder preditivo muito mais robusto sobre como a população de falantes de PB se comporta com relação ao singular nu. Isso se dá porque a análise de variância que é feita nesse tipo de comparação é um processo que tem por base um modelo estatístico cuja função, por sua vez, é associar características da amostra (19 falantes de PB, nesse caso) àquelas da população inteira que é falante de PB.

Assim, os resultados obtidos no estudo com relação a como os falantes de PB classificam sentenças em que o singular nu encabeça sentenças com predicados-de-espécie, como em (19), indicam que os participantes ranquearam esse tipo de construção muito abaixo do que outros nominais (média de 2,34 de 4 para o singular nu, contra 3,88 de 4 do definido singular, por exemplo).

Os resultados para as construções em que as sentenças são genéricas, por outro lado, indicam que para os falantes tanto o singular nu quanto outros sintagmas nominais, como o definido singular, e o definido plural são classificados como naturais em posição pré-verbal (média acima de 3,5 de 4 para todos os sintagmas citados).

A análise inferencial sugere que este nominal foi significantemente mais aceito do que o indefinido singular, ao passo que foi significantemente menos aceito que os demais nominais, conforme indicam as médias de singular nu e definido singular, por exemplo (valor-p para as interações: <.05). Os resultados indicam que tanto em construções genéricas quanto em construções com predicados-de-espécie, o nominal singular nu sujeito é bem aceito pelos participantes de modo geral. Uma vez que a realização da ANOVA fornece um poder preditivo forte, é possível estender essa afirmação para os falantes da língua como um todo.

No caso de Ionin et al. (2015), o trabalho, em geral, discute principalmente o papel da transferência mais uma vez, mas na aquisição de PB como L3. Os participantes deste estudo são falantes de inglês e de alguma outra língua românica (espanhol, italiano ou francês). Nesse caso, o objetivo era investigar se o fenômeno da transferência seria observado com relação à proximidade entre as línguas, isto é, se é mais visível que a transferência é mais

acentuada entre as línguas românicas e o PB, ou se é a ordem em que elas foram aprendidas que dita como será feita a transferência.

Os resultados dos experimentos desenvolvidos pelas autoras apresentam, mais uma vez, dados relevantes sobre o julgamento dos falantes nativos de PB sobre sentenças genéricas e existenciais, que têm predicados saturados por nomes nus singulares.

Destaco, mais uma vez, a importância de estudos que investiguem as construções existenciais que, nesse estudo, podem ser equiparadas a construções com predicados-de-estágio, uma vez que é motivo de debate teórico se são aceitáveis ou não em PB.

Descrevo a seguir, em linhas gerais, a etapa do experimento que foi aplicada a 22 falantes nativos de PB. Os resultados com relação à transferência não são relevantes para o que será discutidos nesta dissertação. Por essa razão, não são descritos aqui.

O teste mais relevante para meu estudo[12][13] consiste de uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, na qual os sujeitos deveriam atribuir às sentenças apresentadas uma nota de 1 (correspondente a 'sentença completamente inapropriada') a 4 (correspondente a 'sentença completamente apropriada'), à maneira do estudo de 2014. Para julgá-las, era necessário realizar a leitura de um pequeno texto que contextualizava cada uma.

A tarefa testava a interpretação de NPs em contextos existenciais e genéricos, como os dos exemplos abaixo:

Contexto existencial: *Eu não recomendaria aquele hotel para ninguém. Eu tive experiências bem desagradáveis lá. Por exemplo, você sabe o que aconteceu no meu quarto uma manhã?* **Gato** subiu na minha cama. [predicado-de-estágio]

Contexto genérico: *Na minha casa tem muito rato e não tem nenhum gato. Talvez eu coloque um prato com leite lá fora para atrair uns caçadores de ratos. Estou me baseando no senso comum.*

Gato adora leite. [construção genérica]

[13] É importante ressaltar que os sujeitos não participaram apenas deste teste. Os falantes nativos de Inglês que adquiriram o Espanhol/Francês/Italiano como L2, e os falantes nativos de Espanhol que adquiriram Inglês antes de adquirirem Português Brasileiro também realizaram um teste de proficiência em Português Brasileiro e um questionário sobre a distância linguística entre o inglês, o espanhol e o PB. Neste último questionário, em vez de medir o nível de proficiência de um falante em uma língua, o que é medido é se os participantes percebem que o espanhol e o PB são línguas estruturalmente mais próximas do que o PB e o inglês.

Como pode ser observado nos exemplos acima, os nominais analisados ocupavam a posição pré-verbal tanto da sentença genérica quando da sentença com predicado-de-estágio, o que, de acordo com Müller, não seria possível no que diz respeito ao singular nu. Diferentemente das sentenças que observamos anteriormente no estudo de Pires de Oliveira et al. (2010), nas construções testadas em Ionin et al. (2015), o nominal não é sujeito de uma sentença encaixada. Interessam, portanto, as notas atribuídas a esses tipos de sentença pelos falantes nativos de PB.

O mesmo tipo de teste estatístico empregado para fazer inferências no estudo de 2014 foi utilizado para analisar os resultados dos falantes de PB do estudo agora em questão.

Embora as notas atribuídas a sentenças com nome nu singular em contexto episódico sejam baixas, com uma média de 1,98 de 4, as notas para as sentenças genéricas são bastante altas, com uma média de 3,47 de 4. Na análise inferencial é possível ver que comparando o nominal em questão com o indefinido singular e com o singular definido nas construções episódicas, o singular nu é realmente mais rejeitado. O valor-p da comparação entre esses nominais acusa a significância ($p<.001$). Contudo, no que tange as construções genéricas, os participantes julgaram as construções de modo similar, o que também é sugerido pelo valor p ($p = .54$). Dessa forma, observa-se que os falantes nativos de Português Brasileiro consideram essas sentenças totalmente apropriadas. Ou seja, em contextos genéricos, mas não em contextos existenciais, nominais nus sujeitos são aceitáveis para os falantes nativos de PB.

Em Ionin et al. (2019), a questão da aceitabilidade de sentenças em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal de sentenças episódicas é explorada novamente. Nesse estudo, motivadas pelo questionamento de quais seriam as restrições que operam sobre este tipo de construção, as autoras investigaram se três fatores contribuiriam para as baixas taxas de aceitação que essas sentenças receberam nos estudos anteriores: 1) tipo de nominal; 2) posição sintática ocupada pelo nominal na sentença (sujeito ou objeto); e 3) encaixamento do nominal em um contexto de lista. Mais uma vez, o instrumento de teste utilizado foi uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, com apresentação de uma história para contextualizar as sentenças.

Com relação aos fatores que estão sob investigação, as autoras tinham como objetivo

investigar se as variáveis testadas, isto é, o tipo de nominal ou a posição do nominal apresentados na tarefa, apresentam um efeito aditivo linear ou um efeito aditivo super linear.

Com esses efeitos, o que Ionin et al. discute é se há um fator em específico que degrada as construções com predicados-de-estágio, ou se as baixas taxas de aceitabilidade encontradas na literatura se devem a um conjunto de fatores.

Se o efeito aditivo for linear, o que se entende é que no caso do singular nu, esse nominal não é a forma de nominal nu preferida pelos falantes do PB, mas sim o plural nu e, além disso, a forma não-plena dos nominais é mais aceita em posição de objeto do que em posição de sujeito. Assim, nesse caso não é uma série de fatores que contribui para que esse nominal não seja aceito em posição de sujeito de predicados-de-estágio. Trata-se de uma preferência dos falantes da língua.

No entanto, se o efeito aditivo for super linear, considera-se que apenas o singular nu, mas não o plural nu, seja menos aceito em posição de sujeito. Nesse contexto, se a previsão de efeito super linear se confirmar, existem fortes indícios para afirmar que existem restrições operando sobre a gramática da língua, que impedem que o singular nu ocupe a posição pré-verbal de construções com predicados-de-estágio.

A Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade foi aplicada a 72 falantes nativos de Português Brasileiro, que atribuíram notas de 1 (inaceitabilidade total) a 4 (aceitabilidade total) a sentenças da língua que, por sua vez, apresentavam um cruzamento dos fatores já mencionados: número do nominal (um nominal vs. lista de nominais); posição sintática do nominal (sujeito vs. objeto vs. objeto dentro de uma construção existencial); e tipo de nominal (singular nu vs. plural n vs. plural com quantificador "alguns"). É importante ressaltar que uma breve história antecedia cada uma das construções, que são exemplificadas [14] a seguir.

15. Contexto: *Hoje de manhã voltei da viagem de formatura que fiz com a minha escola. Foi muito divertido! Pena que algumas pessoas acabaram pegando uma virose.*

21': **Aluno** ficou muito doente. [um nominal singular nu em posição de sujeito]

21'': **Aluno, professor e funcionário** ficaram muito doentes [singulares nus em lista, sujeito] 21''': **Alunos, professores e funcionários** ficaram muito doentes. [plurais nus em lista, sujeito]

[14] Todos os exemplos foram extraídos de Ionin et al. (2018:12-14).

21’’’’: **Alguns alunos, alguns professores e alguns funcionários** ficaram muito doentes. [nominais combinados com “alguns”, lista, sujeito]

16. Contexto: *Edith é uma professora muita criativa e sempre leva atividades diferentes para os alunos. Os alunos dela adoraram as atividades da semana passada.*

22’: Ela levou **desenho/desenhos/alguns desenhos** para a aula. [singular nu, plural nu, e um nominal com “alguns”, objeto]
22’’: Ela levou **desenho, mapa e cubo mágico** para a aula [singulares nus, lista, objeto]
22’’’: Ela levou **desenhos, mapas e cubos mágicos** para a aula [plurais nus, lista, objeto]
22’’’’: Ela levou **alguns desenhos, alguns mapas e alguns cubos mágicos** para a aula [nominais com “alguns, objeto]

17. Contexto: *Jennifer ouviu um barulho à noite e foi lá fora ver o que era. Ela encontrou lixo pelo quintal, e suas latas de lixo estavam reviradas. O motivo era óbvio.*

23’: Tinha r**ato /ratos/alguns ratos** dentro do lixo. [singular nu, plural nu, nominal com “alguns”, objeto, existencial]
23’’: Tinha **rato e camundongo** dentro do lixo. [singulares nus, lista, objeto, existencial]
23’’’: Tinha **ratos e camundongos** dentro do lixo. [plurais nus, lista, objeto, existencial]
23’’’’: Tinha **alguns ratos e alguns camundongos** dentro do lixo. [nominais com “alguns”, lista, objeto, existencial]

Dadas as construções acima, é importante mencionar que os participantes do estudo participaram de duas versões diferentes da tarefa. Um grupo (n = 30) julgou as sentenças em que o nominais não são apresentados em configuração de lista, e o outro grupo (n = 42) julgou as sentenças em que os nominais são apresentados nessa configuração. Como nos experimentos anteriores, os participantes não viam as 4 opções mostradas mais acima de uma vez só. Após cada história, apenas uma das 4 opções era exibida.

Com relação aos julgamentos atribuídos pelos participantes na escala de 1-4 mencionada anteriormente, os resultados desse experimento indicam que as construções com

nomes nus, sejam eles singulares ou plurais, são mais aceitas quando em configuração de lista

(média de julgamentos acima de 3). Além disso, os resultados também indicam que construções com o singular nu não são bem aceitas em posição de sujeito independentemente da quantidade de nominais - apenas um ou lista (média abaixo de 3). Sendo assim, a posição de objeto é a mais aceita.

Na análise estatística apresentada no trabalho, as autoras lançaram mão de um modelo estatístico constituído pelos pacotes *lme4* e *afex*, do software R, o que tornou possível verificar os efeitos dos fatores testados no estudo (tipo, número e posição sintática do nominal) a partir da geração de valores-p. Por sua vez, esses valores indicam se as interações entre os fatores alcançam ou não relevância estatística. No que diz respeito à análise inferencial, quando as autoras cruzaram as duas variáveis do estudo, isto é, o tipo de NP com o contexto de lista, nenhuma significância estatística foi observada (valores-p= .11; .22).

Em linhas gerais, o que as autoras observaram, a partir dos resultados, é que o fator do tipo de NP apresenta um efeito aditivo linear, sendo que independentemente do contexto de lista, sentenças com o singular nu são ranqueadas abaixo das construções com o plural nu. Como vimos mais acima, se o efeito aditivo encontrado não for o super linear, não é possível afirmar que haja alguma restrição sobre a posição de sujeito relacionada ao singular nu.

Adicionalmente, as autoras investigaram em seu estudo como os participantes julgam sentenças em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal de predicados-de-espécie, como no exemplo em (24)[15].

18. Contexto: *Pedro começou a faculdade de biologia este ano e estava muito ansioso. Em sua primeira aula, ele aprendeu sobre espécies que já estão extintas.*

Sentença-teste: **Dinossauro** está extinto há milhões de anos.

A taxa de aceitabilidade para essas construções foi mais alta que a encontrada para construções com predicados-de-estágio com o mesmo nominal seja sozinho, seja em um contexto de lista (média = 3,16). Assim, as autoras concluem que seu trabalho fornece subsídios para afirmar que o singular nu denota espécie em PB (Munn & Schmitt 1999, Pires de Oliveira et al. 2010, Menuzzi et al. 2015, entre outros trabalhos).

[15] Exemplo extraído de Ionin et al. (2018, p.24).

Com relação às construções episódicas, o trabalho de Ionin et al. argumenta que a baixa aceitabilidade das sentenças se deve a alguns fatores, que podem ser depreendidos dos resultados alcançados. Primeiro considera-se que haja uma preferência estilística dos falantes pelo nome nu plural ao singular nu na escrita, uma vez que as sentenças do teste foram apresentadas aos participantes em registro escrito. As autoras também discutem que a proposta de Schmitt & Munn (1999) sobre a estrutura informacional, no que diz respeito à lista, leva a uma baixa aceitabilidade de construções em que o nominal não aparece nessa configuração.

3.1.4 Conclusão sobre os experimentos com participantes adultos

Apesar de estudos experimentais já terem sido realizados para verificar se as construções em que o nominal figura em posição pré-verbal de sentenças com predicados-de-espécie e episódicas são aceitáveis, nem sempre as análises desses resultados tem um forte poder preditivo. Em algumas delas não podemos fazer inferências sobre o comportamento da população a partir do que se observa nas amostras.

Em um contexto de imprecisão nas análises dos dados, os estudos de Ionin et al. (2014, 2015, 2018) são bons exemplos de trabalhos que de fato indicam se as construções de interesse são aceitáveis ou não para os falantes de PB. Dessa forma, o que temos até aqui é que: i) não é possível atestar que o fator de proeminência prosódica tenha qualquer correlação com a melhora da aceitabilidade de sentenças com predicados-de-estágio com o singular nu, a partir do trabalho de Mariano (2013); ii) não é possível atestar que o singular nu denota espécie ou que possa se combinar com predicados-de-estágio, a partir dos resultados de Pires de Oliveira et al. (2010); e 3) a partir dos resultados de Ionin et al. (2014, 2015, 2018) é possível inferir que os falantes de PB aceitam sentenças em que o nominal singular nu satura predicados-de-espécie, sendo esse tipo de construção aceitável na língua. Mas, no que diz respeito às sentenças com predicados-de-estágio, os falantes não as consideram bem aceitas se comparadas a outros nominais. Isso principalmente no que diz respeito ao definido singular e o plural nu. Sentenças genéricas com o singular nu sujeito, por outro lado, são totalmente aceitas, o que já era esperado.

3.2 Estudos em aquisição de língua

Nesta seção, descrevo os principais estudos em aquisição de primeira língua no que diz respeito ao singular nu em posição de sujeito no PB. Trata-se de uma bibliografia pouco extensa [16]

[16] Brito & Taveira da Cruz (2012) também discutem os dados de produção espontânea de cinco crianças com idades entre 1;0-3;8 anos. Os autores acrescentam à discussão de Lopes (2006) considerações acerca da aquisição de traços semânticos, propondo que esses traços são adquiridos cronologicamente, sendo que a aquisição dos traços de definitude e especificidade é mais tardia. A razão pela qual não detalhei esse trabalho nesta dissertação se deve ao fato de que, apesar de dissertar sobre aquisição do singular nu, ele trata apenas de sentenças em que o nominal figura em posição de objeto. Me concentro apenas no singular nu sujeito.

(LOPES 2006; AUGUSTO 2007; SANTANA & GROLLA 2018; e MARIANO 2018), o que sinaliza quão pouco se sabe a respeito do conhecimento que as crianças adquirindo o PB tem sobre esse nominal, justificando a realização da presente pesquisa.

3.2.1 Lopes (2006)

Em um trabalho de enfoque mais sintático do que semântico, Lopes parte da proposta de Munn & Schmitt (1999), discutida mais acima, de que Num é um núcleo opcional do PB (ver discussão de Schmitt & Munn 1999). Para recordar do que se trata, retomo que esse argumento da opcionalidade decorre da possibilidade de o nominal em (25) abaixo[17], ser recuperado por meio de um pronome plural ou singular. No entanto, Lopes destaca que em (26), o singular nu só pode ser retomado por uma anáfora plural.

19. Tem **maçã** na cesta. Ela/elas não 'tava(m) madura(s), mas eu trouxe do mercado assim mesmo.
20. **Criança** gosta de doce. *Ela/elas sempre pede(m) para comprar.

De acordo com a autora, essa não uniformidade do nominal singular nu com relação a sentenças genéricas e existenciais é uma evidência de que há uma distinção clara de número nesses contextos, o que não favorece a proposta de Munn & Schmitt (1999). Nesse contexto, sua pesquisa se justifica na medida em que conhecer os estágios relevantes na aquisição da estrutura do DP, e também de NumP no PB, no tocante ao singular nu, pode indicar se há

[17] Os exemplos (25-26) foram extraídos de Lopes (2006:253).

correlação entre a concordância de número dentro do DP e a possibilidade de esse nominal figurar em posições argumentais do PB.

A análise teórica sob escrutínio no trabalho é a de que a diferença entre as sentenças existenciais e as genéricas reside no fato de que, quando o nominal nu é sujeito de sentenças genéricas, um determinante expletivo nulo opera sobre ele como um *kind creator* (LOPES 2006, p. 254), não selecionando NumP, o que faz desse nominal um nome de referência a espécies. Por outro lado, no caso das sentenças existenciais, o nominal possui a mesma estrutura que o indefinido genérico do PB, em que o determinante - fonologicamente realizado ou nulo - ocupa o núcleo de NumP.

Nesse trabalho, a autora faz previsões sobre os estágios pelos quais uma criança adquirindo PB deve passar até atingir o comportamento adulto no que diz respeito à produção e interpretação do singular nu. As expectativas para o comportamento das crianças são as seguintes: i) No primeiro estágio, espera-se a produção de sintagmas nominais sem determinante que falantes adultos não produzem, dado que, na gramática da criança, traços relevantes de D e Num permanecem não especificados, e as crianças atribuem aos nominais um valor singular *default*. Além disso, qualquer produção de nomes nus gramaticais deve ter o que a autora chama de "sabor existencial", uma vez que, nesta parte do processo de aquisição, o número é realizado na forma singular e deve ser interpretado assim; ii) No segundo estágio, a morfologia de plural passa a ser marcada, isto é, as crianças começam a distinguir número; iii) No terceiro e último estágio, as crianças adquirem o determinante expletivo nulo, convergindo para uma gramática em que NumP é um núcleo opcional. É nesse momento em que as sentenças genéricas com o nominal sujeito começam a ser produzidas.

Ao analisar dados de produção espontânea do singular nu, Lopes apresenta dados de quatro crianças com idades entre 1;8-3;7 anos. A autora também realiza uma Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade (TJVV) com 9 crianças (média: 3,7 anos de idade, sendo que a criança mais velha tem 3;11 anos) para investigar a compreensão das crianças com respeito às sentenças genéricas bem como sua preferência por uma anáfora singular ou plural que recupera o singular nu.

Nos exemplos de produção abaixo, extraídos do texto da autora, observa-se que crianças com menos de 3 anos já produzem espontaneamente nomes nus singulares em

sentenças aparentemente genéricas, até mesmo em posição pré-verbal, como é o caso de (29),

o que poderia indicar que a criança atinge o comportamento adulto com relação às sentenças genéricas, conforme o esperado no terceiro estágio, em uma idade bastante precoce.

21. (Nenéns) gosta de **tomate**. (A. 2;3)
22. Eu t penelando (= peneirando) **cenoura**. (A. 2;8)
23. **Menino** não tem nome. (G. 3;0)

A autora também observou que as crianças mais novas que participaram do estudo (1;8) produziram, conforme o esperado para o primeiro estágio, sentenças agramaticais com o singular nu, como no exemplo (30), a seguir:

24. Adulto: Quem é que te deu (o tênis):
Criança: ***miguinha** (= amiguinha) deu. (A. 1;8)

Conforme a previsão para o segundo estágio, em um momento posterior, com cerca de 2 anos e 2 meses de idade, as crianças começaram a produzir nominais marcados com o plural e também sentenças com uma marcação plural agramatical no PB, como é o caso do exemplo (31).

25. *a hienas (C. 2.4)

Mais acima, mencionei que as crianças do estudo de Lopes produziram sentenças genéricas com o singular nu com cerca de 3 anos de idade, o que pressupõe que suas previsões estão corretas para o terceiro estágio proposto. No entanto, os resultados da tarefa de compreensão não indicam o mesmo.

Com respeito à TJVV, Lopes investigou se as crianças aceitariam a anáfora plural para o singular nu em sentenças genéricas, obtendo, assim, um indicativo de que elas sabem ou não que a categoria funcional Num é um núcleo opcional dentro do DP do PB, como foi discutido mais acima. Três histórias contendo sentenças-alvo foram testadas em duas condições: recuperação por anáfora discursiva nas formas singular e plural, como no exemplo abaixo.

26. **Jogador** é chato! *Ele/eles* tem medo de voar!

Os resultados de 7 das 9 crianças testadas[18] indicaram que, para todas elas, o singular nu pode ser recuperado tanto por anáforas na forma singular como na forma plural (cerca de 70% para o singular e cerca de 80% para o plural), sendo que a sentença com a anáfora no singular deveria ser rejeitada. De acordo com a autora, apenas a criança mais velha (idade: 3;11 anos) que participou do estudo rejeitou esse tipo de construção, enquanto todas as outras aceitaram os dois tipos.

Nesse contexto, o que a autora conclui é que, nesta faixa etária, as crianças já demonstram o conhecimento genérico esperado com relação às anáforas plurais. No entanto, os resultados obtidos indicam que no último estágio as crianças têm problemas para realizar o mapeamento semântico da informação sintática contida em um DP morfologicamente singular, o que justificaria a aceitação das anáforas singulares na tarefa de julgamento.

Lopes conclui, com base em seus resultados de produção e compreensão, que as crianças passam pelos três estágios mencionados anteriormente até convergirem para a gramática adulta do PB. No primeiro, realmente se observou que as crianças produziram sentenças com nomes nus em construções inaceitáveis, bem como a marcação de número nos sintagmas nominais, manifesta por meio da produção de nominais marcados com o plural, que também foi observada em um segundo momento no curso da aquisição. No último estágio, a partir da larga aceitação observada nas respostas das crianças no que diz respeito à recuperação do nome singular nu por anáforas plurais, a autora propõe que ocorra uma marcação paramétrica que se dá devido à existência de um determinante nulo no PB.

Assim sendo, dado que investigo em meus experimentos as taxas de aceitabilidade que crianças e adultos atribuem para construções com o singular nu sujeito, a proposta de Lopes traz uma informação importante. A autora argumenta que, desde muito novas, as crianças já teriam marcado todos os parâmetros que antecedem a convergência de sua gramática para a gramática adulta. Dessa forma, é plausível esperar que, em meus experimentos, a serem reportados nos capítulos 5 e 6, crianças com menos de 5 anos de idade julguem construções com o singular nu a taxas similares que os adultos.

[18] Os resultados de duas crianças foram descartados devido a performances em nível de chance.

3.2.2. Augusto (2007)

Augusto (2007), por sua vez, realizou um experimento que investigou a aquisição dos contrastes entre os nominais nus e os DPs plenos. O estudo foi confeccionado a fim de observar como pistas funcionais (a marca morfológica de pluralidade, por exemplo) e pragmáticas (a quantidade de entidades apresentadas em uma figura) poderiam afetar a leitura genérica dos nominais.

Para a autora, que tem por base o trabalho de Gelman & Raman (2003), "a expressão da genericidade é dependente de questões cognitivas (semântica) e seu mapeamento por sobre padrões lingüísticos" (AUGUSTO 2007, p. 35), isto é, o domínio da distinção do que é genérico/não-genérico depende de fatores tais quais pistas morfossintáticas, pragmáticas e de conhecimento de mundo.

Em linhas gerais, o objetivo do experimento de Augusto era verificar se as crianças participantes do estudo (21 crianças com idades entre 2;7-3;11 anos e 24 crianças com idades entre 4;7-5;10 anos) iriam atribuir uma leitura genérica ou definida para DPs plenos e nominais nus do PB.

Nesse contexto, os fatores mencionados anteriormente foram manipulados da seguinte maneira: i) conhecimento de mundo: foram criados personagens aos quais foram atribuídos pseudo-nomes, para que as crianças não pudessem acessar seus conhecimentos sobre características prototípicas de entidades conhecidas (por exemplo, as caraterísticas ter quatro patas e ter focinho com relação à entidade cachorro, que seriam facilmente acessadas); ii) informação pragmática: foram apresentadas aos participantes ou uma única figura apresentando uma entidade ou múltiplas figuras apresentando o mesmo personagem; iii) pistas morfossintáticas: foram utilizados vários tipos de nominais para apresentar entidades aos participantes - nomes nus (plural: *zebras*, singular: *criança*) e nomes plenos (definido plural: *os tigres*, definido singular: *o gato*, indefinido singular: *um coelho*).

O método utilizado no experimento foi uma tarefa de eliciação de respostas para perguntas em que apenas é possível responder "sim" ou "não. Assim, eram apresentadas primeiro figuras em que um ou mais de um personagem (da mesma espécie) era apresentado, e chamava-se a atenção do participante para alguma característica saliente do(s) mesmo(s). Em seguida, uma nova figura era apresentada, só que desta vez, com a característica em

questão escondida. A tarefa do participante era responder se esse indivíduo, apresentado na

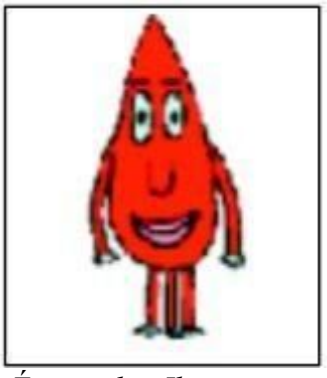
segunda figura, tem ou não a mesma peculiaridade que o indivíduo da figura anterior, a partir do nominal empregado pelo experimentador (exemplos 33-37).

27. **Tobe** tem três pernas. [singular nu]
28. **Bidas** têm orelhas peludas. [plural nu]
29. **O puca** tem bigode. [definido singular]
30. **Os lecas** usam óculos escuros. [definido plural]
31. **Esse dafe** tem um laço no cabelo. [DP com determinante demonstrativo]

Em (38)[18] apresento um exemplo de estória e figura utilizados no estudo da autora:

32.38.

Figura 1: Exemplo de figura apresentada na primeira parte do experimento de Augusto (2009)



História: *Olha só o que temos aqui! É um tobe. Ih, presta atenção! Tobe tem três pernas. Você sabia? É isso: tobe tem três pernas. Agora vamos ver o que tem atrás dessa caixa (o segundo personagem é descoberto)...*

Figura 2: Exemplo de figura apresentada na segunda parte do experimento de Augusto (2009)

[18] Figuras e história extraídas de Augusto (2007, p.44).

História: *Veja! É um tobe atrás da moto! Agora vou te perguntar uma coisa… Pergunta: Você acha que esse tobe tem três pernas?*

Após realizar a análise dos dados dos participantes, a autora concluiu que a criança, no processo de aquisição, deve adquirir a capacidade de conciliar pistas linguísticas e contextuais a fim de atribuir uma leitura genérica aos nominais. Com relação aos resultados, comento a seguir apenas o que diz respeito a como os fatores mencionados mais acima afetam a leitura genérica do singular nu durante o processo de aquisição.

Augusto observou que crianças com 3;0 anos de idade associam a leitura genérica à marca de pluralidade nos nomes, isto é, interpretam apenas os nomes com marca fonológica de plural como genéricos. Contudo, isso não parece ter relevância nos resultados de interpretação de crianças mais velhas (5;0 anos) que, como os adultos testados (n=20), não fazem essa distinção. Por essa razão, o singular nu é aceito com leitura genérica apenas pelas crianças mais velhas e pelos adultos, mas não pelo grupo de crianças mais novas. Assim sendo, de acordo com a previsão da autora, o fator da pista morfossintática se mostrou relevante ao afetar a leitura genérica do nominal nu.

No que diz respeito à pista pragmática, isto é, a quantidade de indivíduos apresentados na primeira figura, a previsão da autora não se confirmou. Os resultados obtidos não indicam que o fato de haver mais de um indivíduo/entidade no contexto de apresentação dos indivíduos seja um fator que determine a leitura genérica, por si só.

Por fim, no que diz respeito ao fator do conhecimento de mundo, Augusto comenta que a manipulação dos pseudo-nomes das espécies apresentadas não facilitou a tarefa dos participantes e evitou que os mesmos lançassem mão de seu conhecimento de mundo para adivinhar as propriedades que seriam apresentadas em seguida.

3.2.3. Santana & Grolla (2018)

Apresento, por fim, os resultados do estudo que realizei em coautoria com minha orientadora, a profª. Elaine Grolla (Santana & Grolla 2018), durante meu período como bolsista de iniciação científica da Fapesp.[19] Para esta pesquisa, objetivávamos acrescentar sustentação empírica à afirmação de que o nome nu singular em PB pode fazer referência tanto a conjuntos de entidades quanto a entidades singulares. Aqui chamamos o conjunto de entidades de 'pluralidades', e as entidades singulares de 'singularidades'. Nossa hipótese era de que crianças e adultos se comportariam de modo similar com relação ao nominal singular nu.

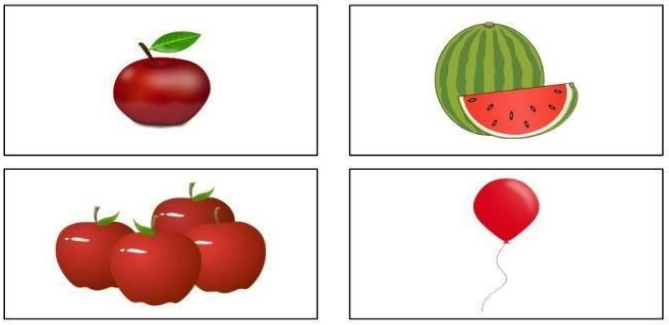
Assim, o objetivo específico da pesquisa era verificar se crianças (n=49) com idades entre 3;0-5;0 anos (G1: 3;0-3;6; G2: 3;7-4;5;G3: 4;6- 5;0) sabem que o singular nu expressa genericidade, no sentido de que pode referir a indivíduos ou grupos de indivíduos (conforme indica sua recuperação por anáforas singulares ou plurais, como vimos mais acima). Além das crianças, participaram dos experimentos 40 adultos falantes nativos de PB, com idades entre 18 e 32 anos, que constituem o grupo controle do estudo.

Para isso, apliquei dois experimentos: (i) uma Tarefa de Produção Eliciada para verificar o percentual de produção do nominal nu quando era requerido da criança que ela dissesse o que estava vendo, diante de uma figura com uma entidade ou mais de uma entidade; (ii) uma tarefa de escolha de figuras, cujo objetivo era o de verificar se, ao ouvir "*Mostra pra mim figura em que tem* [nome nu singular]", as crianças escolheriam tanto figuras com uma quanto com mais de uma entidade.

A figura abaixo representa a maneira como apresentávamos as imagens para as crianças. Neste caso, os participantes poderiam escolher tanto a figura com uma maçã quanto aquela em que aparecem quatro maçãs se ouvissem o estímulo com o nominal singular nu. Contudo, para plural nu elas poderiam optar por apontar para a figura com mais de uma maçã, apenas, ou para as duas figuras caso entendessem que maçãs representa a soma do conjunto de maçãs no terceiro quadro com a maçã isolada no primeiro.

Figura 3: Estímulo usado na Tarefa de Produção Eliciada

[19] Processo: 2016/00849- 4, com vigência de 01/03/2016 até 31/12/2016.



Estímulo, condição singular nu: "*Mostra pra mim figura em que tem* ***maçã***."
Estímulo, condição plural nu: "*Mostra pra mim a figura que tem* ***maçãs***."

Para a Tarefa de Produção Eliciada, apresentávamos um quadro como o do exemplo acima e pedíamos que a criança dissesse o nome da entidade/indivíduo representado pela imagem. Quadros isolados apresentando mais de uma entidade e quadros com apenas uma entidade foram usados como estímulos.

Os adultos e as crianças produziram o nominal nu singular tanto para descrever figuras que apresentavam apenas uma entidade quanto para descrever figuras que apresentavam grupos de entidades. No entanto, o percentual de produção do nominal nu foi muito maior para as crianças (mais de 50% para todos os grupos nas duas condições) do que para os adultos (30% de produção para figuras com 1 entidade e 2,25% para figuras com mais de 1 entidade). Os resultados para as interações entre adultos e os três grupos de crianças sugerem que as crianças se comportaram de forma diferente dos adultos com relação à produção de singulares nus (Adultos-G1: valor-p = <.0001; Adultos-G2: valor-p = 0.00827; Adultos-G3: valor-p = <.0001). Estes valores indicam que houve diferença estatisticamente relevante entre os resultados dos adultos por um lado e das crianças por outro. As crianças produziram mais nomes nus singulares para descrever a figura contendo apenas uma entidade do que os adultos e essa diferença é significativa. Quando o nominal não foi produzido, outros tipos foram usados para fazer referência às figuras apresentadas, tanto pelas crianças quanto pelos adultos.

Os resultados de compreensão também indicam que as crianças sabem que o singular nu pode denotar singularidades e pluralidades, pois elas escolheram tanto as figuras que apresentavam uma entidade quanto as que apresentavam mais de uma entidade ou apenas a figura com pluralidades ao ouvir o comando com o nominal (percentual de escolha das duas

figuras ou apenas da figura com mais de um indivíduo maior que 70% para todos os grupos e de 80% para o grupo de adultos).

A propósito da discussão anterior, sobre a necessidade de testes estatísticos que indiquem a robustez dos resultados de um estudo experimental, também realizamos uma análise estatística dos resultados dos adultos e crianças que participaram do nosso experimento.

Lançamos mão de um teste-t para amostras independentes a fim de testar duas hipóteses:

H0: Não haverá diferença estatisticamente relevante no comportamento dos sujeitos dos grupos testados com respeito ao nome nu singular.

H1: Haverá diferença estatisticamente relevante na interpretação do nome nu singular entre os grupos testados.

A razão para escolher este teste foi o fato de ele calcular a significância das interações entre os grupos levando em consideração que cada condição foi testada mais de uma vez com cada sujeito. A tabela a seguir indica o valor-p para cada interação, agora para a tarefa de compreensão.

Tabela 1: Análise inferencial para a Tarefa de Escolha de Figura

Interações	**Valor-p** **Apresentação de 1 entidade**	**Valor-p** **Apresentação de mais de 1 entidade**
Adultos-G1	P = <.0001	P = <.0001
Adultos-G2	P = 0.00827	P = <.0001
Adultos-G3	P = <.0001	P = 0.004274
G1-G2	P>0.05%	P>0.05%
G1-G3	P>0.05%	P>0.05%
G2-G3	P>0.05%	P>0.05%

Tabela 1: Valores-p encontrados para interações entre grupos de participantes de Santana & Grolla (2018, p. 1469), N =89.

Nesta tabela, apresento os resultados da tarefa de compreensão do estudo. Na primeira coluna estão dispostas as interações, enquanto nas demais apresento o valor-p para as respostas dos participantes do experimento quando o estímulo com o singular nu é apresentado. Na segunda coluna, o valor foi obtido a partir da quantidade de vezes em que os participantes de cada grupo escolheram apenas a figura com uma entidade ao ouvir o estímulo. Na terceira, o valor foi obtido a partir dos resultados para as ocorrências em que os participantes escolhem tanto a figura com mais de uma entidade quanto as duas figuras que representam a entidade denotada pelo nominal.

Com respeito à relevância estatística entre todos os grupos que participaram do experimento, verificamos que não houve diferença estatisticamente relevante com respeito à interpretação do singular nu para nenhum dos grupos testados, o que sugere que os grupos de crianças e o de adultos se comportaram de forma parecida. O fato de não detectarmos diferenças significativas entre os grupos de crianças indica que não houve um percurso de desenvolvimento observável.

Todos os grupos tiveram taxas semelhantes de escolhas de figuras tanto quando ouviam um estímulo no plural quanto no singular. Ao contrário de Augusto (2007), não pudemos considerar como relevantes as diferenças entre a produção e interpretação de nomes nus singulares entre os grupos mais novos de crianças e dos mais velhos. G1 e G2, e não só G3, atribuíram ao nome nu singular leitura de singularidades e pluralidades. Também não observamos diferenças entre os grupos de crianças e os grupos de adultos.

Ainda com relação aos resultados de Santana & Grolla, algumas ressalvas devem ser feitas. Primeiramente, as crianças mais novas que participaram do experimento, que têm cerca de 3;0 anos de idade, como as do trabalho de Augusto, são mais velhas que as crianças mais novas que participaram do estudo desenvolvido por Lopes (2006), que apresenta dados de uma criança com 1;8 anos, por exemplo. Assim, o conceito de precocidade torna-se relativo com relação a essas crianças mais novas.

Um outro ponto que deve ser destacado se refere justamente à quantidade de sujeitos que participaram do estudo. Assim como os outros trabalhos que foram discutidos mais

acima, os dados deveriam ter recebido um tratamento mais acurado, caso o experimento tivesse sido aplicado a mais participantes e uma análise inferencial com maior poder produtivo fosse conduzida.

3.2.4. Mariano (2018)

Reporto, por fim, o trabalho de Mariano (2018). O objetivo do autor é investigar como as crianças adquirem o singular nu, tomando como pressuposto que o nominal denota espécie em PB. Na fundamentação teórica de seu estudo, o autor assume que crianças bastante novas adquirem a semântica do singular nu, isto é, que o nominal denota espécie, a partir da informação que elas depreendem de sentenças genéricas, argumentando que a interpretação mais básica do nominal é a de espécie. Segundo o autor, quando uma criança escuta uma sentença com o nominal nu singular, em que se faz uma asserção sobre uma espécie que não está presente no ato da fala, a única interpretação possível para ele é a leitura de espécie. Assim, Mariano hipotetiza, contra Lopes (2006), que seja desnecessário postular estágios pelos quais as crianças devem passar para adquirir a semântica do nominal porque, de acordo com ele, as crianças dominam essa interpretação antes de adquirirem a categoria funcional de número.

Assim sendo, o autor desconsidera as construções com predicados-de-espécie, como "estar extinto", por exemplo, que constituem o teste principal da literatura para afirmar se um argumento é uma expressão de referência a espécies ou não. Visto que esse tipo de construção é raro no registro oral, se comparado às construções genéricas, ainda que todos os trabalhos teóricos discutidos até aqui considerem esse tipo de construção como essencial, faz sentido que o autor as desconsidere. Contudo, apesar disso, o autor argumenta que as crianças adquirem a interpretação de espécie bem cedo.

Para além disso, há uma certa desconexão entre a proposta teórica para a aquisição do nominal feita no trabalho e o experimento de que participam os sujeitos, pois o autor, como mencionei anteriormente, a princípio considera que ouvir sentenças genéricas com o singular sejam suficientes para que as crianças possam adquirir sua semântica. No entanto, no experimento, as construções que os participantes precisam julgar são sentenças com predicados-de-espécie.

Participaram do estudo de Mariano 65 crianças, divididas em três grupos (G1: média de 4 anos de idade, n = 21; G2: média de 4;8 anos de idade, n = 21; G3: média de 6;7 anos de idade, n = 23), com as quais se aplicou duas tarefas: uma Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade e uma Tarefa de Seleção de Imagem. O objetivo da primeira é verificar se as

crianças sabem que o singular nu denota espécie, e o objetivo da segunda, investigar qual a leitura preferencial atribuída para o nominal.

O procedimento funciona da seguinte maneira: com estímulos apresentados em vídeo, os participantes são convidados a ajudar um alienígena a entender como algumas coisas funcionam no planeta Terra, como a quantidade de patas da espécie cachorro, e a propriedade de "estar extinto", que se aplica às espécies "mamute" e "dinossauro". Os estímulos eram apresentados primeiro na Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade e, em seguida, na Tarefa de Seleção de Imagem, como está exemplificado[20] em (39).

33. Gravação: *O Plutônio até que entende rápido as coisas... A partir de poucas observações ele percebeu que existem alguns animais que estão desaparecendo das nossas florestas. É o caso do tatu e da onça. O homem tá destruindo tanto as nossas florestas que um dia esses animais podem desaparecer completamente... A seguir, vamos ver algumas imagens desses animais... Olha, tatu!*

Figura 4: Exemplo de figura utilizada no primeiro momento de apresentação dos estímulos de Mariano (2017)

Gravação: *E esse aqui, você sabe me dizer que animal é esse?*

Figura 5: Exemplo de figura utilizada no segundo momento de apresentação dos estímulos de Mariano

[20] Exemplo extraído de Mariano (2018, p. 159-160).

[Aguardava-se a resposta do participante]

Gravação: *O que o Plutônio não sabe é que dentro de uma toca, bem pertinho daqui vive o Bebo. O Bebo é um tatu-bola que se diverte rolando por aí... vamos dizer 'oi' para ele?*

Figura 6: Exemplo de figura utilizada no terceiro momento de apresentação dos estímulos de Mariano

[Som chamando atenção]

Gravação: *vamos responder a mais algumas perguntas?*

[Som chamando atenção]

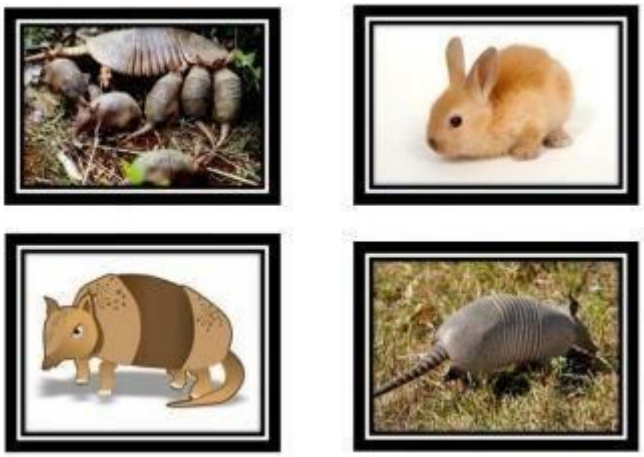
Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade

- Pergunta imediata: *O Bebo tá desaparecendo da floresta?*
- Distratora negativa: *Tatu pode voar?*
- Distratora positiva: *O Bebo gosta de sair rolando?*

Tarefa de Seleção de Imagem

Gravação: *Agora aponte para a imagem daquilo que eu vou dizer: '**Tatu** tá desaparecendo da floresta.'*

Figura 7: Exemplo de figura utilizada no terceiro momento de apresentação dos estímulos de Mariano



No que diz respeito aos resultados, a resposta considerada adequada para a Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade é 'sim'. Neste trabalho, o autor não só apresentou a taxa percentual de respostas dos grupos de crianças como apresentou uma estatística qui-quadrado para verificar se a interação entre os grupos de crianças e também os grupos de adultos alcançaria significância estatística, o que se confirmou para a interação entre crianças e adultos, que apresentaram comportamentos diferentes, mas não se confirmou para os grupos de crianças, que apresentaram comportamentos semelhantes. De todo modo, as crianças responderam 'sim' em 91,5% das vezes em que o singular nu ocupou a posição pré-verbal de um predicado-de-espécie.

Com relação à Tarefa de Seleção de Imagem, era esperado que os participantes escolhessem tanto a figura que apresenta vários representantes da espécie (pluralidades) quanto a imagem que apresenta o representante prototípico da espécie. Os resultados indicam que as crianças fizeram a escolha esperada em 82% das ocorrências em que esse contexto foi apresentado a elas. Não se observou relevância estatística nas interações entre os grupos de crianças e o grupo de adultos. Novamente, o autor observou que o comportamento dos grupos de crianças foi o mesmo com relação a estruturas com o singular nu.

O fato de que o comportamento das crianças foi praticamente o mesmo para todas as tarefas que foram aplicadas leva o autor a concluir que sua hipótese pode ser confirmada, na medida em que não se observa um percurso no comportamento das crianças com relação à

denotação do nominal. No entanto, reitero que os resultados alcançados com as crianças testadas por Mariano (2017), do mesmo modo que os alcançados em Santana & Grolla (2018), não são suficientes para negar a proposta apresentada em Lopes (2006), uma vez que a aquisição do singular nu pode ocorrer antes dos 3 anos de idade, e essa aquisição pode ocorrer em estágios diferentes, como a autora defende. Assim, o que esses estudos podem sustentar empiricamente é que aos 3 anos de idade as crianças já adquiriram a denotação do nominal. O modo como essa aquisição ocorre ainda é uma questão exploratória para a qual o trabalho de Lopes (2006) ainda apresenta a única proposta.

3.3 Conclusões sobre os estudos com crianças

A partir do que vimos nos trabalhos discutidos acima, realizados com adultos e com crianças, é possível concluir que os estudos sobre a aceitabilidade do singular nu no PB ainda não possibilitam que tenhamos uma visão geral da distribuição do singular nu na língua, como já foi apontado mais acima.

Em geral, o que podemos dizer sobre as sentenças em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal de sentenças com predicados-de-estágio e com predicados-de-espécie, a partir desses estudos, é que as construções com predicados-de-estágio parecem ser as menos aceitas.

Com relação ao conhecimento das crianças sobre o nominal, ainda é exploratório se as crianças de fato passam por estágios no processo de aquisição até que cheguem ao comportamento adulto, uma vez que há trabalhos que propõem essa hipótese, como o de Lopes (2006) e Augusto (2007). No entanto, também há estudos que indicam que não é possível afirmar que existe um percurso observável nessa aquisição dos nomes nus singulares depois dos 3 anos de idade (SANTANA & GROLLA 2018; MARIANO 2018). No caso dos estudos de Santana & Grolla e Mariano, essa questão precisa de mais investigação porque as crianças mais novas entrevistadas por estes autores são mais velhas do que as entrevistadas por Lopes e Augusto. Visto que há essa diferença nas idades das crianças, é necessário realizar estudos com mais crianças antes dos 3 anos de idade para verificar se a marcação do parâmetro proposto pela autora se dá nesse período.

Levando em consideração essa falta de clareza com relação ao conhecimento de crianças e adultos, planejei os estudos que serão descritos nos capítulos 5 e 6.

Neles, investigo a aceitabilidade de construções com o singular nu sujeito quando saturam predicados-de-espécie e predicados-de-estágio. Em um primeiro momento, realizei um estudo de caráter longitudinal para verificar a frequência desse tipo de construção na fala de uma criança e de seus interlocutores. Uma vez que não encontrei essas construções no corpus estudado, elaborei dois experimentos a fim de investigar qual o julgamento que adultos e crianças atribuem para esse tipo de construção. A variável estudada no primeiro estudo é a presença de um contexto, enquanto no segundo é mais específica: a presença de uma leitura contrastiva no contexto. Estes estudos foram feitos com crianças e adultos diferentes, em momentos diferentes.

A partir de seus resultados, é possível observar se de fato é o caso que o contraste no contexto melhora a aceitabilidade de sentenças com o nominal.

CAPÍTULO 4 - Estudo 1: Estudo de corpus e variação de input

Neste estudo, investiguei um corpus composto por gravações de uma criança (R.) interagindo com sua mãe desde que ela tinha 1 ano e 2 meses de idade até os 4 anos e 10 meses. Meu objetivo ao analisar cada transcrição era procurar ocorrências de nominais singulares nus, independente do tipo de posição sintática, a fim de verificar quantos *tokens* de singulares nus apareceriam em cada posição sintática tanto na fala da criança quanto no input. Dado que construções em que o singular nu sujeito satura predicados-de-espécie ou predicados-de-estágio são raras em discurso oral ou escrito na língua adulta (ver Pires de Oliveira et al. 2010), não esperava encontrar esses tipos de sentença no corpus.

Uma outra motivação que me levou a analisar as transcrições se deve a algumas dúvidas que surgiram dada a quantidade de ambientes em que um nominal singular pode figurar no PB (ver os exemplos abaixo, repetidos do capítulo 1). Visto que a variabilidade é grande, é possível supor que as crianças adquiram a semântica do nominal por completo mais tardiamente, como se discute em Costa, Grolla & Lobo (2013) para os argumentos nulos. No artigo, os autores argumentam que o Português Brasileiro difere do Português Europeu com relação à variação de contextos em que é permitido ter argumentos nulos em posição de objeto. No PE esses contextos são mais variados, de modo que a aquisição completa destes elementos é mais tardia. No PB o objeto nulo é adquirido mais cedo.

Se observarmos os exemplos que dei no capítulo 1, repetidos a seguir, o singular nu não ocupa apenas a posição argumental de sujeito nas construções do PB. Sua distribuição na língua é variada:

1. Iogurte de **maçã** faz bem para a saúde. [complemento de preposição]
2. **Maçã** faz bem para a saúde. [sujeito]
3. Comer **maçã** faz bem para a saúde. [objeto]
4. **Maçã, pêra e ameixa** fazem bem para a saúde. [contexto de lista, sujeito]

Tendo em vista as possibilidades para construções com o nominal singular nu, a posição de sujeito é a mais restrita, já que há diferença a depender do tipo de predicado de que ele é sujeito. Ou seja, aparentemente a distribuição é livre, quando se olha para as

posições de complemento de preposição e objeto, mas, quando se chega na posição de

sujeito, a coisa muda de figura. Dessa forma, fica em aberto como as crianças conseguem capturar no input essa sutileza com relação do sujeito, dado que nas outras posições o nome nu é livre.

Esse é um questionamento que em geral não se vê na literatura que foi apresentada e discutida neste trabalho. Os estudos teóricos que apresentei nos capítulos anteriores estão em um estágio em que se procura dar uma descrição precisa do que é o nominal nu. Assim, investigam-se os contextos onde ele pode aparecer e propõem-se análises para a semântica do nominal. Contudo, também não se chegou ainda num estágio na descrição em que se investiga com mais minúcia os tipos de construção a que as crianças têm acesso em um estudo longitudinal.

Quando pensamos em um predicado-de-espécie, por exemplo, é importante ressaltar o quanto esse tipo de construção está ausente do vocabulário de crianças pequenas, pelo menos nos termos em que são discutidos na literatura. Quando olhamos para os primeiros trabalhos publicados sobre o tema (Schmitt & Munn 1999, Müller 2000), o predicado-de-espécie usado nos exemplos dos autores é *estar extinto*. No entanto, quantas construções com esse predicado nós usamos com crianças adquirindo linguagem ou perto delas? Foi só a partir de estudos experimentais como os de Augusto (2007) e Pires de Oliveira et al. (2010) que se começou a apresentar alternativas como *ser raro*, *ser comum*, ou *ter três patas* para predicados-de-espécie, por exemplo, que são mais facilmente compreendidos por crianças e que podemos encontrar na fala adulta com mais frequência. Contudo, mesmo considerando esses predicados mais comuns, ainda temos a impressão de que o singular nu seja encontrado em uma frequência muito menor na posição de sujeito de predicados-de-espécie do que em outros contextos.

Por outro lado, com relação aos predicados-de-estágio, quando estão saturados por outro tipo de nominal, como o singular definido (exemplo: *O menino foi para a escola*.), são muito comuns na língua. Contudo, esse é um tipo de predicado que é mais dificilmente encontrado com o singular nu sujeito. Construções espontâneas apresentando essa combinação entre o nominal e o predicado-de-estágio são registradas apenas nos corpora analisados por Albert Wall (2013, 2014). Assim sendo, visto que são tão raros, como as crianças conhecem as restrições que tornam construções com predicados-de-estágio estranhas?

Diante desse cenário, meu objetivo com este estudo é checar a frequência de construções com o singular nu[21] no input e nas produções de uma criança. O objetivo central desse levantamento é observar em quais posições sintáticas o nominal aparece não só nas produções infantis, mas também nas produções dos adultos em suas interações com as crianças. Esse levantamento nos dará uma visão geral do tipo de distribuição do singular nu em PB falado em condições informais de interação, além de nos fornecer uma ideia de como procede o desenvolvimento da criança com relação a produção do nome nu.

Nas próximas seções, descrevo em mais detalhe o corpus e os resultados encontrados.

4.1. Descrição do corpus

Os dados aqui analisados fazem parte do projeto coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Lemos, do IEL/UNICAMP e foram coletados pela Profa Dra Ester Mirian Scarpa.[22] Os dados são de uma criança (R.) em interações espontâneas com adultos da família. Foram analisadas 30 transcrições de sessões com duração entre 5-30 minutos de gravação cada, perfazendo um total de 11 horas de gravação. Na tabela abaixo, descrevo as informações sobre as sessões.

Tabela 2: Informações sobre as sessões gravadas com R.

Sessão	Idade da Criança	Intervalo até a próxima sessão transcrita	Duração	Interlocutor
1	01:02;11	26 dias	32:01	Mãe
2	01:03;06	2 dias	22:09	Mãe
3	01:03;08	21 dias	30:15	Mãe
4	01:03;29	13 dias	28:21	Mãe, Pai, Irmã
5	01:04;12	24 dias	26:38	Mãe
6	01:05;18	9 dias	15:01	Mãe
7	01:05;27	6 dias	16:03	Mãe
8	01:06;03	3 dias	16:03	Mãe
9	01:06;06	16 dias	19:50	Mãe

[21] Dado que meu interesse era investigar construções completas, descartei da pesquisa estruturas como holófrases, interjeições ou possíveis construções com elipses, em que apenas o nominal fosse enunciado. O meu critério de escolha para quais construções seriam registradas no trabalho considerou apenas ocorrências em que o nominal está inserido em uma construção.

[22] É possível encontrar algumas destas transcrições no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (acesso: http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show&album=18#)

10	01:06;22	7 dias	31:52	Mãe, Pai, Antônia
11	01:06;29	9 dias	30:32	Mãe
12	01:07;08	5 dias	31:42	Mãe, Vânia
13	01:07;13	2 dias	27:54	Mãe
14	01:07;15	15 dias	Transcrição sem áudio	Mãe
15	01:08;00	25 dias	15:24	Mãe
16	01:08;25	13 dias	15:17	Mãe
17	01:09;08	8 dias	30:13	Mãe
18	01:09;20	12 meses	35:36	Mãe
19	02:09;10	6 dias	28:35	Mãe, Pai
20	02:09;16	6 dias	Transcrição sem áudio	Mãe, Irmã
21	02:09;22	8 dias	31:48	Mãe, Pai
22	02:09;30	14 dias	31:45	Mãe, Pai
23	02:10;14	9 dias	30:14	Mãe, Irmã, Visita
24	02:10;23	23 dias	25:22	Mãe
25	02:11;02	3 meses	17:34	Mãe
26	03:02;06	11 dias	36:49	Mãe
27	03:02;17	3 dias	05:17	Mãe
28	03:02;20	21 meses	14:15	Mãe, Irmã
29	04:09;21	15 dias	20:41	Mãe, Pai
30	04:10;06	---	34:53	Mãe, Luciana

Tabela 14: Informações sobre as sessões transcritas e analisadas no corpus da Profa. Ester Scarpa, N = 6.

Na primeira coluna desta tabela, apresento os nomes atribuídos a cada sessão transcrita. Em seguida, apresento em ordem cronológica as idades que R. tinha quando cada sessão foi gravada. Na terceira coluna, apresento o intervalo de tempo entre as gravações. Essa informação pode indicar um percurso no desenvolvimento linguístico da criança, como por exemplo a idade com que ela produz uma construção inaceitável com o singular nu sujeito e a idade com que ela produz uma construção aceitável. Em seguida, na quarta coluna, apresento a duração de cada sessão. É possível observar que com exceção da sessão 27, que

dura 5 minutos, a maior parte do corpus é composta por sessões mais longas, com mais de 15 minutos de duração. Na última coluna, informo quem é o interlocutor da criança durante cada sessão. Algumas cédulas foram sombreadas apenas para diferenciar as idades em que R. foi gravada.

4.2 Resultados

Em linhas gerais, *tokens* de nomes nus singulares foram encontrados nos seguintes ambientes sintáticos. i) objeto direto; ii) complemento de PP; iii) sujeito de construções genéricas; e iv) sujeito de construções com predicados-de-estágio.

Mais abaixo, na tabela 14, apresento a quantidade total de *tokens* encontrados para cada construção. Além disso, veremos abaixo quantos nominais aparecem na produção infantil e no input da criança.

Tabela 3: Produção de singulares nus

Enunciador/ Ambiente Sintático	input	R. (1 ano)	R. (2 anos)	R. (3 anos)	R. (4 anos)	Total
Objeto	233 (83%)	0 (0%)	9 (3%)	20 (7%)	20 (7%)	282 (100%)
Complemento de Sintagma Preposicional	176 (85%)	0 (0%)	4 (2%)	7 (3%)	20 (10%)	207 (100%)
Sujeito de Construções Genéricas	14 (87,5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (6,25%)	1 (6,25%)	16 (100%)
Sujeito de Construções com Predicados-de-Estágio	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	2 (100%)
Sujeito de Construções com Predicados-de-Espécie	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

Quantidade/taxas de produção de tokens de singulares nus registrados na fala de R e no input (corpus da Profa. Ester Scarpa)

Como podemos ver na tabela acima, o singular nu é um nominal relativamente abundante no input, e aparece em pelo menos 3 ambientes sintáticos diferentes. Em aproximadamente 15 horas de gravação, só foram observados 14 ocorrências de nominais nus sujeitos em construções genéricas. Além disso, quase nenhuma ocorrência das construções

com predicados-de-estágio ou predicados-de-espécie foram registradas, com exceção de 2 sentenças com o singular nu saturando um predicado-de-estágio produzida pela criança.

Ainda no que diz respeito às produções da criança, também observamos pouquíssimas ocorrências do nominal singular nu, mesmo aquelas que são mais abundantes no input. Mais abaixo é possível observar alguns exemplos de produções de R. e presentes no input para exemplificar os resultados dispostos na tabela.

40. '**babalu** tá papando'[23] (R, 1:9;20) [predicado-de-estágio, interpretação de especificidade]

41. '**centopeia** não faz nada mãe?' (R, 4:10;06) [construção genérica]

42. '**carneirinho** é parecido com **cabritinho**' (adulto, idade de R: 1:09;08) [construção genérica, nominal em posição de sujeito e complemento de PP, respectivamente]

43. '*CHI: não # água fria # pra eles comerem.

*MOT: mas porquê (vo)cê pôs no fogão?

*MOT: não é pra esquentar?

*CHI: é.

*MOT: já sei por que (vo)cê (es)tá **pon(d)o água** pra esquenta(r).

*MOT: pra **fazer café** # pra **fazer sopa** e pra **fazer macarronada**.

*MOT: pra **fazer café** tem que **por água** pra esquentar # pra **fazer sopa** também e pra **fazer macarronada** também.' (idade R: 3:02;06) [objeto]

Visto que há um conjunto tão amplo com relação às possibilidades de ambientes sintáticos para o singular nu e, ao mesmo tempo, um conjunto tão restrito de construções que aparecem no input, é de se questionar como as crianças chegam ao conhecimento tão preciso que investigo nesta dissertação.

4.3 Discussão

Os resultados sugerem que antes dos 4 anos de idade as crianças ainda não produzem construções com o singular nu em posição de sujeito predicados-de-espécie ou de

[23] Nesta observação, R. está brincando com sua mãe. Na brincadeira, a criança alimenta alguns animais de brinquedo, enquanto a mãe cozinha. A construção em questão é enunciada pela criança a fim de indicar que um dos cavalos está comento. Assim, *babalu* é a transcrição para a palavra *cavalo* neste caso. Ainda com relação a esta ocorrência, o gerúndio não desqualifica o predicado como um predicado-de-estágio porque a criança está fazendo referência a um evento em específico, que se dá no momento de fala.

predicados-de-estágio. Quando esta última construção é observada no discurso de R., com 1 ano de idade, a leitura atribuída ao nominal é específica. Nesse caso, o nominal denota uma entidade. Como vimos na discussão sobre a literatura (Pires de Oliveira 2012, Menuzzi et al. 2015), propõe-se que quando o singular nu satura um predicado-de-estágio, necessariamente ele deve denotar espécie. Nesse caso, é necessário considerar que a criança ainda não está fazendo uso do mesmo singular nu que o adulto tem. Ela pode estar omitindo o artigo porque ainda não o conhece, por exemplo.

Além disso, ao olhar para a produção de sentenças com o nominal nu em posição de sujeito, fica evidente que construções com o singular nu são muito mais abundantes em outros ambientes sintáticos tanto na fala da criança quanto na fala dos adultos. Nas sessões observadas, os adultos observados não produziram construções com o nominal saturando predicados-de-estágio, e a produção de construções genéricas também foi muito baixa quando comparada às demais construções (14 nome nus em posição de sujeito de genérica contra 176 para complemento de preposição e 233 como objeto).

Olhando agora para os resultados da criança, é possível observar uma diferença muito grande entre as taxas de produção dela quando comparadas às observadas com os falantes adultos. Em primeiro lugar, é interessante observar que 100% das ocorrências de nome singular nu saturando um predicado-de-estágio foram produzidas por R., mesmo que sejam apenas duas ocorrências. Com relação às sentenças genéricas, 87,5% das ocorrências de produção correspondem aos interlocutores adultos. Taxas acima de 80% do total de *tokens* por ambiente sintático também são observadas no input com relação a complemento de preposição (85%) e objeto (83%). Visto que a maioria dos dados encontrados foi produzida pelos adultos, os resultados sugerem que antes dos 5 anos de idade as crianças produzem poucos singulares nus seja em posição de sujeito, seja nos ambientes sintáticos observados no input.

Como as construções investigadas nesta dissertação não foram encontradas nos dados de produção, fica evidente a necessidade de conduzir outra modalidade de estudo a fim de verificar como mais crianças julgam essas construções. Por essa razão, elaborei dois estudos experimentais aplicados a participantes diferentes. Ambos têm o objetivo de observar se as crianças e os falantes adultos aceitam as sentenças com o singular nu sujeito de modo semelhante, considerando a restrição que estou discutindo: a presença de uma leitura contrastiva no contexto em que construções com nominal são enunciadas. Além disso,

estudos experimentais que investigam mais de uma faixa etária de crianças permitem que se verifique o momento em que as crianças chegam a um estado estável, isto é, a um estágio de desenvolvimento em que apresentam taxas de aceitabilidade semelhantes às dos adultos. Estes estudos serão discutidos nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 5 - Estudo 2: O efeito da presença de contexto

No capítulo anterior, relatei os resultados de um estudo de corpus que conduzi a fim de observar quais construções com o nominal nu são observadas na fala de uma criança adquirindo PB. Observei também a frequência desse tipo de nominal no input. Os resultados não apresentaram muitas ocorrências de construções que discuto nesta dissertação, isto é, aquelas em que o singular nu sujeito satura predicados-de-espécie ou predicados-de-estágio, além das sentenças genéricas. Mesmo quando construções com predicados-de-estágio aparecem na fala da criança, não têm a leitura esperada no PB adulto, que é de espécie (PIRES DE OLIVEIRA 2012, MENUZZI ET AL. 2015). A criança usa o nu em ambas as ocorrências para fazer referência a uma entidade específica.

Em alguns dos trabalhos em que se argumenta que o singular nu denota espécie, os autores propõem que é possível melhorar a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio. Para isso, Pires de Oliveira (2012), seguindo a trabalho de Schmitt & Munn (1999), propõe que o contexto em que a construção é enunciada pode reforçar a leitura de espécie do singular nu quando ele satura esse tipo de predicado. Isso acontece quando uma leitura contrastiva é evocada no contexto. Levando essa proposta em consideração, o objetivo do presente estudo é verificar se de fato o contexto é tão relevante assim para melhorar a aceitabilidade construções com o singular nu sujeito de modo geral.

Antes de comentar o método empregado, apresento na seção (5.1) os objetivos deste estudo. Em seguida, na seção (5.2), justifico a escolha por uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade para testar os participantes. Na seção (5.3) eu detalho como funcionou o procedimento da pesquisa e descrevo as condições testadas, isto é, os materiais. Em (5.4), apresento os participantes do estudo. Por fim, nas seções (5.5) e (5.6) eu apresento os resultados e os discuto, respectivamente.

5.1 Objetivos

Ao longo desta dissertação, venho discutindo quais seriam as condições de licenciamento de construções em que o singular nu satura um predicado-de-estágio. Embora

haja um certo consenso de que esse tipo de sentença pareça um tanto degradada, a ponto de alguns trabalhos falarem em inaceitabilidade, a literatura também apresenta algumas propostas para melhorar sua aceitabilidade. Visto que o contexto parece ter um papel fundamental no licenciamento desse tipo de construção, o objetivo do experimento reportado abaixo é justamente verificar se esse é o caso[24]. Assim sendo, meu objetivo geral é investigar a aceitabilidade do singular nu sujeito em Português Brasileiro adulto e infantil com relação ao fator de presença/ausência de contexto.

Para investigar essa aceitabilidade, os objetivos específicos são:

i) Investigar o julgamento do singular nu na posição de sujeito de três predicados (sujeito de sentença com predicado-de-estágio, sujeito de sentença com predicado-de-espécie e sujeito de sentença genérica) por adultos falantes nativos de PB em uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, manipulando a presença-ausência de contexto.

ii) Investigar o julgamento do singular nu nos mesmos três contextos por crianças em processo de aquisição do PB (em dois grupos distintos, um com idades entre 4;0-4;6, e outro com idades entre 7;0 e 7;6 anos) em uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade;

iii) Comparar os dados obtidos por meio do experimento com as crianças e os dados obtidos por meio do experimento com os adultos.

A seguir, no restante deste capítulo, apresento a metodologia e os materiais utilizados na aplicação deste estudo.

5.2 Método

Para investigar o julgamento de crianças e adultos, já era de se esperar que uma tarefa de julgamento fosse escolhida. No entanto, a mera apresentação das sentenças sem nenhum

[24] Destaco que neste experimento os predicados-de-estágio apresentados aos participantes não fazem referência a momentos específicos de que participaram todos os participantes de uma espécie. Assim, os participantes não julgaram construções como "**Maçã** chegou ao Brasil em meados da década de 1920", como no exemplo da página 7. Neste estudo, lancei mão da proposta de "incomplete involvement" (LANDMAN, 1989), em que o autor defende que uma afirmação sobre um grupo pode ser estendida para todos os seus membros se o contexto deixar isso evidente. Tendo essa proposta em vista, preferi deixar as construções mais simples, uma vez que seriam apresentadas a crianças pequenas, excluindo eventos tão específicos quanto a chegada e a extinção de uma espécie. Seguindo Landman, nas histórias que formulei, deixei claro que todos os membros dos grupos apresentados participaram dos eventos relevantes para cada narrativa.

contexto que favoreça a compreensão da atividade pode não cativar crianças pequenas, levando em consideração o quanto um procedimento tão formal pode ser entediante para elas. Por essa razão, adaptamos a Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade (ver McDANIEL &

CAIRNS, 1998) para que ela se tornasse um momento atrativo e lúdico para os participantes mais novos.

Além da preocupação com a ludicidade do procedimento, também foi crucial garantir que os participantes entendessem bem a tarefa. Visto que crianças muito novas têm dificuldades para dar julgamentos que envolvem um conhecimento metalinguístico (ver GROLLA & FIGUEIREDO 2014), foi necessário enfatizar o tipo de resposta que era esperada em sessões de treinamento que antecediam o teste.

Como já mencionei anteriormente, uso o termo julgamento de aceitabilidade considerando que um experimento não pode, diretamente, medir a gramaticalidade ou agramaticalidade de uma construção. Como se trata de um conceito abstrato, só faria sentido falar em gramaticalidade aqui se eu estivesse comparando propostas diferentes para a gramática do PB, e não é o caso. Assim, meu experimento apenas mede a aceitabilidade ou inaceitabilidade, comparando, por exemplo, se uma sentença com o predicado-de-estágio é mais, igualmente, ou menos aceitável que construções genéricas com o singular nu sujeito.

Em vista disso, apresentei a todos os participantes do estudo um personagem chamado Ponki, que é extraterrestre. Como Ponki não fala bem a nossa língua ainda, era tarefa da criança avisar quando ele enuncia uma sentença corretamente[23] ou não. Dessa forma, obtive o meu conjunto de dados a partir dos julgamentos de aceitabilidade que registrei para cada uma das construções do personagem, já que cada participante fez seus julgamentos a partir do que ele considerava aceitável na língua.

É ainda importante mencionar que não só as construções com predicados-de-estágio ou predicados-de-espécie foram apresentadas. Como mencionei mais acima, uma tarefa envolvendo julgamentos de aceitabilidade requer que os sujeitos levem em consideração construções totalmente aceitáveis na língua, além daquelas que são inaceitáveis. Assim sendo, apresentei, além de construções com o singular nu, várias sentenças consensualmente aceitáveis e inaceitáveis na língua, que não envolvem o singular nu. Estes, por sua vez, são os itens distratores do trabalho.

[23] Dada essa instrução, é importante mencionar que o "falar corretamente" nada tem a ver com a gramática padrão e seu aspecto normativo. Fiz essa observação principalmente na aplicação do experimento com os falantes adultos e crianças maiores. Para as crianças mais novas, por outro lado, disse que elas deveriam julgar as sentenças de Ponki levando em consideração o modo como nós falamos aqui na Terra. Assim, qualquer enunciado considerado estranho ou esquisito seria comparado com o modo estranho como as pessoas falam no lugar de onde Ponki vem.

5.3 Procedimento

Neste estudo, o procedimento foi conduzido com o objetivo de compreender qual seria o efeito da presença de um contexto sobre a aceitabilidade de construções com o singular nu sujeito. Uma vez que os trabalhos de Schmitt & Munn (1999) e Pires de Oliveira (2012) colocam em perspectiva a relevância da questão contextual, busquei investigar se apresentar as sentenças apresentadas sem um contexto que as antecedesse, poderia torná-las menos aceitáveis para os participantes.

Para isso, manipulei a apresentação das construções para que todos os sujeitos pudessem julgá-las em presença e em ausência de um contexto. Estas foram as variáveis do experimento. Dado que existem propostas sugerindo que apenas a presença de um contexto reforça a referência de espécie do nominal, foi isso que eu investiguei.

A razão para apresentar as construções sem nenhum contexto, isto é, *out-of-the-blue*, deriva do estudo de Ionin et al. (2018), que foi discutido no capítulo 3. Era um objetivo das autoras investigar a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio também. No entanto, durante o procedimento todos os itens-teste eram antecedidos por um contexto.

Dado que sentenças sem nenhum contexto não foram apresentadas pelas autoras, é válido verificar se manipular o contexto altera os julgamentos de modo significativo. Se for o caso, é igualmente válido investigar se as crianças são sensíveis a essa manipulação da apresentação das construções.

Crianças e adultos ouviram sentenças com o nominal nu nas 3 construções mencionadas anteriormente em dois dias diferentes. Num dia elas ouviam as sentenças sem contexto - o que chamamos de *out-of-the-blue*. No outro dia, os participantes ouviam as sentenças precedidas de um contexto.

Para checar se a ordem de apresentação influenciaria as taxas de aceitação dos participantes, dividimos cada grupo em dois, e trocamos a ordem em que cada grupo ouvia as sentenças. Metade dos adultos ouviu as sentenças out-of-the-blue primeiro (é as sentenças com contexto no segundo dia) e a outra metade seguiu a ordem inversa (primeiro ouviram as sentenças precedidas de contexto e num dia subsequente ouviram as sentenças out-of-the-blue. O mesmo foi feito com o grupo de crianças.

Independentemente da ordem em que ouviram as construções, todos os participantes do estudo julgaram os mesmos itens. As etapas do estudo eram::

i) Apresentação do fantoche e explicação dos objetivos da tarefa;

ii) Aplicação de uma sessão de treino para verificar se os participantes entenderam que devem atribuir julgamentos aos enunciados do fantoche. Nesta etapa do procedimento, são apresentados da seguinte maneira: a partir de imagens que são apresentadas em um computador, o fantoche dizia o nome delas. Neste momento, eu começava o procedimento mostrando imagens com a descrição de uma palavra. Assim, o estímulo ouvido pela criança ainda está no nível do termo designado pela imagem para treiná-la a avisar quando o fantoche dizia um termo que correspondia à imagem apresentada ou não. Assim, quando ela ouvia o estímulo *cachorro* e via a figura de um cachorro, devia dizer que o fantoche falou certo. Por outro lado, se ouvisse *tatu* diante da figura de uma borboleta, devia corrigir o fantoche. Essa etapa é uma primeira aproximação, para ensinar a criança o que se quer dizer quando dizemos que o fantoche está aprendendo a língua dela e pode cometer erros. Nessa fase, ela é treinada a ensinar a língua ao fantoche, alertando-o quando diz algo errado. Nesta etapa, são apresentados ao todo 6 itens, sendo 3 uma correspondência correta entre estímulo-imagem e 3 uma correspondência incorreta.

iii) Em seguida, com o objetivo de treinar os participantes, apresentei figuras com um sintagma nominal como estímulo. Assim, em vez de apresentar apenas palavras isoladas, apresentei nomes acompanhados por determinantes. Neste momento, a criança precisava avisar quando o fantoche usava os determinantes de maneira aceitável (exemplo: *os bebê*s) ou inaceitável na língua, como quando eram duplicados (exemplo: **a o garrafa*). Nesta etapa, apresentei ao todo 6 itens, sendo 3 sintagmas nominais aceitáveis e 3 inaceitáveis.

iv) Aplicação de uma sessão de pré-teste para verificar se os participantes entenderam que devem atribuir julgamentos a sentenças completas, e não só sintagmas isolados. Nesta etapa do procedimento, apresentei sentenças que suscitavam `sim` e `não` como respostas, com a diferença de que, nas inaceitáveis, os problemas eram sutis. Assim, em vez de apresentar as tradicionais saladas de palavras, o fantoche enunciava construções com excessos de

elementos, como em **A menina andando de a bicicleta*. A quantidade de sentenças permaneceu a mesma: 6 no total, sendo que 3 eram aceitáveis e 3 inaceitáveis.

Todas estas etapas foram realizadas nos dois dias em que a tarefa era aplicada aos participantes.

As condições do estudo são: (i) construções apresentadas com contexto e (ii) construções apresentadas sem contexto. Nos dois casos, apresentamos os mesmos tipos de construção: sentenças genéricas (6 itens), com predicados-de-espécie (6 itens), e com predicados-de-estágio (6 itens). Embora a quantidade de construções permaneça igual do primeiro dia para o segundo, os itens apresentados em cada condição são diferentes. Ou seja, as sentenças apresentadas na condição sem contexto não são as mesmas apresentadas na condição com contexto.

As sentenças (44), (45) e, (46) abaixo são exemplos de itens apresentados sem contexto.

44. '***Peixe** é comum nos rios.*' (predicado-de-espécie);

45. '***Professora** brincou de roda com as crianças.*' (predicado-de-estágio);

46. '***Doce** suja os dentes.*' (construção genérica);

As construções foram randomizadas e intercaladas por distratoras, sendo 4 delas itens aceitáveis na língua e 13 inaceitáveis.

Nos itens da condição com contexto, era contada uma breve história com o auxílio de imagens[24] antes de o fantoche enunciar as sentenças para descrever algo que havia ocorrido. As distratoras eram distribuídas de acordo com as histórias apresentadas aos participantes. Dessa forma, cada pessoa ouviu 24 sentenças distratoras aceitáveis e 24 sentenças inaceitáveis, já que, depois de cada contexto, os participantes deviam julgar um conjunto de 3 itens: 2 distratoras e 1 item-teste de cada condição. Mais abaixo, em (47-49), dou exemplos

[24] Como se vê mais abaixo, as imagens são apresentadas individualmente em sequências de três quadros, que correspondem a slides de PowerPoint. A sequência apresentada na figura (8) indica a sequência em que cada figura foi apresentada para os participantes.

para ilustrar a apresentação das construções-teste. Os outros contextos é sentenças testadas podem ser consultados nos apêndices.

47. Exemplo de item com construção genérica

Figura 8: Exemplo de imagens apresentadas para contextualizar o item-teste

Contexto: *Veja só que árvore de Natal bonita! E quantos presentes! O Papai Noel trouxe tanta coisa legal para as crianças dessa vez! Vários brinquedos. Ih! Parece que a Melissa não gostou do presente dela. Ela ganhou um par de meias, mas ela queria um brinquedo, como todas as crianças. Sabe o que aconteceu? É que o Papai Noel ainda não passou na casa da Melissa. Ela acordou cedo e só viu o presente que a vovó deu pra ela. Ah! Olha o Papai Noel! Quando o Papai Noel chegou ele trouxe brinquedos pra ela. A Melissa não precisava ter chorado daquele jeito.*

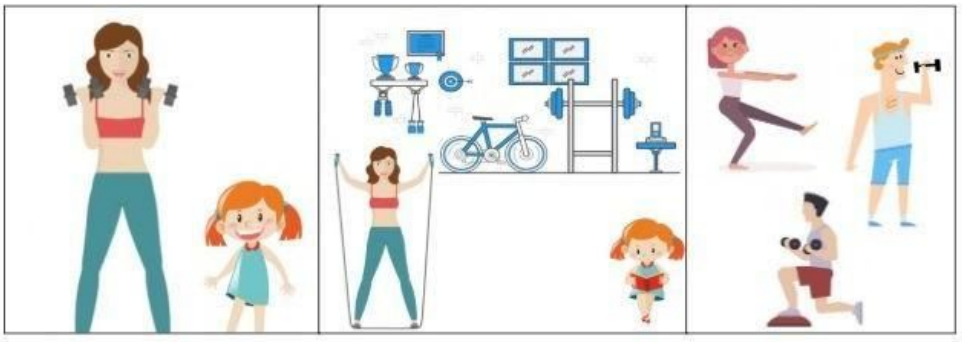
Item-teste: '*Criança gosta de ganhar brinquedos*'

Distratora gramatical: '*Foi a vovó que deu as meias pra Melissa*'

Distratora agramatical: '**A Melissa acordou antes de*'

48. Exemplo de item com predicado-de-espécie

Figura 9: Exemplo de imagens apresentadas para contextualizar o item-teste



Contexto: *'Essa é a Jaque e essa é a mãe dela. Depois da escola, a Jaque teve que ir com a mãe dela para a academia. Enquanto a mãe da Jaque fazia os exercícios dela, a Jaque ficou fazendo o dever de casa. Toda vez que alguma pessoa entrava na academia, olhava esquisito pra Jaque, porque não é comum ver crianças na academia. Só os adultos podem fazer exercícios lá.'*

Item-teste: '*Criança não é comum na academia.*'

Distratora gramatical: '*A Jaque ficou fazendo o dever de casa na academia*'

Distratora agramatical: '**A mãe da Jaque fez exercícios na*.'

49. Exemplo de item com predicado-de-estágio

Figura 10: Exemplo de imagens apresentadas para contextualizar o item-teste

Contexto: *Semana passada, tinha muitas pessoas na feira. Lá tinha homens, mulheres e crianças. Os homens e as mulheres compraram muitas frutas e comidas saudáveis, está vendo? Mas as crianças não queriam saber de frutas. Sabe o que elas compraram? Doces! E elas compraram bastante!*

Item-teste: *'Criança comprou bastante doce.*'

Distratora gramatical: '*Os adultos compraram as frutas*'

Distratora agramatical: '**As crianças não comprarás as frutas.*'

5.4 Participantes

O teste foi aplicado a 20 adultos falantes nativos de PB e 10 crianças adquirindo a língua. Como já comentei mais acima, não esperava conseguir aplicar a tarefa com crianças muito novas, já que o conhecimento metalinguístico necessário para participar não é observado em crianças com menos de 4 anos.

O grupo de adultos compõe o grupo controle do estudo. Dentre os participantes, 19 são naturais de Jundiaí-SP, e 1 pessoa é natural do Rio de Janeiro-RJ, porém vive em Jundiaí há mais de 10 anos. Para meu estudo, considero relevante que todos os participantes sejam naturais de um mesmo local para que seja excluído qualquer efeito de variação dialetal. Como mencionado acima, metade desse grupo realizou o experimento com os estímulos apresentados em presença de contexto na primeira etapa (n = 10), ao qual chamarei de Adult_G1, e metade dos participantes (n = 10) realizou o experimento com os estímulos sem contexto (*out-of-the-blue*) na primeira etapa, que chamarei de Adult_G2.

Ou seja:

Adult_G1: 1) Com contexto – 2) Sem contexto;

Adult_G2: 1) Sem contexto – 2) Com contexto.

Esta tarefa também foi aplicada a 9 crianças com idades diferentes. 4 crianças com idades entre 4;6 e 5;0 anos compõem o Cri_01, enquanto 5 crianças com idades entre 7;0 e 7;6 anos compõem o Cri_02. Destas crianças, todas as participantes do primeiro grupo estudavam em escolas privadas. As crianças do Cri_02, por outro lado, estudavam em uma escola municipal de Jundiaí.

Nas seções seguintes, apresento os resultados obtidos em cada grupo e discuto.

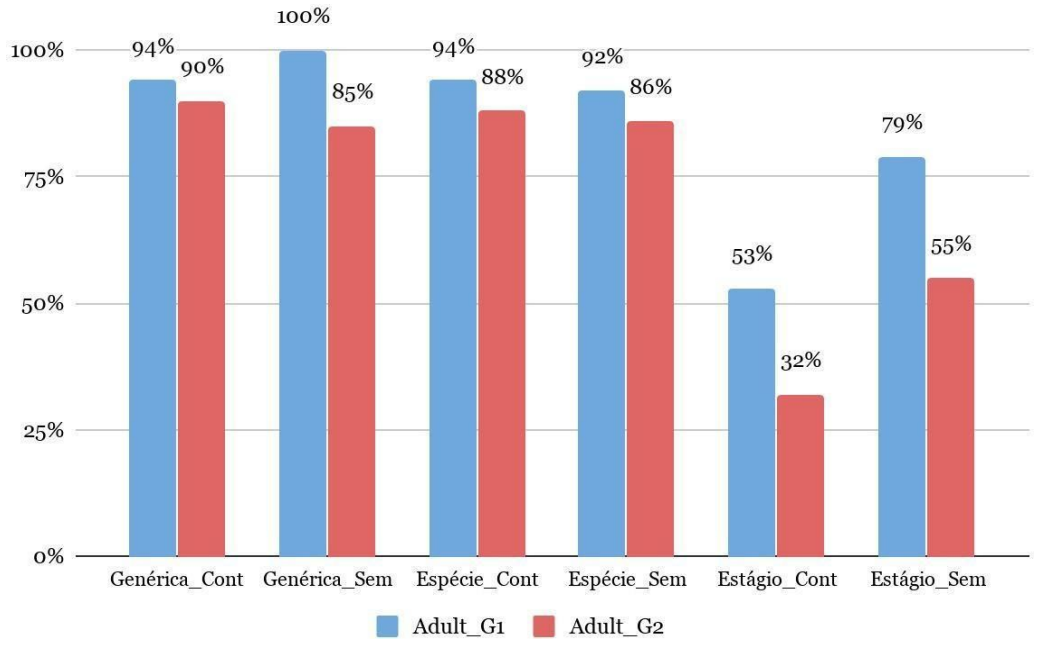
5.5 Resultados

5.5.1. Adultos

Descrevo a seguir algumas informações gerais sobre os resultados dos adultos para as construções testadas. Apresento, mais abaixo, resultados de frequência de julgamento de aceitação, e apresento também os resultados da aplicação de um teste-t para amostras independentes, que foi realizado a fim de verificar se, para cada condição testada, a interação entre as respostas dos adultos alcança significância estatística no que diz respeito ao fator da presença de contexto.

A seguir é possível observar o percentual de aceitabilidade que cada sentença recebeu.

Gráfico 1: Taxas de aceitabilidade para construções com o singular nu sujeito com e sem contexto: Adultos



Taxa de aceitabilidade de construções com o nominal singular nu pré-verbal para os falantes nativos adultos de PB, N = 20.

No gráfico, observamos as taxas de aceitabilidade para cada construção apresentada aos participantes adultos do estudo, Adult_G1 (itens com contexto antes, barras em azul) e Adult_G2 (itens sem contexto antes, barras em vermelho). Os dois primeiros conjuntos de barras apresentam as taxas para as construções genéricas quando foram apresentadas com e sem contexto. Este tipo de sentença foi amplamente aceito pelos participantes dos dois grupos, com aceitabilidade superior a 80%, independentemente da presença de contexto. O mesmo pode ser observado para as construções com predicados-de-espécie, nos conjuntos de barras centrais. Este tipo de sentença obteve uma taxa mínima de aceitabilidade de 86%, o que indica que são tão aceitáveis na língua quanto as genéricas. No entanto, essa mesma tendência à aceitabilidade não se observa no caso das construções com predicados-de-estágio.

Dada a proposta de que construções com predicados-de-estágio seriam mais aceitas com contexto, este resultado é contraintuitivo. No entanto, é importante lembrar que para o grupo que obteve 79% de aceitação as construções sem contexto foram apresentadas no segundo dia do estudo. Assim, os participantes deste grupo tiveram contato com as mesmas sentenças inseridas em um contexto antes. Nesse caso, é possível argumentar que, de alguma maneira, eles foram influenciados a aceitar o singular nu saturando predicados-de-estágio mesmo sem o contexto.

No que diz respeito a diferenças entre os dois grupos, é possível observar que o grupo Adult_G2 apresenta as taxas mais baixas para todas as condições. Essa diferença fica ainda mais evidente com relação à alta aceitabilidade das construções com predicados-de-estágio para o Adult_G1 quando as construções foram apresentadas sem contexto. Uma vez que neste caso a diferença entre as taxas é expressiva, lanço mão da análise inferencial para ver se ela também alcança significância estatística. Para as taxas mais altas, como no caso das construções genéricas e com predicados-de-espécie, está claro que a aceitabilidade é alta e que não haverá diferença significativa estatisticamente falando.

Na tabela abaixo, observam-se os valores-p encontrados para as interações entre as condições, levando em consideração a presença de contexto. Esse valor indica se apresentar as sentenças precedidas de um contexto levou a um comportamento significativamente diferente, do ponto de vista estatístico.

Tabela 4: Significância estatística para condições com e sem contexto: Adultos

Condições	Adult_G1	Adult_G2
Construções genéricas	p = 0,616248	p = 0,346594
Construções com predicados-de-estágio	p = 0,207109	p = 0,294864
Construções com predicados-de-espécie	p = 0,858968	p = 0,791341

Valores-p das interações entre as condições do experimento, N = 20.

O que esses valores-p indicam é se a taxa de aceitação para sentenças na condição com contexto são significativamente diferentes das taxas de aceitação para as sentenças apresentadas sem contexto. Por exemplo, no caso das construções genéricas, o valor-p 0,6162 para o grupo Adult_G1, muito acima de 0,05 (que é nosso valor de significância), não é significativo, indicando que as taxas de aceitação para as sentenças com e sem contexto (ou seja, de 94% e 100% respectivamente, como visto no gráfico acima) não são diferentes. O mesmo é observado para todas as construções, nos dois grupos de participantes.

Como previsto, esse tipo de construção foi amplamente aceita pelos participantes, com pelo menos 85% de julgamentos de aceitabilidade para todos os grupos.

Para os predicados-de-espécie, os resultados dos adultos se aproximam do que foi encontrado para as sentenças genéricas. A taxa de aceitação para os participantes dos dois grupos foi bastante alta, com mais de 85% de julgamentos de aceitabilidade para todos os grupos. Também para essa condição, o fator da presença de contexto não alcançou significância em nenhum dos grupos (valor p para o Adult_G1: 0.858968; valor p para o Adult_G2: 0.791341) ou seja, não faz diferença apresentar construções com predicados-de-espécie com ou sem contexto.

No que diz respeito à condição com predicados-de-estágio, o que se observou é que os julgamentos dos falantes não obtiveram uma taxa de julgamentos aceitáveis tão alta quanto a das sentenças genéricas (Estágio_Cont: 53% e 32% para Adult_G1 e Adult_G2, respectivamente; Estágio_Sem: 79% e 55% para Adult_G1 e Adult_G2). No entanto, observamos que um dos grupos aceitou essas construções a uma taxa semelhante às das condições anteriores. Os resultados desse grupo influenciam na variabilidade que é indicada pela média de aceitabilidade para essa condição (56%), que seria muito menor se considerássemos apenas os outros resultados. Uma vez que a amplitude dos dados é diferente levando em conta os resultados para as outras condições, foi imprescindível fazer a análise estatística e ver se ela não indica uma diferença relevante entre os resultados dos adultos de grupos diferentes para essa condição. Contudo, quando colapsei um grupo com o outro para checar essa hipótese de que os participantes deram julgamentos de fato diferentes, os resultados da análise estatística não apontaram para a significância desse fator para nenhum dos grupos (valor-p para o Adult_G1: 0.207109; valor-p para o Adult_G2: 0.294864), ou seja, a diferença para o Adult_G1, de 53% para 79% não é estatisticamente significativa. O mesmo ocorre para o Adult_G2: 32% para 55% não obteve relevância estatística.

Resumindo, quando olhamos para cada grupo separadamente, as taxas de aceitação para as condições com e sem contexto não se mostraram estatisticamente significativas.

Notamos uma tendência do grupo Adult_G2 (que ouviu as sentenças sem contexto antes) de aceitar menos as construções, de modo geral. Ou seja, ouvir as sentenças sem contexto antes parece ter influenciado os grupos, de modo que ouvir as sentenças na presença de um contexto antes parece levar os sujeitos a aceitarem mais as construções.

Por fim, ressalto que uma significância estatística foi acusada quando um teste-t foi realizado considerando as interações entre as respostas dos falantes para construções com predicados-de-estágio e as demais condições, independentemente da presença de contexto,

como podemos observar na tabela abaixo. Essa diferença indica que as sentenças com predicados-de-estágio são menos aceitáveis para os falantes que as outras construções..

Tabela 5: Contraste entre predicados-de-estágio e demais condições: Adultos

Interação	Valor-p (Adult_G1)	Valor-p (Adult_G2)
Construções genéricas vs. Construções com predicados-de-estágio	p = 0,000178	p = 0,000325
Condições com predicados-de-espécie vs. Construções com predicados-de-estágio	p = 0,000160	p = 0,001060

Valores-p da interação entre construções com predicados-de-espécie e demais construções de interesse, grupos de adultos, N= 20.

Diante do que foi exposto, os resultados dos adultos indicam que construções em que o singular nu sujeito satura predicados-de-estágio não melhoram com presença de contexto. Além disso, este é um fator que também não interfere no julgamento dos participantes com relação às sentenças genéricas e com predicados-de-espécie, uma vez que foram amplamente aceitas por todos os grupos independentemente da ordem de apresentação dos estímulos e também da presença/ausência de contexto. Contudo, mesmo sem atingir significância estatística, parece haver uma tendência de Adult_G1 a aceitar mais as sentenças como um todo.

5.5.2. Crianças

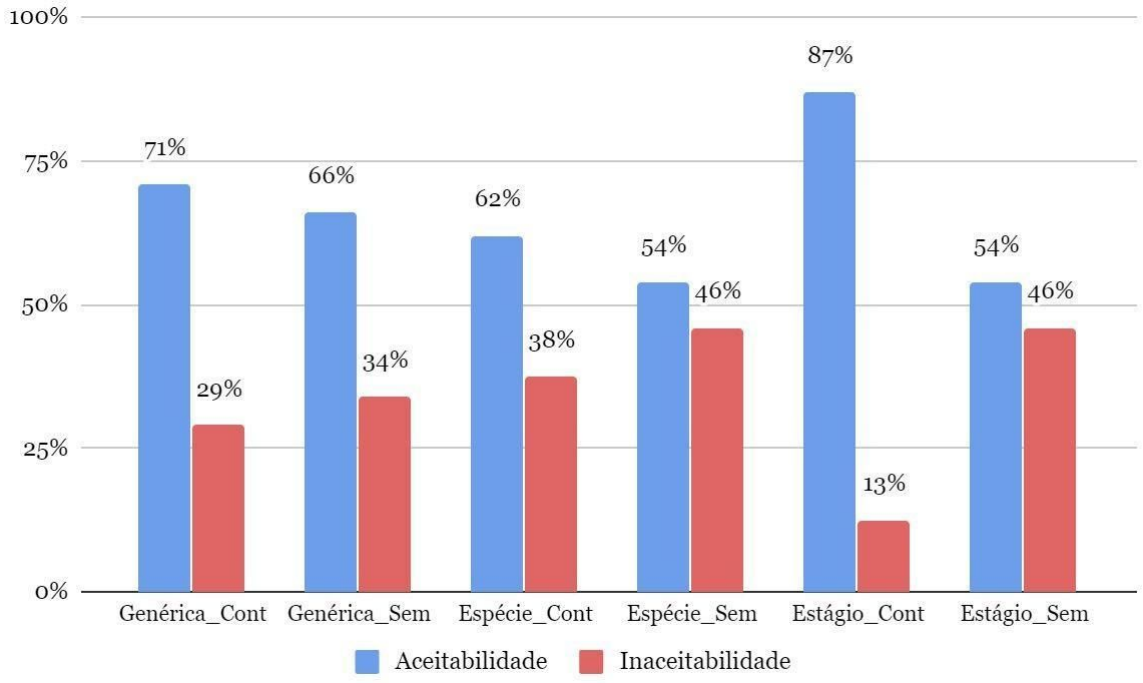
Como mencionado mais acima, são 2 os grupos etários de crianças participaram do estudo (G1: 4;0-4;6 anos, N=4 e G2: 7;0-8;0 anos, N= 5). Nas seções seguintes, apresento os resultados obtidos com cada grupo de crianças.

5.5.2.1. Grupo 1: 4;0-4;6 anos, N= 4

Apresento, nesta seção, uma descrição dos julgamentos de aceitabilidade para as construções com o singular nu atribuídos pelas crianças do G1.

De acordo com a literatura sobre a semântica do nominal nu, é esperado que construções genéricas sejam amplamente aceitas. Por outro lado, levando em consideração os resultados dos adultos com relação aos predicados-de-espécie, caso as crianças de 4 anos já estejam estáveis com relação ao conhecimento sobre o singular nu sujeito, apresentarão taxas de aceitabilidade altas, semelhantes às dos adultos. No caso dos predicados-de-estágio, por sua vez, espera-se que as crianças aceitem menos os itens desta condição.. No estudo de corpus descrito no capítulo anterior, observei ocorrências de produção não-adulta dessas estruturas, o que pode ser um indicativo de que as crianças se comportariam de maneira diferente que os adultos com relação a essa condição também, ou então que não estão usando o mesmo singular nu que os adultos. Os resultados obtidos são descritos no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Aceitabilidade e inaceitabilidade para construções com o singular nu sujeito: Crianças, Grupo 1



Taxa de aceitabilidade e inaceitabilidade para construções com o nominal singular nu pré-verbal. Crianças do Cri_01, N= 4.

Neste gráfico, apresento as taxas de aceitabilidade obtidas com as crianças para cada condição. No entanto, em vez de dividi-las em grupos, como fiz para os adultos, apresento uma comparação entre os julgamentos de aceitabilidade (azul) e inaceitabilidade (vermelho).

Destaco aqui é a comparação entre a porcentagem de itens que foram aceitos ou rejeitados para cada condição. Uma versão resumida dos dados pode ser consultada na tabela abaixo:

Tabela 5: Aceitabilidade de construções com o singular nu (Cri_01)

Tipo de predicado	Genéricas		Predicado-de-espécie		Predicado-de-estágio	
Apresentação	Contexto	Sem Contexto	Contexto	Sem Contexto	Contexto	Sem contexto
Taxa de aceitação	71%	66%	62%	54%	87%	54%

Taxa de aceitação de construções com o nominal singular nu pré-verbal para o Cri_01, N = 4.

De um total de 24 sentenças-teste (6 itens para cada condição, julgados por 4 sujeitos), as construções em que as sentenças com predicados-de-estágio são apresentadas em presença de contexto são as mais aceitas pelas crianças, em 87% das ocorrências, em uma quantidade maior que as construções genéricas (71% e 66% de aceitabilidade em presença e ausência de contexto, respectivamente). Além disso, quando as construções com o predicado-de-estágio são apresentadas sem contexto, temos a maior variabilidade nas respostas dos participantes: 87% de aceitabilidade contra 13% de julgamentos inaceitáveis. Para todas as outras condições, embora os julgamentos de aceitabilidade sejam sempre indicados pelas taxas mais elevadas, a diferença não é tão expressiva.

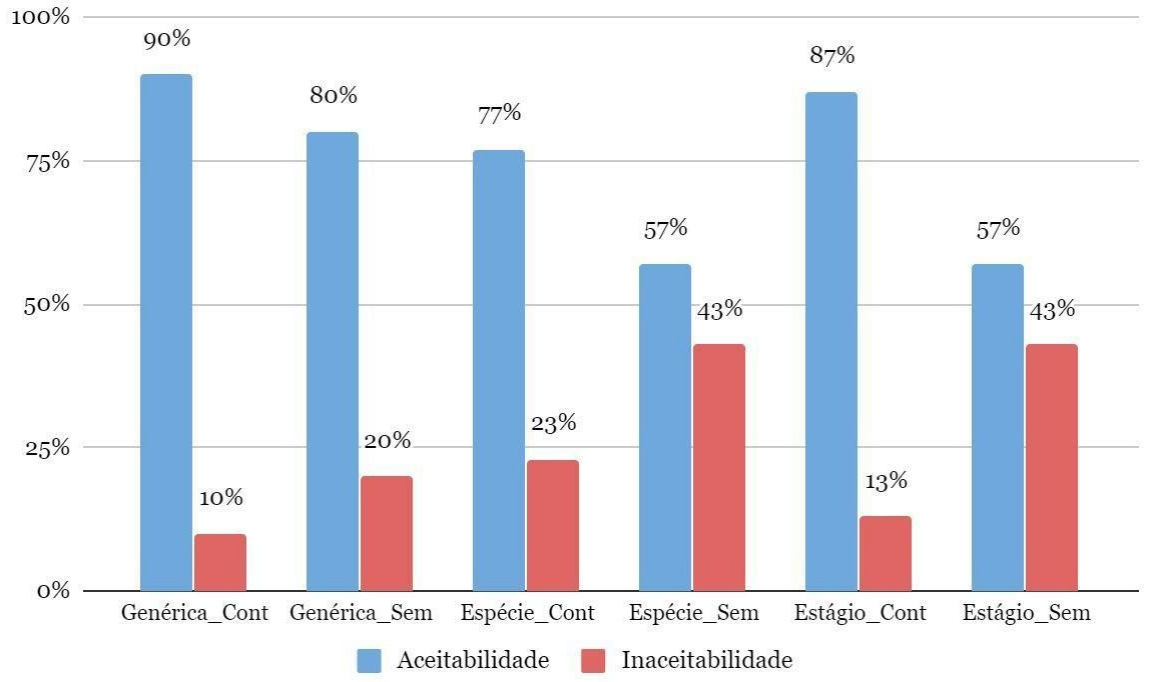
Por essa razão, no que diz respeito às construções com predicados-de-espécie e sentenças genéricas, o fator de presença de contexto a princípio não parece ser relevante. No entanto, quando olhamos atentamente para o gráfico desconsiderando o resultado para Estágio_Cont, é possível observar uma tendência decrescente, que vai de Genérica_Cont (88% de aceitabilidade) para Estágio_Sem (54%). Além disso, é possível também observar uma tendência crescente nos julgamentos de inaceitabilidade nessa mesma direção (29% para Genérica_Cont, 46% para Estágio_Sem). Assim, ainda que os resultados das crianças não apresentem taxas tão altas para algumas condições do estudo, percebemos que elas aceitam mais as construções genéricas e com predicados-de-espécie que as com predicados-de-estágio. Ao mesmo tempo, atribuem menos julgamentos de inaceitabilidade para as duas primeiras construções testadas do que para a terceira.

A princípio pode parecer irrelevante discutir ambas as taxas de aceitabilidade e inaceitabilidade, já que são complementares. No entanto, fazendo essa comparação eu quero chamar a atenção para a frequência em que os participantes rejeitaram as construções, isto é, consideraram que fossem inaceitáveis. Quando olhamos para os resultados para as sentenças genéricas e com predicados-de-estágio, o que encontramos é contraintuitivo. Há uma discrepância grande com os resultados dos adultos, uma vez que as construções com predicados-de-estágio estão com a maior aceitação entre todas condições para as crianças. Esses resultados vão contra o que vimos para os adultos, que tinham as menores taxas de aceitabilidade para essa condição. Assim, é surpreendente ver que que Estágio_Cont é a condição que apresenta a menor taxa de inaceitabilidade entre todas as condições.

5.5.2.2. Grupo 2: 7;0-8;0 anos, N =5

Por fim, reporto agora os resultados das crianças do Cri_02, que possui 5 participantes O gráfico abaixo indica a taxa de julgamentos de aceitabilidade e inaceitabilidade para as construções de interesse do estudo:

Gráfico 3: Aceitabilidade e inaceitabilidade para construções com o singular nu sujeito: Crianças, Grupo 2



Taxa de aceitabilidade e inaceitabilidade de construções com o nominal singular nu pré-verbal para as crianças do Cri_02, N =5.

Neste gráfico, assim como fiz para o Cri_01, apresento as taxas de aceitabilidade e inaceitabilidade dos participantes para cada condição. No que diz respeito à diferença entre julgamentos aceitáveis e inaceitáveis para cada tipo de construção, os resultados apresentam uma variabilidade muito menor do que para as crianças mais novas. Assim, é possível observar que as construções genéricas são amplamente aceitas por este grupo, com mais de 80% de aceitabilidade independentemente da apresentação de contexto.

No caso das construções com predicados-de-espécie, apesar de serem relativamente aceitas (77% para Espécie_Cont, 57% para Espécie_Sem), é possível observar um aumento na taxa de julgamentos de inaceitabilidade, que chega a 43% no caso de Espécie_Sem. Assim, os resultados não indicam que as crianças deste grupo julgam esse tipo de construção de modo diferente que os adultos, mesmo com 7 anos de idade. Como vimos anteriormente, os adultos aceitam amplamente construções em que o singular nu satura predicados-de-espécie.

Por fim, com relação aos predicados-de-estágio, é possível observar mais uma vez uma taxa muito alta de aceitabilidade para Estágio_Cont, praticamente similar aos resultados das crianças mais novas. Por outro lado, quando as crianças do Cri_02 ouviram as

construções sem contexto, observamos que elas rejeitaram mais a construção. Assim, parece ser o caso que ouvir as construções sem contexto para esse grupo torna construções com predicados-de-estágio mais inaceitáveis.

Abaixo, apresento uma tabela com a distribuição das frequências verificadas para a aceitabilidade de cada construção testada:

Tabela 6: Aceitabilidade de construções com o singular nu (Cri_02)

Tipo de predicado	Genéricas		Predicado-de-espécie		Predicado-de-estágio	
Apresentação	Contexto	Sem contexto	Contexto	Sem contexto	Contexto	Sem contexto
Taxa de aceitação	90%	80%	77%	57%	87%	57%

Taxa de aceitação de construções com o nominal singular nu pré-verbal para o Cri_02, N=5.

Quando comparamos a aceitabilidade das construções contrastando o fator de presença/ausência de contexto, os resultados para predicado-de-espécie e predicado-de-estágio parecem expressivos. Assim, é possível supor que o contexto é relevante para os participantes desse grupo, algo que não observamos nos resultados dos adultos.

Esta diferença entre os resultados das crianças do G_02 reinvindica uma análise estatística para verificar se há significância na comparação entre construções com e sem contexto. No entanto, com uma amostra tão pequena de falantes da língua os testes inferenciais perdem muito de seu poder preditivo, de modo que não seriam suficientes para indicar um comportamento regular para toda a população de crianças falantes de PB com 7 anos de idade. Por essa razão, não apresento valores-p relacionados a interações feitas para esse grupo de crianças.

5.6 Discussão

Os resultados dos dois grupos de adultos testados sugerem que não é o caso que a proposta de Schmitt & Munn (1999) faz previsões corretas sobre a melhora na aceitabilidade

de construções com o singular nu sujeito combinado com predicados-de-espécie e predicados-de-estágio apenas por causa da presença de um contexto. Não se observa diferença significativa entre os julgamentos dos grupos com relação aos julgamentos para condições com predicados-de-estágio, ainda que se observe uma tendência nessa direção. Os resultados das crianças mais velhas para essa condição indicam que o contexto pode ter um papel fundamental na aceitabilidade de construções com esse predicado.

Os resultados dos adultos não indicam que o contexto tenha alguma influência sobre a melhora na aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio. No entanto, sugerem que, quando esse tipo de sentença é comparada às construções genéricas ou com predicados-de-espécie, elas não são julgadas de modo semelhante pelos falantes. A diferença nos julgamentos é estatisticamente diferente. Além disso, é possível depreender dos resultados dos dois grupos de participantes adultos que construções com predicados-de-espécie são amplamente aceitas.

Com relação ao grupo de crianças mais novas, observei que as crianças mais novas rejeitam as construções apresentadas no experimento a taxas mais altas que os adultos e crianças mais velhas. Assim, é possível sugerir que elas não apresentam o mesmo comportamento que os adultos com relação a sentenças com o singular nu sujeito. Dado o baixo número de crianças que participaram do estudo, um teste estatístico não foi conduzido de modo a verificar a significância da interação entre esses grupos.

As crianças mais velhas, por outro lado, aceitam construções genéricas e com predicados-de-espécie a taxas mais parecidas que os adultos. No entanto, apresentam uma diferença aparentemente significativa com relação ao fato da presença/ausência de contexto. Enquanto esta é uma condição que não afeta os julgamentos dos falantes adultos, parece ser relevante para os resultados de crianças com 7 anos de idade.

Passo a discutir agora um problema que o desenho do meu experimento apresenta, e que pode levar a uma maior aceitação de sentenças com predicados-de-estágio. Em todos os estímulos que apresentei para os participantes na presença de contexto para esse tipo de construção, as histórias contadas narram um evento que aconteceu com alguns membros de uma espécie, por exemplo, a espécie "criança", no exemplo (49). Embora eu não fale de todas as crianças que pertencem a espécie, deixo evidente no evento narrado no contexto um contraste das crianças com membros da espécie "adultos". No exemplo, a sentença-teste *criança comprou muito doce*, pode estar sendo julgada como aceitável pelos falantes devido

ao contexto, que facilita uma leitura contrastiva, ainda que a sentença proferida apresente uma clara leitura contrastiva. A possibilidade de que os falantes estejam fazendo essa leitura, de certo modo subliminar, se configura em um problema para meu estudo na medida em que dois fatores podem estar em jogo na aceitabilidade dos falantes: a leitura contrastiva e a presença de contexto. Dessa forma, o experimento apresenta um *confounding factor*, sendo que o que o que pode ter influenciado as respostas dos participantes pode não ter sido a variável manipulada no estudo (presença-ausência de contexto), mas algo não controlado (presença de contraste na apresentação da história). Assim, é possível que os resultados das crianças para predicados-de-estágio com contexto, por exemplo, não estejam refletindo que elas sejam sensíveis à presença de contexto. É possível que elas estejam sensíveis à presença de um contraste que é evocado por esse contexto, tornando as construções mais aceitáveis. Por essa razão, a partir dos resultados obtidos com os adultos e com as crianças, não é possível discriminar se é o fator da presença de contexto que faz as sentenças serem mais aceitas ou a presença do contraste, incluído de forma não intencional nas histórias.

A propósito de aprimorar o experimento no que diz respeito à restrição do contraste, elaborei o estudo que será detalhado em seguida. Como vimos no capítulo 2, é proposto por Schmitt & Munn (1999) e Pires de Oliveira (2012) que tanto o contexto como o contraste evocado por ele ajudam a ressaltar a espécie em questão que é denotada pelo singular nu. Assim, aperfeiçoei o estudo a fim de observar se, quando o contexto evoca uma leitura contrastiva com o nominal sujeito, a construção fica mais aceitável do que quando essa manipulação não ocorre.

5.6 Conclusão

O experimento realizado com 10 adultos e 9 crianças falantes de PB teve como objetivo investigar a aceitabilidade de construções da língua com o singular nu sujeito, manipulando a presença-ausência de contexto considerando os predicados-de-espécie e predicados-de-estágio saturados pelo singular nu sujeito.

Embora os resultados desta pesquisa tenham indicado que construções com predicados-de-espécie sejam amplamente aceitas na língua pelos falantes adultos, não foi alcançado nenhum resultado significativo que indique que contexto é uma condição de licenciamento para predicados-de-estágio. Nos resultados dos adultos, vimos apenas que essa

construção não é tão aceita quanto as genéricas ou com predicados-de-espécie, e que essa diferença é significante. Ou seja, o fato de ser uma construção com predicado-de-estágio é que é significativo e não o fato de ser proferido na presença ou na ausência de um contexto.

No que diz respeito aos resultados das crianças, observei que elas aceitam construções genéricas e com predicados-de-espécie a altas taxas. As mais novas rejeitam mais construções com o singular nu sujeito que as crianças mais velhas e os adultos. Uma análise cuidadosa dos resultados indicou que o desenho do experimento não foi manipulado de modo a evitar um *confounding factor* qual seja, a presença de contraste nas histórias apresentadas como contexto, de modo que a alta aceitabilidade de predicados-de-estágio para os grupos de crianças pode estar associada a este fator. Para fazer um controle mais rígido do experimento, elaborei o estudo que descrevo no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6 - Estudo 3: O efeito da presença de leitura contrastiva

Dada a possibilidade de um *confounding factor* no experimento anterior, elaborei o presente estudo com o objetivo de observar se a presença de contraste no contexto apresentado antes do proferimento da sentença contendo um singular nu aumenta a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio em PB. Como vimos na discussão do capítulo anterior, não parece ser o caso que a presença de um contexto, especificamente, ajuda a melhorar a aceitabilidade dessas construções. No entanto, os resultados no último estudo indicam que há alguma interferência nos resultados quando o contexto evoca uma leitura contrastiva no caso das construções em que o nominal nu singular satura predicados-de-estágio. Essa é uma proposta discutida em Schmitt & Munn (1999) e Pires de Oliveira (2012), como menciono ao longo desta dissertação. Visto que essa alteração foi observada, elaborei o experimento de maneira a contemplar essa possível condição de licenciamento.

Uma vez que, para os predicados-de-espécie e sentenças genéricas, a aceitabilidade dos participantes do estudo anterior é alta, não parece necessário investigar se o contraste no contexto melhoraria os julgamentos dos falantes. Por essa razão, boa parte dos itens que apresentei no primeiro estudo permanecem os mesmos no segundo. Essa é uma regra que vale para os itens distratores, para as histórias, e também para as construções-teste que eram genéricas ou que estavam combinadas com predicados-de-espécie.

Contudo, no que diz respeito às condições com predicados-de-estágio, algumas alterações substanciais foram realizadas. Em primeiro lugar, todas as construções-teste do estudo (genéricas, com predicado-de-estágio e com predicados-de-espécie) passaram a ser apresentadas após um contexto, de modo que a etapa feita com a apresentação de uma lista de sentenças no estudo 2, *out-of-the-blue*, não foi mais aplicada. Assim sendo, também não foi mais necessário que os participantes escutassem os estímulos em duas semanas diferentes. Todos os participantes participaram da tarefa em apenas um dia de aplicação.

Além dessas alterações, que deixaram o experimento apenas com sentenças julgadas após a apresentação de um contexto, dividimos cada grupo de sujeitos de modo que cada metade ouviu histórias diferentes com relação aos predicados-de-estágio. Assim, mesmo que todos os participantes tenham ouvido as mesmas histórias e construções com relação aos predicados-de-espécie e genéricas, as mesmas histórias não foram apresentadas a todos os participantes com relação ao predicado-de-estágio.

O estudo possui 3 condições: singular nu sujeito de (i) sentença genérica (ii) predicado-de-espécie (iii) predicado-de-estágio. Todos os itens são apresentados após um contexto. No caso das condições co predicado-de-espécie e genérica, todos os participantes ouviram exatamente as mesmas histórias e as mesmas sentenças foram julgadas. Na condição (iii), episódicas, temos duas sub condições: contexto com contraste e contexto sem contraste.

. Assim, metade dos sujeitos ouviu os estímulos para esse tipo de predicado contendo uma história em que havia um contraste entre duas espécies, enquanto a outra metade ouviu os estímulos sem contraste. O contraste entre duas espécies existe apenas na contextualização, ou seja, nas histórias. A sentença proferida para ser julgada não apresentava nela mesma o contraste.

. Um exemplo de como isso se aplica pode ser observado com relação à sentença (50) a seguir.

50. **Menino** colheu muito limão.

A depender do grupo a que pertencia, o participante ouvia um contexto diferente antes de ouvir e julgar (47). Observe abaixo como uma leitura contrastiva é evocada a partir da história em (48), enquanto o mesmo não se observa em (49).

51.51.

[condição contexto com contraste] Ontem a professora levou todas as crianças da escola para uma fazenda. Olha só como elas estão empolgadas! A tarefa das meninas era colher mangas. A tarefa dos meninos era colher laranjas. Mas adivinha só o que aconteceu! Quando as crianças foram colher as frutas, elas viram que as laranjeiras estavam sequinhas e sem nenhuma laranja. Já as mangueiras estavam bem cheias, está vendo? Só as mangueiras tinham frutas. Os meninos não ficaram desanimados, eles procuraram outras frutas pra colher e encontraram um limoeiro! E estava bem cheio! Então os meninos colheram muitos limões e as meninas colheram as mangas!

Sentença: Menino colheu muito limão.

52.

[condição contexto sem contraste] Ontem um grupo de escoteiros foi passear na fazenda. Olha só como eles estão empolgados! A tarefa dos meninos era colher laranjas pra fazer um suco bem gostoso. Mas adivinha só o que aconteceu! Quando os meninos foram colher as frutas, eles viram que as laranjeiras estavam sequinhas e sem nenhuma laranja. Que situação chata! Mas os meninos não ficaram desanimados: eles resolveram procurar outra fruta pra colher. No caminho, encontraram um limoeiro, e acharam que seria muito legal fazer o suco com os limões. Foi isso que eles fizeram mesmo: colheram vários limões e fizeram um suco com eles

Sentença: Menino colheu muito limão

Em (51) a espécie 'menina' é claramente contrastada com a espécie 'menino', que corresponde ao nominal na posição de sujeito do item-teste (50). Observamos que no caso de (52), não há outra espécie com a qual o nominal possa ser contrastado. Assim sendo, o objetivo de fazer essa alteração no desenho do experimento é verificar se há alguma diferença estatisticamente relevante nos julgamentos dos sujeitos que ouviram as sentenças sem um contexto que evocasse uma leitura contrastiva e os julgamentos dos participantes que ouviram as sentenças com um contexto que traz o contraste construções com esse tipo de leitura.

Uma outra mudança que fiz foi em vez de manusear um fantoche, apresentar para as crianças um personagem no computador para que elas escutassem todos os itens-teste e itens-distratores gravados. Esse cuidado foi tomado para evitar qualquer alteração no tom de voz que pudesse favorecer uma leitura de foco contrastivo, como no estudo de Mariano (2011). As mesmas gravações foram utilizadas tanto para a versão com leitura contrastiva quanto para a versão sem contraste. Dessa maneira, garanti que todos os sujeitos escutassem exatamente o mesmo estímulo para todos os itens do experimento.

Para as quatro condições do estudo (genérica, predicado-de-espécie, predicado-de-estágio com contraste, predicado-de-estágio sem contraste), portanto, foram apresentados aos participantes 6 itens e cada sentença teste era pareada com uma distratora aceitável e uma inaceitável, para que os sujeitos não percebessem o que estava sendo testado. Os sujeitos, bem como os resultados, são apresentados nas próximas seções.

6.1. Participantes

Participaram deste estudo 6 grupos de pessoas. Em primeiro lugar, há dois grupos de participantes adultos, que compõem os grupos de controle do estudo. Ao todo participaram da pesquisa falantes adultos (N=24), sendo que 12 ouviram as construções com contraste (Adultos_Contr) e 12 ouviram as sentenças sem contraste (Adultos_Sem). Além destes grupos, apliquei o experimento também com crianças separadas em duas faixas etárias diferentes, sendo que uma apresenta crianças mais novas, com idades entre (5;6 anos e 6;0 anos, N= 18) e a outra com crianças mais velhas, com idades entre (6;6 anos e 7;0 anos, N=26)). Metade das crianças mais velhas ouviu as construções com contraste (Cr_01_Contr, N= 9), enquanto as demais ouviram as sentenças sem essa interpretação (Cri_01_Sem, N = 9). O mesmo se aplica às crianças mais velhas, que também foram divididas em grupos diferentes, de acordo com o contexto que antecede as construções com predicados-de-estágio (Cri_02_Contr, N = 13; Cri_02_Sem, N = 13).

As crianças do grupo de crianças mais velhas participaram do experimento em escolas municipais da cidade de Jundiaí. No caso das crianças mais novas, por outro lado, metade das crianças estudam em escolas particulares, enquanto as demais estudam em escolas públicas. Com exceção de 5 crianças que fizeram a tarefa em São Paulo, todos os participantes moram em Jundiaí-SP.

6.2. Resultados

Para este estudo, apresentarei os resultados de modo a comparar as respostas de todos os grupos para cada condição em vez de dividir os resultados dos adultos dos resultados das crianças. Uma vez que cada grupo apresenta mais sujeitos neste experimento, também é possível fazer uma apresentação mais detalhada dos dados, de modo a compreendê-los com maior acurácia.

6.2.1. Construções genéricas

Vejamos como os sujeitos deste estudo julgaram as construções genéricas na tabela a seguir, em que apresentamos algumas medidas de posição e dispersão.

Tabela 7: Aceitabilidade de construções genéricas com o singular nu, Estudo 2

Grupos	N	Média	Mediana	Variância	Valor mínimo	Valor Máximo	Taxa de aceitabilidade
Cri_01_Contr	9	5,33	5	0,50	4	6	89%
Cri_01_Sem	9	5,33	6	0,75	4	6	89%
Cri_02_Contr	13	5,08	6	1,91	2	6	85%
Cri_02_Sem	13	4,62	5	2,59	2	6	74%
Adult_Contr	12	5,83	6	0,15	5	6	97%
Adult_Sem	12	5,75	6	0,20	5	6	89%

Medidas de posição e dispersão do Estudo 2 para as construções genéricas, N = 68

Nesta tabela, apresento dados descritivos (média, mediana, variância, valores mínimo e máximo) com relação aos julgamentos que os participantes da cada grupo atribuíram a condições com o singular nu sujeito. Além deles, apresento as taxas de aceitação de cada grupo para esta condição, que são similares aos valores encontrados nos grupos de falantes adultos do estudo discutido anteriormente.

Levando em consideração que cada sujeito julgou 6 itens, podemos observar que as médias de aceitabilidade de construções genéricas com o singular nu sujeito são muito similares para todos os grupos. Com exceção de Cri_02_Norm, todos têm uma média maior que 5, o que indica que todos os participantes julgaram como aceitáveis pelo menos 5 dos 6 itens que foram apresentados a eles. Além disso, as medianas ficam entre 5 e 6, o que indica que os dados não variam tanto.

Ao olharmos mais atentamente para a tabela 7, observamos que os menores valores de itens aceitos são os das crianças mais velhas. Quando observamos o valor mínimo de julgamentos encontrados nesses grupos, observamos que em ambos houve ocorrências em que pelo menos um dos participantes aceitou apenas 2 dos 6 itens das construções genéricas. Isso explica a queda nas medidas de posição.

Ainda discutindo os resultados das crianças mais velhas, é possível observar que as medidas de dispersão são as mais altas registradas. Isso significa que a soma dos julgamentos

de cada sujeito destes grupos varia mais. Isso pode ser melhor visualizado nos boxplots abaixo:

Gráfico 4: Amplitude da aceitabilidade de construções genéricas

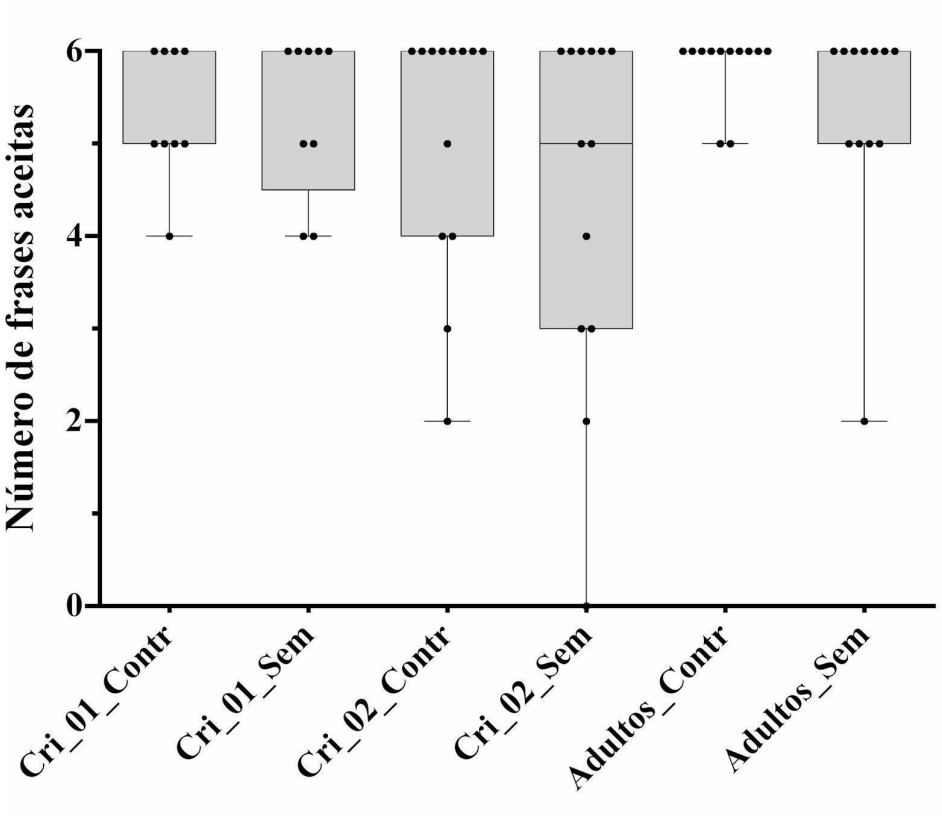


Gráfico 4 - Boxplot com os resultados dos julgamentos para as construções genéricas, n = 68.

Neste gráfico boxplot, é possível observar a distribuição dos valores de aceitabilidade para cada sujeito e cada grupo de maneira concentrada.

No que diz respeito a construções genéricas e predicados-de-espécie, é importante lembrar que não há uma motivação para que sejam testados separadamente. Os participantes escutam as mesmas histórias e as mesmas construções-teste. No entanto, como eu pretendia observar como o contraste interfere nos julgamentos dos participantes com relação ao predicado-de-estágio, separei as pessoas em grupos diferentes para que elas ouvissem essa construção com ou sem contraste. Assim, a divisão dos grupos interessa apenas para esta condição, de modo que a separação só será relevante quando os resultados para condições

com predicados-de-estágio forem discutidos. Como participantes diferentes participaram da tarefa considerando essas distinção, manterei os grupos separados para que o leitor veja a distribuição dos resultados de cada grupo.

No gráfico boxplot acima é perceptível mais uma vez o quanto os resultados das crianças mais velhas variam. Observe que cada ponto no gráfico representa cada integrante dos grupos. Assim sendo, quando olhamos para Cri_01_Contr e Cri_02_sem, conseguimos verificar que dois participantes, isto é, um sujeito de cada grupo aceitou só dois dos 6 itens genéricos. No caso de Cri_02_Norm, menos sujeitos aceitaram todos os 6 itens, o que puxou a média do grupo para baixo. É essa a variância que é indicada na tabela.

É possível perceber também diferenças nas taxas de aceitabilidade para cada grupo. Enquanto os adultos aceitam as construções a taxas altas (Adult_Contr: 97%, Adult_Sem: 89%), o grupo Cri_02_aceita esse tipo de sentença em 74% das vezes em que ela é apresentada. Ambos os grupos de crianças mais novas aceitam a construção a taxas elevadas também, o que indica que o singular nu combinado com uma sentença genérica é aceitável

6.2.2. Construções com predicados-de-espécie

De acordo com os dados do Estudo 1, já temos uma boa indicação de que esse tipo de sentença será aceita tanto por adultos quanto por crianças. Assim, parece ser o caso que essas construções são tão aceitáveis na língua quanto as genéricas. Contudo, não é o que observamos quando analisamos a variabilidade dos julgamentos dos participantes de cada grupo.

Tabela 8: Aceitabilidade de construções com predicados-de-espécie com o singular nu, Estudo 2

Grupos	N	Média	Mediana	Variância	Valor mínimo	Valor Máximo	Taxa de aceitabilidade
Cri_01_Contr	9	4,00	4	2,00	2	6	67%
Cri_01_Sem	9	4,67	5	1,75	2	6	78%
Cri_02_Contr	13	4,77	5	3,36	0	6	79%
Cri_02_Sem	13	4,23	5	3,19	1	6	70,5%
Adult_Contr	12	5,50	6	0,45	4	6	92%

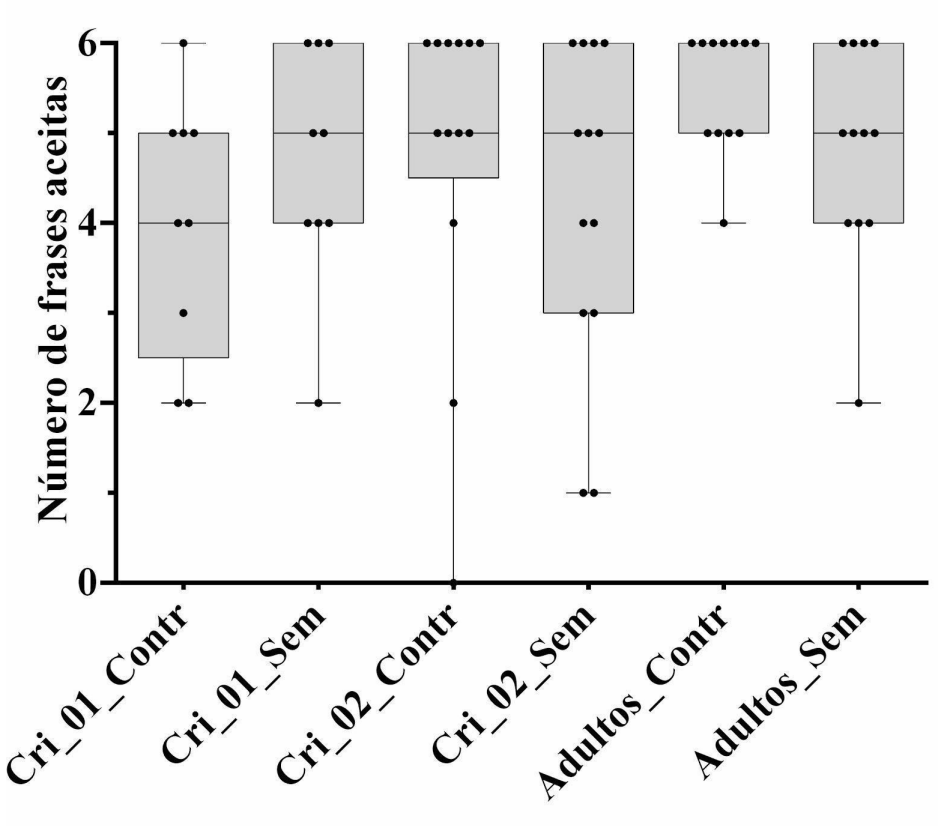
Adult_Sem	12	5,42	6	0,63	4	6	80,5%

Medidas de posição e dispersão do Estudo 2 para as construções com predicados-de-espécie, n = 68.

Em primeiro lugar, analisar os dados dos grupos para esta condição, observo que crianças e adultos já não apresentam a mesma média de julgamentos de aceitabilidade. Essa diferença é visível em cada uma das medidas registradas na tabela acima, inclusive nas taxas. No entanto, essa diferença nada tem a ver com a questão de contexto agora, já que todos os participantes escutam as mesmas histórias e construções-teste.

No que diz respeito às medidas de posição, por exemplo, observamos que as médias e medianas das crianças são menores que as dos grupos de adultos. Além disso, no tocante às medidas de dispersão, seus dados variam mais. Ao observar os valores mínimos encontrados em cada grupo, é possível verificar que no grupo Cri_02_Contr, por exemplo, houve uma ou mais ocorrências em que nenhuma das construções com predicados-de-espécie foi aceita. No gráfico boxplot abaixo podemos enxergar com mais clareza a amplitude das respostas dos indivíduos.

Gráfico 5: Amplitude da aceitabilidade de construções com predicados-de-espécie



Boxplot com os resultados dos julgamentos para as construções com predicados-de-espécie, N= 68.

Esses dados sugerem que não está claro para as crianças novas que os singulares nus sujeitos podem saturar predicados-de-espécie. Há bastante variabilidade nas respostas, embora, no geral, elas mais aceitem do que rejeitem as construções; No caso de Cri_01_Contr, por exemplo, apenas uma criança aceitou todas as condições. No entanto, quando observamos os resultados das crianças mais velhas observamos que mais sujeitos aceitam todas as construções apresentadas, ao passo que algumas são mais conservadoras, a ponto de uma delas rejeitar por completo todos os itens apresentados.

Parece haver uma tendência crescente no que diz respeito à aceitabilidade desse tipo de construção. Quanto mais avançada a faixa etária, mais as construções são aceitas pelos sujeitos. Esta observação é comprovada pela própria amplitude das respostas dos indivíduos, que se concentra entre 4 e 6 julgamentos aceitáveis com exceção de 1 indivíduo do Cri_02_Contr. Ainda com relação aos predicados-de-espécie, nada nos dados indica que os grupos sejam estatisticamente diferentes. As taxas de aceitação são muito similares dentro de cada grupo etário e entre todos os grupos também. Esses dados podem, portanto, sugerir que

as crianças se comportam de maneira semelhante ao adultos com relação a essa condição, discussão que será apresentada mais abaixo.

6.2.3. Construções com predicados-de-estágio

Aqui se concentra uma parte crucial do estudo, uma vez que todo o desenho do experimento foi alterado a fim de verificar se apresentar um contexto em que há um contraste entre duas espécies altera os julgamentos de construções com esse tipo de predicado. Até aqui eu olhei para os resultados de cada grupo de maneira independente, o que não poderei continuar a fazer agora porque temos duas condições diferentes. Além disso, participantes diferentes julgaram as construções apresentadas com e sem contraste.

A partir deste momento será possível entender a razão para ter separado os sujeitos de cada faixa etária em dois grupos diferentes. A princípio, vejamos as medidas de dispersão e posição na tabela 9, a seguir.

Tabela 9: Aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio com o singular nu, Estudo 2

Grupos	N	Média	Mediana	Variância	Valor mínimo	Valor Máximo	Taxa de aceitabilidade
Cri_01_Contr	9	4,78	4	0,94	4	6	80%
Cri_01_Sem	9	4,00	4	2,75	1	6	67%
Cri_02_Contr	13	4,00	4	4,00	0	6	67%
Cri_02_Sem	13	3,46	3	3,60	0	6	55%
Adult_Contr	12	1,92	2	2,45	0	5	32%
Adult_Sem	12	2,27	3	1,79	0	4	28%

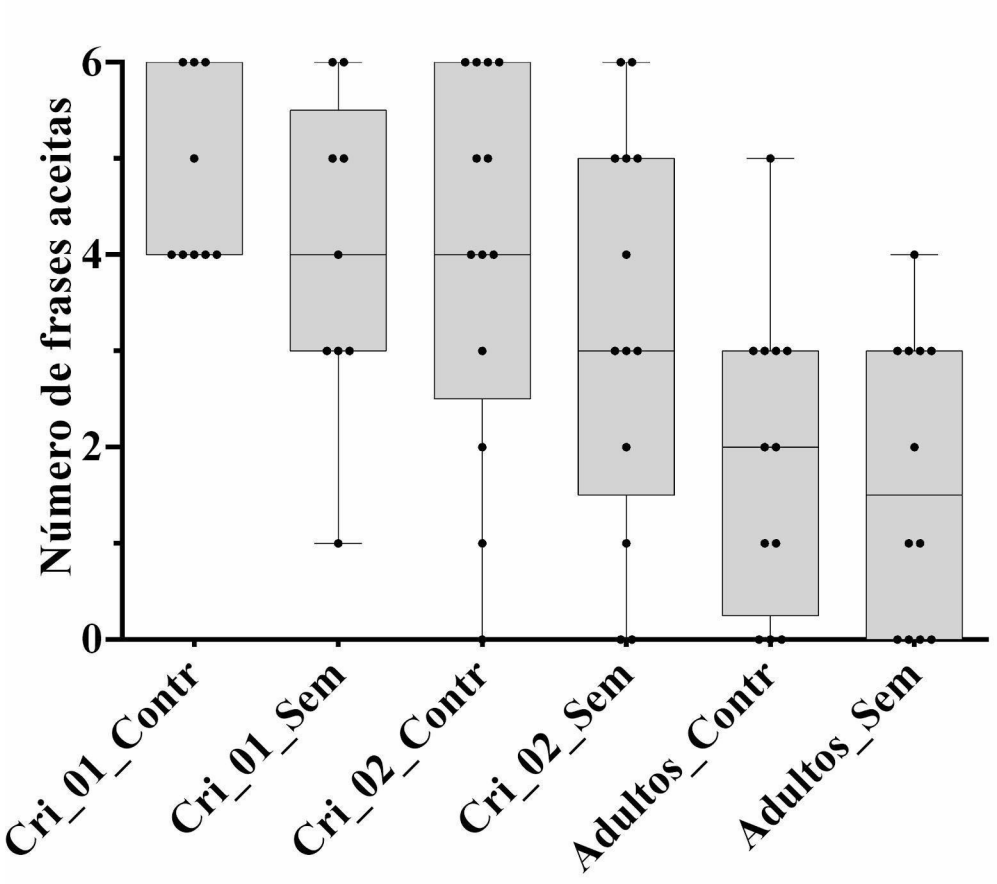
Medidas de posição e dispersão do Estudo 2 para as construções com predicados-de-estágio, n = 68.

Ao contrário do que observado para os predicados-de-espécie, o que observamos para estas construções é uma tendência decrescente nos julgamentos de aceitabilidade. As crianças mais novas são as que mais aceitam esse tipo de construção, enquanto os adultos são os

participantes que mais as rejeitam. Tanto as taxas de aceitabilidade, quanto as médias e medianas servem como indicadores para chegar essa conclusão.

Um outro resultado que chama a atenção na tabela é justamente o valor mínimo atribuído a essas construções. Diferente do que observamos para as sentenças genéricas ou com predicados-de-espécie, temos mais ocorrências de rejeição de todos os 6 itens em que o singular nu sujeito satura um predicado-de-estágio, o que pode ser um indicativo de que elas de fato foram totalmente rejeitadas por pelo menos por um sujeito. Assim, a aceitabilidade dessas construções é de fato inferior. Vejamos como os dados se distribuem no gráfico boxplot abaixo.

Gráfico 6: Amplitude da aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio



Boxplot com os resultados dos julgamentos para as construções com predicados-de-estágio, N = 68.

Olhando agora para o boxplot, que mede a amplitude dos julgamentos dos indivíduos, observamos que no caso dos adultos os julgamentos de aceitabilidade alcançam o nível mais baixo em todas as condições do estudo. Isso significa que mais participantes do estudo

aceitaram menos itens-teste. No entanto, quando observamos os resultados das crianças mais novas, observamos justamente o contrário: aceitaram mais itens. Assim, há uma diferença evidente entre os dois grupos. Os grupos Cri_02_Contr e Cri_02_Sem são os que apresentam a maior variabilidade de julgamentos aceitáveis, tanto com total rejeição das construções quanto com total aceitação, além de uma grande quantidade de resultados intermediários. No entanto, ainda assim os participantes deste grupo aceitam as construções a taxas mais altas que os adultos.

6.3. Análise inferencial

Alguns fatores precisam ser considerados na hora de escolher o modelo de análise inferencial para as condições testadas. Em primeiro lugar, os grupos que participaram do estudo não apresentam a mesma quantidade de sujeitos. Assim sendo, a variância de cada grupo pode ajudar a escolher um modelo para entender melhor os dados. Além disso, há uma tendência nos resultados indicando que o contraste parece ser relevante para as sentenças com predicados-de-estágio, já que as taxas de aceitabilidade para os itens apresentados com contraste são maiores do que os sem contraste para todos os grupos (80% contra 67% para as crianças mais novas, 67% contra 55% para as crianças mais velhas, e 32% contra 28% para os adultos).

Assim, a análise de como cada variável afeta as respostas dos sujeitos isoladamente deve ser conduzida. Também é válido analisar se elas apresentam algum tipo de relação de causatividade, por exemplo, de modo que seja possível inferir que, se houver contraste, a construção será aceitável.

Para tal, proponho que a análise dos dados seja conduzida levando em consideração a distribuição Normal dos dados. Essa escolha se justifica na medida em que estou prevendo que dentro de cada grupo não vai existir algum tipo de variação (dialetal, socioeconômica, etc). Espero então que, pelo menos para as condições genéricas e com predicados-de-espécie, a distribuição dos dados seja simétrica dentro de cada grupo. Além da simetria dentro dos grupos, analiso também se há uma simetria entre todos os grupos com relação a cada condição. Nessa análise, importa principalmente verificar se, com relação aos predicados-de-estágio, há simetria dentro dos grupos e entre cada grupo, considerando a presença de contraste ou não.

A análise estatística dos dados foi realizada então no *software Palaeontological statistics* - PAST versão 3.18 (HAMMER ET AL., 2001). Os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variância foram verificados (Shapiro-Wilk e Levene). Ao observar a violação de pelo menos um pressuposto de normalidade, optei por utilizar testes não-paramétricos para a análise dos dados. Para comparar as condições utilizadas no experimento, apliquei o teste de Friedman de medidas repetidas seguido do teste de Mann-Whitney quando necessário. A comparação entre os grupos dentro de cada condição foi realizada por mim através do teste de Kruskal-Wallis.

Na análise, o teste de Shapiro-Wilk testou a normalidade da distribuição do conjunto de dados. Assim sendo, primeiro testei hipóteses sobre esses pressupostos de normalidade a fim de verificar qual a condição dos dados que coletei. São elas:

H0: Todo o conjunto de dados apresenta distribuição normal, com valor-p >0,05

H1: O conjunto de dados não apresenta distribuição normal, com valor-p <0,05

Os resultados que obtive podem ser observados na tabela a seguir:

Taela 10: Pressupostos de Normalidade para os dados do Estudo 2

Condições	Adultos_ Contr	Adultos_ Norm	Cri_01_ Contr	Cri_01_ Norm	Cri_02_ Contr	Cri_02_ Norm
Genéricas	0,010*	0,044*	0,024*	0,005*	0,001*	0,007*
Pred. Esp.	0,002*	0,002*	0,327	0,130	0,001*	0,039*
Pred. Est.	0,195	0,028*	0,002*	0,405	0,084	0,508

Valores de p obtidos pelo teste de Shapiro-Wilk. Os valores menores que 0,05 não apresentam distribuição normal, n = 68.

A interpretação do teste de Shapiro-Wilk a partir dos resultados exibidos na tabela sugere que onjunto de dados não apresenta distribuição normal. Assim sendo, rejeitei a H0 e aceitei a H1. Desta forma, os testes estatísticos a serem aplicados serão não-paramétricos.

Diante desse resultado, decidi realizar o Teste Friedman de Medidas Repetidas[25] para verificar se há significância estatística entre os resultados de cada grupo com relação à aceitabilidade das construções com predicados de estágio.

Utilizando as condições como tratamentos, o teste faz um ranking com os valores obtidos como resposta. Dessa forma, os valores ranqueados são os totais de julgamentos para cada condição dentro de cada grupo. Vale ressaltar que esse teste só evidencia se há alguma diferença significativa entre esses valores, mas não indica quais os valores são diferentes, sendo necessário um teste de comparação posterior.

Isto posto, apresento as hipóteses relacionadas a esse aspecto do estudo a seguir:

H0: A presença de contraste no contexto não licencia o nominal singular nu em posição de sujeito em construções com predicados-de-estágio,

H1: *A presença de contraste no contexto licencia o nominal singular nu em posição de sujeito em construções com predicados-de-estágio*

Ao aplicar o teste estatístico já mencionado, obtive os seguintes resultados:

Tabela 12: A interferência de contraste em construções com predicados-de-estágio

Resultados	Valores
Graus de Liberdade	2
H (Chi^2)	10,33
p-valor	0,006

Resultados do teste de Friedman. N= 68.

De acordo com o teste, o valor-p obtido é bastante baixo, sugerindo que a hipótese nula deve ser descartada (ou seja, isso significa que o contraste afeta os julgamentos dos participantes). Assim, aceito a hipótese alternativa, ou seja, aquela que afirma que contraste licencia o nominal nu em posição de sujeito em predicados-de-estágio. Esse teste foi feito considerando o grupo total de participantes no que diz respeito aos resultados para sentenças com esse tipo de predicado.

[25] Agradeço aqui a orientação do Prof. Dr. Júlio Singer (IME-USP), que me ajudou a entender melhor os meus dados e a análise mais apropriada para interpretá-los.

No entanto, esse teste sozinho não é suficiente para entender o que está causando uma diferença significativa entre os resultados dos participantes. Há um fator que não fica claro nesse teste: a idade dos sujeitos. Assim, sem um teste estatístico posterior que indique as interações que alcançam significância, não é possível afirmar que é só o contraste que é relevante para licenciar as construções. Portanto, agora é necessário ver como essa diferença estatisticamente relevante se distribui entre os grupos.

Assim sendo, com relação a esse aspecto do estudo, as hipóteses nula e alternativa são:

H0: Não há um percurso observável na aquisição da semântica do singular nu com relação ao contraste nos predicados-de-estágio.

H1: Há um percurso observável na aquisição da semântica do singular nu com relação ao contraste nos predicados-de-estágio.

Nessa parte da análise, é necessário observar como se deu a interação entre cada grupo para todas as condições do estudo. Assim sendo, apresento os resultados do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, que é considerado uma ANOVA não-paramétrica, e que foi aplicado aos dados nesta parte do estudo. No entanto, quando foi evidenciado haver diferença significativa entre as interações, os grupos foram submetidos à comparação pelo teste de Mann-Whitney.

Levando esses fatores em consideração, vejamos abaixo os valores-p obtidos no teste de Kruskal-Wallis para as interações entre os grupos que participaram do estudo.

Tabela 12: Interferência de idade para construções com predicados-de-estágio

Construções	Valores-p
Genéricas	0,18
Espécie	0,061
Estágio	0,0007

Resultados da Estatística de Kruskal-Wallis para as interações entre grupos e interações do estudo. N = 68.

A seguir, farei comparações entre os tipos de construções, colapsando cada grupo do estudo no que diz respeito aos seus julgamentos para sentenças com predicados-de-estágio. Isso não é necessário no caso das genéricas ou com predicados-de-espécie, já que a hipótese sendo testada diz respeito à sensibilidade de cada grupo ao contraste no contexto. No

entanto, a partir da tabela 12 é possível observar que, tanto no caso das construções genéricas quanto aquelas com predicados-de-espécie, a H0 não deve ser rejeitada, pois os valores de p encontrados são maiores que 0,05. Assim sendo, o teste indica que não há diferença estatisticamente significativa a um valor-p de 0,05 entre grupos submetidos às construções genéricas ou com predicados-de-espécie. Ou seja, crianças e adultos se comportaram de maneira similar com relação a essas construções Assim,não é possível detectar um percurso no desenvolvimento desses tipos de sentença.

No entanto, justamente no caso das construções com predicados-de-estágio, o teste estatístico aponta que houve uma diferença significativa entre pelo menos uma das interações. Assim, rejeito H0 e aceito a H1 porque pelo menos dois grupos apresentam diferenças significativas a um valor-p de 0,05 para esse tipo de construção. Nesse caso, como mencionei mais acima, apliquei um outro teste estatístico para verificar quais foram as interações estatisticamente significantes: trata-se do teste de Mann-Whitney.

Os valores-p obtidos a partir de cada interação estão dispostos na tabela 13 abaixo.

Tabela 13: Comparações dos 3 grupos para construções com predicados-de-estágio

Grupos	Adultos_ Contr	Adultos_ Norm	Cri_01_ Contr	Cri_01_ Norm	Cri_02_ Contr	Cri_02_ Norm
Adultos_Contr	-	0,5661	0,0005*	0,0121*	0,0114*	0,0493*
Adultos_Norm	0,5661	-	0,0002*	0,0176*	0,0138*	0,0936
Cri_01_Contr	0,0005*	0,0002*	-	0,2936	0,5081	0,1020
Cri_01_Norm	0,0121*	0,0176*	0,2936	-	0,8649	0,5177
Cri_02_Contr	0,0114*	0,0138*	0,5081	0,8649	-	0,4353
Cri_02_Norm	0,0493*	0,0936	0,1020	0,5177	0,4353	-

Tabela 13: Resultados do teste de Mann-Whitney. Os valores indicados na tabela são os p-valores, valores acompanhados de * indicam que o p foi estatisticamente significativo.

Os resultados do teste de Mann-Whitney indicam que existe diferença estatisticamente significativa entre o grupo **Adultos_Contr** com todos os grupos de crianças (**Cri_01_Contr, Cri_01_Norm, Cri_02_Contr** e **Cri_02_Norm.)** Além disso, o outro grupo de falantes adultos, **Adultos_Norm,** é estatisticamente diferente dos grupos **Cri_01_Contr**, **Cri_01_Norm** e **Cri_02_Contr**. Não foi evidenciada diferença estatística entre os grupos **Adultos_Contr** e **Adultos_Norm**, deste modo, fica sugerido que eles são estatisticamente similares. Ou seja, apresentar o contraste entre duas espécies no contexto não é relevante nos

dados do PB adulto. Assim sendo, e levando em consideração as taxas baixas de aceitação, não é possível argumentar em favor da proposta de que construções com o singular nu sujeito saturando predicados-de-estágio sejam aceitáveis na língua.

Olhando agora para os resultados das interações entre os grupos de crianças, observamos que **Cri_01_Contr, Cri_01_Norm, Cri_02_Contr** e **Cri_02_Norm,** quando comparados, não apresentaram diferença estatisticamente significativa, ou seja, elas são estatisticamente similares. Isso quer dizer em termos de hipótese que os grupos de crianças apresentam a mesma sensibilidade no que diz respeito a contraste como uma condição de licenciamento com relação aos predicados-de-estágio saturados pelo singular nu sujeito.

6.4. Discussão

Comecemos observando que em alguns casos as crianças se comportam diferente dos adultos com relação aos julgamentos, e em outros casos não. Contudo, a única condição em que essa diferença não se aplica de maneira expressiva é justamente com relação às construções genéricas, que constituem a condição-controle do experimento. Assim, podemos considerar que as crianças estão em um estágio estável, isto é, semelhante aos dos adultos, pois sabem desde muito cedo que o singular nu pode ser o sujeito de construções genéricas.

No caso das construções em que o singular nu está na posição de sujeito de predicados de estágio e de predicados de espécie, no entanto, observamos um comportamento diferente. As crianças mais novas aceitam mais as construções com predicados-de-espécie do que as mais velhas, que são mais conservadoras. Com relação a esse conservadorismo, aparentemente crianças que estão em período de alfabetização, estão mais alertas sobre a presença dos determinantes nas frases. Por essa razão, rejeitam mais as construções com o singular sujeito de modo geral. Os adultos, como esperado, aceitam a construção a taxas altas.

Com relação aos predicados-de-estágio, é possível observar nos resultados deste estudo que as crianças mais novas aceitam mais esse tipo de construção, ao contrário dos adultos. Levando em consideração que as crianças mais novas aceitam construções que os adultos rejeitam mais, além de produzi-las em contextos em que não é possível no PB adulto, parece ser o caso de que as restrições com relação à genericidade intrínseca ao nominal são

aprendidas mais tarde. Mesmo que não haja uma diferença estatisticamente significante entre os resultados para todos os grupos com predicados-de-estágio, o contraste parece ser significativo para as crianças.

No geral, considerando o grupo total de participantes, com relação às diferentes idades dos integrantes de cada grupo, não é possível identificar um percurso de desenvolvimento para as construções genéricas ou para predicados-de-espécie. No entanto, o contraste entre duas espécies no contexto é significativo para sentenças com predicados-de-estágio. Nesse caso, encontro uma diferença significativa entre os resultados de adultos e crianças. Assim, entre esses dois grupos é possível identificar um percurso. Dado que existe essa diferença, posso inferir que crianças com 5 anos ainda não estão no estágio final do processo de aquisição da estrutura. Embora sejam sensíveis para contraste, essa sensibilidade não está presente na análise estatística.

Com relação a entender o contraste entre duas espécies no contexto como uma condição de licenciamento, o teste estatístico que eu realizei indica haver uma diferença quando as construções são enunciadas em um contexto com contraste antes de analisarmos a diferença entre grupos. Além disso, nos dados mais descritivos, é possível ver que há uma tendência nessa direção no julgamentos dos sujeitos, mesmo que nenhuma interação levando esse fator em consideração tenha alcançado relevância estatisticamente significativa. É provável que com uma amostra maior de participantes essa condição se mostre mais significativa estatisticamente falando.

Para ter mais clareza sobre o que motivou a significância nos julgamentos de predicados-de-estágio, fiz ainda um último teste estatístico, dessa vez colapsando os grupos de crianças para ver como todas as crianças de cada grupo etário julgaram as construções com esse tipo de predicado. Assim, ignorei se as sentenças foram apresentadas com ou sem contraste para ver se os resultados das interações entre os grupos se mostrariam significativas mais uma vez.

Assim, realizei novamente o teste de Kruskal-Wallis para ver se há diferença significativa entre as idades dos participantes, ao que o teste confirmou essa hipótese. Além disso realizei o teste de Mann-Whitney para verificar em quais interações, especificamente, há uma diferença estatisticamente significativa nos julgamentos. Por sua vez, a análise indicou que há uma diferença relevante entre o grupo de adultos e os dois grupos de crianças. A interação entre os grupos de crianças não é significativa.

Ainda com relação a essa parte da análise, é indispensável retomar que não foi observada significância na interação entre os grupos testados com e sem contraste. O experimento de modo geral foi formulado para verificar se essa condição interferiria no julgamento dos falantes de modo significativo, o que não se comprovou nem para os adultos e nem para as crianças. Assim sendo, os resultados corroboram o que já havia sido discutido em Ionin et al (2018), isto é, que construções com predicados-de-estágio saturados por um singular nu sujeito não são aceitáveis na língua. Essa é uma conclusão que vai contra as propostas de Schmitt & Munn (1999) e Pires de Oliveira (2012). Por outro lado, parece ser o caso de investigar a proposta de Menuzzi et al. (2015), em que se propõe que não seria apenas o contraste no contexto que melhoraria a aceitação das sentenças com predicados-de-estágio, como mencionei anteriormente. Assim, é importante entender melhor o que o autor propõe com relação a relevância contextual, de modo a explorar esse fator em um estudo posterior com crianças e adultos. Contudo, não descarto que a tarefa aplicada por mim neste estudo também deva ser aplicada a uma amostra maior de falantes adultos e de crianças a fim de verificar se os resultados não confirmam a tendência observada com relação ao contraste.

6.5 Conclusão

Neste estudo, investiguei os julgamentos de adultos (N=24) falantes de PB e crianças adquirindo a língua (N = 44). O objetivo da Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade aplicada a esses falantes foi verificar se o contraste evocado no contexto favorece a aceitabilidade de construções em que o singular nu sujeito satura predicados-de-estágio (SCHMITT & MUNN, 1999, PIRES DE OLIVEIRA 2012).

Os resultados indicam que crianças e adultos exibem o mesmo comportamento com relação a construções genéricas ou com predicados-de-espécie. No entanto, o mesmo não se aplica quando comparamos os resultados dos grupos quanto ao julgamento de construções com predicados-de-estágio. Neste caso, parece haver uma tendência dos dados para confirmar que o contraste é uma condição de licenciamento, embora não tenha o suporte de testes estatísticos. A análise inferencial conduzida de modo a tratar os dados sugere que há uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados para construções com predicados-de-estágio no entanto o que é relevante nesse caso é a idade dos grupos. Adultos e crianças não julgam essas construções da mesma maneira.Além disso, os resultados dos

adultos não sugerem que o contraste entre duas espécies no contexto melhore a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio.

CAPÍTULO 7 - Comentários Finais

Nesta dissertação de mestrado, apresentei um panorama a respeito da aceitabilidade de três construções com relação ao singular nu sujeito: sentenças genéricas, sentenças com predicados-de-espécie, e sentenças com predicados-de-estágio.

No primeiro capítulo, apresentei em linhas gerais as motivações que me levaram a elaborar esta pesquisa: a controvérsia na literatura no que diz respeito ao status semântico do singular nu quando ele é o sujeito de construções com predicados-de-espécie ou predicados-de-estágio. Nesse cenário, não está claro o que restringiria a derivação dessas construções, ou como as crianças adquirem essas restrições. Assim sendo, elaborei três estudos a fim de contribuir com o que já sabemos a respeito do singular nu.

Na parte de discussão teórica, vimos que o fenômeno semântico da genericidade pode se manifestar de duas maneiras nas línguas naturais: ou no nível da sentença, como uma sentença genericamente quantificada, ou no nível do nominal, como uma expressão de referência a espécies. Por essa razão, os trabalhos que investigam a distribuição do nominal singular nu do PB se dividem em duas propostas principais: i) o nominal pode expressar genericidade na língua; ii) o nominal não pode expressar genericidade na língua.

A partir do que vimos nos trabalhos discutidos, realizados com adultos e com crianças, é possível concluir que os estudos sobre a aceitabilidade do singular nu no PB ainda não possibilitam que tenhamos uma visão geral da distribuição do singular nu na língua, como já foi apontado. Assim, em geral, o que podemos dizer sobre as sentenças em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal de sentenças com predicados-de-estágio e com predicados-de-espécie, a partir desses estudos, é que as construções com predicados-de-estágio parecem ser as menos aceitas.

Contudo, com relação ao conhecimento das crianças sobre o nominal, ainda não se conseguiu detectar claramente os estágios pelos quais elas passam no processo de aquisição até que cheguem ao estágio estável.

Levando em consideração essa falta de clareza com relação ao conhecimento de crianças e adultos, planejei os estudos que foram apresentados nos últimos três capítulos. Neles, investiguei a aceitabilidade de construções com o singular nu sujeito quando saturam predicados-de-espécie e predicados-de-estágio. Em um primeiro momento, realizei um estudo

de caráter longitudinal para verificar se esse tipo de construção está em algum momento presente na fala de uma criança ou de seus interlocutores.

Os resultados sugerem que antes dos 4 anos de idade as crianças ainda não produzem construções com predicados-de-espécie ou com predicados-de-estágio da mesma maneira que os adultos. Quando esta última construção é observada no discurso da criança, a leitura atribuída ao nominal é específica. Assim, a partir desse dado, temos que as construções não são as mesmas para crianças e adultos. Além disso, ao olhar para a produção de sentenças com o nominal nu em posição de sujeito, fica evidente que construções com o singular nu são muito mais abundantes em outros ambientes sintáticos (objeto, complemento de preposição tanto na fala da criança quanto na fala dos adultos. Os resultados também sugerem que antes dos 5 anos de idade as crianças produzem poucos singulares nus seja em posição de sujeito.

Como as construções investigadas em específico não foram encontradas nos dados de produção espontânea, elaborei dois estudos experimentais aplicados a participantes diferentes. Ambos tinham o objetivo de observar se as crianças e os falantes adultos aceitam as sentenças com o singular nu sujeito de modo semelhante, considerando a restrição que estou discutindo nesta dissertação, que é o contraste entre duas espécies em um determinado contexto.

No primeiro estudo, realizei um experimento com 10 adultos e 9 crianças falantes de PB a fim de investigar a aceitabilidade de construções da língua com o singular nu sujeito. Embora os resultados desta pesquisa tenham indicado que construções com predicados-de-espécie sejam amplamente aceitas na língua pelos falantes adultos, não identifiquei nenhum resultado significativo que indique que a presença de um contexto é uma condição de licenciamento para predicados-de-estágio. Nos resultados dos adultos, vimos apenas que essa construção não é tão aceita quanto as genéricas ou com predicados-de-espécie, e que essa diferença é significante.

Com relação às crianças, foi observado que elas aceitam construções genéricas e com predicados-de-espécie. Quando são mais novas, rejeitam mais construções com o singular nu sujeito que as crianças mais velhas e os adultos. Uma análise cuidadosa dos resultados indicou que o desenho do experimento não foi manipulado o suficiente de modo a evitar o *confounding factor* de contraste, de modo que a alta aceitabilidade de predicados-de-estágio para os grupos de crianças pode estar associada a este fator e não à presença de um contexto

antecedendo a sentença. Para fazer um controle mais rígido do experimento, elaborei um terceiro estudo.

Neste terceiro estudo, investiguei os julgamentos de adultos (N=24) falantes de PB e crianças adquirindo a língua (N = 44). O objetivo da Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade aplicada a esses falantes foi verificar se o contraste evocado no contexto favorece a aceitabilidade de construções em que o singular nu sujeito satura predicados-de-estágio (SCHMITT & MUNN, 1999, PIRES DE OLIVEIRA 2012).

Os resultados indicam que crianças e adultos exibem o mesmo comportamento com relação a construções genéricas ou com predicados-de-espécie. No entanto, o mesmo não se aplica quando comparamos os resultados dos grupos quanto ao julgamento de construções com predicados-de-estágio. Neste caso, parece haver uma tendência dos dados para confirmar que o contraste é uma condição de licenciamento, embora não tenha o suporte de testes estatísticos. A análise inferencial conduzida de modo a tratar os dados sugere que há uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados para construções com predicados-de-estágio, mas testes estatísticos indicaram que a relevância nesse caso está relacionada à idade dos participantes dos grupos. Adultos e crianças não julgam essas construções da mesma maneira. Além disso, os resultados indicam a ausência de significância para os adultos dos dois grupos, ou seja, o contraste não foi significativo no julgamento dessas construções para os participantes adultos.

Mais acima, vimos que Schmitt & Munn (1999) e Pires de Oliveira (2012) argumentam que leitura contrastiva no contexto melhoraria a aceitabilidade de sentenças com predicados-de-espécie, mas os resultados reportados aqui não sustentam essa proposta. Por outro lado, em Menuzzi et al. (20150 discute-se que não seria o contraste o fator responsável pela melhora nas taxas de aceitação das construções, e meus dados apontam que talvez esse seja o caso.

Diante dos resultados e das discussões realizadas, encerro a dissertação apontando alguns direcionamentos futuros para esta pesquisa. Em primeiro lugar, dois problemas observados em muitos dos estudos experimentais sobre o singular nu é a amostragem pequena de falantes da língua, mas também a falta de precisão da análise estatística. Penso que com esses dois fatores bem controlados, é possível ter uma melhor visão de como questões como o contraste podem ajudar a melhorar a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio. Estudos de produção com dados longitudinais com mais crianças com

idades inferiores a 4 anos também podem lançar luzes sobre o conhecimento de crianças mais novas, já que elas não são capazes de participar de um julgamento de aceitabilidade. Esse tipo de estudo pode ainda trazer dados mais precisos sobre a frequência no input de construções com o singular sujeito, o que pode nos dar uma ideia do tipo de evidência de que a criança dispõe no processo de aquisição.

Visto que a proposta de Menuzzi et al. (2015) ainda não foi investigada experimentalmente, é pertinente conduzir um estudo que investigue como a relevância contextual interfere na aceitabilidade das construções discutidas.

Por fim, concluo que a semântica do singular nu sujeito é ainda um tema espinhoso e difícil de controlar quando tentamos examiná-lo experimentalmente. No entanto, os resultados dos estudos conduzidos para esta dissertação revelam uma tendência em conformidade com uma das condições de licenciamento apontada por Schmitt & Munn (1999), mas que não é confirmada estatisticamente. Não parece ser o caso de que o singular nu pode ocupar a posição de sujeito de construções com predicados-de-estágio quando há uma leitura contrastiva envolvida, principalmente se considerarmos os resultados dos falantes adultos. Assim, quando encontramos significância estatística relacionada a essa condição, observamos que ficou a cargo das idades dos participantes, e não do contraste. Ademais, os resultados dos experimentos conduzidos com adultos e crianças indicam que no Português Brasileiro, o singular nu denota espécie. Quanto mais estudos forem conduzidos de modo a manipular bem as condições e as análises, mais perto chegaremos de compreender qual a distribuição do singular nu no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Marina. Marcação de número e genericidade: interpretação genérica na aquisição do PB. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.42, n. 1, 35-51. 2007.

BAKER, Mark C. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. 1988.

BAKER, Mark C. *The polysynthesis parameter*. Oxford University Press, 1996.

BRITO, Luciana Santos & TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. O que a aquisição pode nos dizer sobre os nominais nus no PB?. In: TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. (Org.). As interfaces da Gramática. 1 ed. Curitiba: CRV, v. 1, 261-279. 2012.

BOBALJIK, Jonathan David. Morphosyntax: The syntax of verbal inflection. 1995. Tese de Doutorado. Massachussets Inst. of Technology Cambridge.

CALLOU, Dinah et al. Topicalização e deslocamento à esqerda: sintaxe e prosódia. In: CASTILHO, Ataliba T. Gramática do Português Falado. V. III: as abordagens. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 315-360.

CARLSON, Gregory N..; PELLETIER, Francis Jeffrey (Ed.). *The generic book*. University of Chicago Press, 1995.

CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. *Natural language semantics*, 6(4), 339-405. 1998.

COWART, Wayne. *Experimental syntax: Applying objective methods to sentence judgments*. London: SAGE. 1997.

CRUZ, Ronald Taveira da et al. A singular nu e a (pseudo) incorporação no PB. 2008.

DOBROVIE-SORIN, Carmen; OLIVEIRA, Roberta Pires de. Bare Singulars in Brazilian Portuguese are Names of Kinds. 2007.

GELMAN, S.; RAMAN, L. Preschool children use linguistic form class and pragmatic cues to interpret generics. Child development, v. 74, n. 1, p. 308-325, 2003.

GROLLA, Elaine & FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. .Para Conhecer - Aquisição de Linguagem. São Paulo: Editora Contexto. 2014.

HAMMER, Øyvind et al. PAST: paleontological statistics software package for education and data analysis. *Palaeontologia electronica*, v. 4, n. 1, p. 9, 2001.

HEIM, Irene (1982). The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases. Ph. D. dissertation, University of Massachusetts, GLSA: Amherst.

IONIN, Tania; GROLLA, Elaine; MONTRUL, Silvina; SANTOS, Hélade. When articles have different meanings: acquiring the expression of genericity in English and Brazilian Portuguese. Crosslinguistic Studies on Noun Phrase Structure and Reference, Syntax and Semantics vol. 19, 367- 397. Leiden: Brill. 2014.

IONIN, Tania; GROLLA, Elaine; MONTRUL, Silvina; SANTOS, Hélade. Interpretation of NPs in Generic and Existential Contexts in L3 Brazilian Portuguese. Linguistic Approaches to Bilingualism 5: 215–251. 2015.

IONIN, Tania; GROLLA, Elaine; SANTOS, Hélade. Another Look at the Acceptability of Bare Singular NP s in Episodic Sentences in Brazilian Portuguese. Syntax, v. 21, n. 4, p. 402-421, 2018.

LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese. Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium. Somerville: Cascadila Press, 252-262. 2006.

MARIANO, Ruan. Nominais nus, tópico e foco: testando a aceitabilidade em sentenças episódicas. Dissertação de mestrado. 2013.

MARIANO, Ruan. A aquisição da genericidade-D em Português Brasileiro. Tese de doutorado. 2018.

MARTINS, Nilze da Rocha Santos Paraguassu; BORGES, Rivanildo da Silva. A semântica dos nomes nus no português brasileiro falado em Teresina – PI. Letrônica, v. 8, 454-466. 2015.

MCDANIEL, Dana; CAIRNS, Helen. Eliciting judgments of grammaticality and reference. Methods for assessing children's syntax, 1998.

MENUZZI, Sérgio de Moura; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; DOETJES, Jenny. Subject bare singulars in Brazilian Portuguese and information structure. Journal of Portuguese Linguistics, v. 13- 2, 7-44. 2015.

MÜLLER, Ana Lúcia. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no Português do Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos 39, 141-158. Campinas: Unicamp, 2000.

MÜLLER, Ana Lúcia. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. In: WEERLE, Adam & JI-YOUNG KIM (eds.). Proceedings of the SULA: The semantics of under-represented languages in the Americas, UMOC 25: 72-80. Amherst, MA: GLSA, The University of Massachussets. 2001.

MÜLLER, Ana Lúcia. The Semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. Probus 1(14), 279-298. 2002.

MULLER, Ana Lúcia. A Expressão da Genericidade nas Línguas Naturais. In: Muller, Ana; E. Negrão; M.J. Foltran. (Org.). *Semântica Formal*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003, v., p. 153-172.

MÜLLER, Ana Lúcia & OLIVEIRA, Fátima. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese. Journal of Portuguese Linguistics, v. 3, n. 1, 9-36. 2004a.

MÜLLER, Ana Lúcia. Tópico, foco e nominais nus no Português Brasileiro. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (eds.). Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari, 77-95. São Paulo: Contexto. 2004b.

MUNN, Alan; SCHMITT, Cristina. Bare nouns and the morphosyntax of number. AMSTERDAM STUDIES IN THE THEORY AND HISTORY OF LINGUISTIC SCIENCE SERIES 4, p. 225-240, 2002.

MUNN, Alan; SCHMITT, Cristina. Number and indefinites. Lingua, v. 115, n. 6, p. 821-855, 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; COELHO DA SILVA, Josa; BRESSANE, Mariana Rublescki
Silveira. O singular nu denota espécie: uma investigação empírica. DELTA 26, 115-139. 2010.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & MARIANO, Ruan. Mulher discutiu futebol: estrutura informacional e os nominais nus do PB. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin, v 1, 3744-3757. 2011.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & ROTHSTEIN, Susan. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. Lingua 121, 2153-2175. 2011a.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & ROTHSTEIN, Susan. Two sorts of bare nouns in Brazilian Portuguese. Revista da ABRALIN, v. 10, n. 3, 2011b.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Brazilian bare nouns in subject position of episodic predicates. In: CHERNILOVSKAYA, Anna; GUEVARA, Ana Aguilar; NOUWEN, Rick

(eds.). Proceedings of Sinn und Bedeutung 16, 501-511. MIT Working Papers in Linguistics. 2012.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Dobras e Redobras do singular nu no Português Brasileiro: costurando a semântica entre as línguas [recurso eletrônico]. EdiPUCRS, Porto Alegre, 2014.

SANTANA, Raíssa Silva; GROLLA, Elaine. A aceitabilidade do singular nu pré-verbal em Português Brasileiro. Revista Linguí∫tica, v. 14, n. 2, p. 194-214. 2018.

SANTANA, Raíssa & GROLLA, Elaine. (no prelo). As leituras do singular nu em Português Brasileiro Infantil. Anais do X Congresso Internacional da Abralin. Niterói, Rio de Janeiro.

SCHMITT, Cristina. & MUNN, Alan. Against the Nominal Mapping Parameter: bare nouns in BP. In Proceedings of NELS29 (P. Tamanji, M. Hirotani & N. Hall, editors), pp. 339-353. 1999.

SCHMITT, Cristina. & MUNN, Alan. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. Linguistic Variation Yearbook 2, 253-281. 2002.

APÊNDICES

Documentos exigidos pelo Comitê de Ética e Pesquisa

Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido (entregue aos participantes adultos)

Página 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(ESTA CÓPIA É SUA. GUARDE ESTA FOLHA PARA CONSULTAS FUTURAS)

I - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Projeto de Pesquisa: **A Genericidade em Português Brasileiro Infantil: O Singular Nu Pré-verbal**
2. Pesquisador Responsável: **Raíssa Silva Santana**
3. Cargo/Função: Mestranda
4. Avaliação do risco da pesquisa:
   RISCO MÍNIMO ☒ RISCO BAIXO ☐ RISCO MÉDIO ☐ RISCO MAIOR ☐
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)
5. Duração da Pesquisa: **2 anos**

II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa estudará como as crianças desenvolvem a linguagem. Para montarmos a base de comparação com o qual os resultados infantis serão comparados, falantes nativos de português brasileiro adultos também serão entrevistados. O estudo envolverá entrevistas com histórias curtas apresentadas por meio de tirinhas em um notebook. Você será entrevistado individualmente, por uma pesquisadora. As entrevistas durarão cerca de 30 minutos e sua participação é voluntária.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa, seja por telefone ou e-mail, para eventuais esclarecimentos, no momento que desejar.

III - ESCLARECIMENTOS SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

Caso você não queira participar do estudo, não é preciso assinar este documento. Você pode desistir do estudo a qualquer momento, bem como retirar este documento, sem nenhum prejuízo para você.

As entrevistas serão gravadas em vídeo. Somente os pesquisadores diretamente envolvidos neste projeto terão acesso às imagens. Os nomes de todos os sujeitos que participarem do estudo são mantidos em total sigilo. Os dados obtidos serão analisados juntamente com os dados obtidos de outros participantes. Não usaremos as imagens para quaisquer propósitos que não os da pesquisa (tais como demonstrações), a não ser que obtenhamos o seu consentimento expresso para tal.

Sua participação nessa pesquisa não envolve custos ou remuneração.

IV - INFORMAÇÕES DA RESPONSÁVEL PELA PESQUISA

Raíssa Silva Santana
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, sala 23 – Cidade Universitária – São Paulo
Tel: (11) 4521-5189 / (11) 99180-8393
E-mail: raissa.santana@usp.br

Para mais esclarecimentos com relação às dúvidas éticas do projeto, você pode entrar em contato com:
Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.
Avenida Arlindo Béttio, 1000 – Ermelindo Matarazzo – São Paulo/SP. CEP: 03.828-000
E-mail: cep-each@usp.br
Telefone: (11)3091-1046

RETORNE ESTE FORMULÁRIO PREENCHIDO E ASSINADO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Nome _____

Data de nascimento: ___/___/___ Sexo: ☐ M ☐F

Email: _____

Endereço: _____

Nº. _____ Complemento _____ Telefone: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

II - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido(a) pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Jundiaí, _____ de _____ de 2017.

_____ _____

Assinatura Raíssa Silva Santana
Pesquisadora responsável

Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido (entregue aos responsáveis pelas crianças participantes do estudo)

Página 1

Universidade de São Paulo

USP

São Paulo, junho de 2017.

Prezados pais e responsáveis,

Meu nome é Raíssa Silva Santana e sou aluna de mestrado no departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o desenvolvimento linguístico de crianças em idade pré-escolar e convido seu (sua) filho (a) a participar.

O objetivo do estudo é pesquisar como as crianças desenvolvem a linguagem. As entrevistas envolvem brincadeiras com fantoches e brinquedos e são muito divertidas para as crianças, que participam com entusiasmo. As sessões serão filmadas em vídeo para que depois possamos analisar a forma como as crianças se comunicam. Ao final do trabalho, será disponibilizado um relatório com nossas descobertas.

Em anexo, encaminho o formulário para permissão de participação na pesquisa. A segunda página explica em maior detalhe a metodologia da pesquisa, nos termos exigidos pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP. A terceira página é a que o (a) senhor (a) deve assinar e devolver.

Se o(a) senhor(a) permitir que seu (sua) filho(a) participe, por favor, retorne a terceira página assinada ainda essa semana.

Agradeço desde já sua colaboração e coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos.

Raíssa Silva Santana
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, sala 23
Cidade Universitária – São Paulo
Tel: (11) 4521-5189/ 99180-8393
E-mail raissa.santana@usp.br

Página 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(ESTA CÓPIA É SUA. GUARDE ESTA FOLHA PARA CONSULTAS FUTURAS)

I - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Projeto de Pesquisa: **A Genericidade em Português Brasileiro Infantil: O Singular Nu Pré-Verbal**
2. Pesquisador Responsável: **Profa. Dra. Elaine Grolla**
3. Cargo/Função: Mestranda
4. Avaliação do risco da pesquisa:
   RISCO MÍNIMO ☒ RISCO BAIXO ☐ RISCO MÉDIO ☐ RISCO MAIOR ☐
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)
5. Duração da Pesquisa: **2 anos**

II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa estudará como as crianças desenvolvem a linguagem. O estudo envolverá brincadeiras com bonecos e fantoches e imagens que serão mostrados às crianças. Para que as crianças não desviem sua atenção, elas serão entrevistadas individualmente, numa sala à parte, por uma pesquisadora. As entrevistas serão conduzidas durante o dia na escola, com a permissão da professora responsável e durarão cerca de 30 minutos. A participação é voluntária.

Na entrevista, a criança escutará histórias ou verá imagens e figuras e conversará com um fantoche sobre o que vê. Este método de estudo prima pela diversão das crianças e elas nunca sentem que estão sendo estudadas. Como participantes nessas brincadeiras, as crianças terão oportunidade adicional para praticar habilidades linguísticas. É nossa experiência que as crianças entrevistadas se divertem com essas brincadeiras e participam entusiasticamente. No entanto, se a qualquer momento durante a brincadeira, a criança desejar retornar para a sala de aula, não há problema algum: interrompemos a sessão para que ela possa se juntar a seus colegas.

O (A) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa, seja por telefone ou e-mail, para eventuais esclarecimentos, no momento que desejar.

III - ESCLARECIMENTOS SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

Caso o (a) senhor(a) não queira dar sua permissão para que possamos incluir seu (sua) filho(a) no estudo, não é preciso assinar este documento. O (a) senhor(a) pode também retirar a sua criança do estudo a qualquer momento, bem como retirar este documento, sem que isso afete a sua relação (bem como a de seu (sua) filho(a)) com a escola.

As entrevistas serão gravadas em vídeo. Somente os pesquisadores diretamente envolvidos neste projeto terão acesso às imagens. Os nomes de todas as crianças que participarem do estudo são mantidos em total sigilo. Os dados obtidos serão analisados juntamente com os dados obtidos de outros participantes. Não usaremos as imagens para quaisquer propósitos que não os da pesquisa (tais como demonstrações), a não ser que obtenhamos o consentimento expresso do pai ou responsável para tal.

A participação de seu (sua) filho(a) nessa pesquisa não envolve custos ou remuneração.

Responsável pela pesquisa Raíssa Silva Santana Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, sala 23 – Cidade Universitária – São Paulo Tel: (11) 4521-5189/ 99180-8393 E-mail: raissa.santana@usp.br	Para mais esclarecimentos com relação às dúvidas éticas do projeto, contate: Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Avenida Arlindo Béttio, 1000 – Ermelindo Matarazzo – São Paulo/SP. CEP: 03.828-000 E-mail: cep-each@usp.br Telefone: (11)3091-1046

Página 3

RETORNE ESTE FORMULÁRIO PREENCHIDO E ASSINADO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. Nome da criança: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Sexo: ☐ M ☐F

2. Responsável legal: _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.)

Sexo: ☐ M ☐F

Email: _____

Endereço: _____

Nº. _____ Complemento _____ Telefone: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

II - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido(a) pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto que meu filho/minha filha participe do presente Projeto de Pesquisa.

Jundiaí, _____ de _____ de 2017.

_____ _____

Assinatura do pai ou responsável

Raíssa Silva Santana
Pesquisadora responsável

III – INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Muito obrigada por concordar com que seu (sua) filho (a) participe em nosso estudo sobre linguagem. Para analisarmos os nossos resultados da melhor maneira possível, gostaríamos de saber sobre as línguas faladas em casa com seu (sua) filho (a). Por favor, diga-nos quais línguas são usadas em casa:

Português: sim ☐ não ☐

Outras: _____

Seu (sua) filho (a) apresenta algum problema de saúde? Se sim, por favor, especificar abaixo:

_____

_____

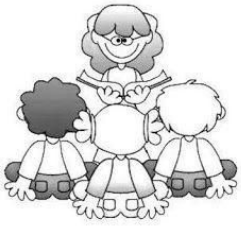
Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para crianças não-alfabetizadas (entregue aos responsáveis pelas crianças participantes do estudo)

Página 1

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Muitas crianças tem dificuldade em produzir algumas frases em nossa língua. Esta pesquisa tem o objetivo de testar as crianças e identificar como elas se comportam diante de tais frases.

Você ficará cerca de 40 minutos com a pesquisadora realizando atividades que envolvem estórias e fantoches.



O papai e a mamãe já estão sabendo e permitiram a sua participação. Você concorda em participar?

Sim

Não

A criança participante da pesquisa não é capaz de ler o Termo de Assentimento, portanto as informações descritas no documento são explicadas oralmente. A criança tem total liberdade para aceitar ou não participar do estudo, demonstrando sua decisão ao assinalar uma das imagens acima.

_____ _____

Assinatura do Pesquisador Data

Rubrica do responsável

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para crianças alfabetizadas (entregue aos responsáveis pelas crianças participantes do estudo)

Página 1

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Muitas vezes as crianças entendem algumas frases diferente dos adultos. Esta pesquisa tem o objetivo de testar as crianças e identificar como elas se comportam diante de certas frases.

Você ficará cerca de 30 minutos com o pesquisador realizando uma atividade que envolve histórias e um fantoche.

Seus responsáveis já estão sabendo e permitiram a sua participação. Você concorda em participar?

SIM NÃO

A criança tem total liberdade para aceitar ou não participar do estudo, demonstrando sua decisão ao assinalar "sim" ou "não".

_____ _____

Assinatura do pesquisador Data

Rubrica do responsável

Lista de itens apresentados aos participantes na primeira fase do estudo: versão com contexto

Predicados-de-espécie

1. **Garrafa** de refrigerante vem em três tamanhos.
2. **Cachorro** é comum em todo lugar.
3. **Palhaço** não é comum na escola.
4. **Maçã** vem em três cores.
5. **Criança** não é comum na academia.
6. **Flor** é comum em todo lugar.

Predicados-de-estágio

1. **Menina** usou fantasia.
2. **Criança** comprou bastante doce.
3. **Panda** não foi convidado para a festa.
4. **Leão** não foi no veterinário.
5. **Criança** brincou de dança das cadeiras.
6. **Menino** colheu muita pêra.

Construções Genéricas

1. **Criança** gosta de ganhar brinquedos.
2. **Cachorro** gosta de carinho.
3. **Gato** não gosta de tomar banho.
4. **Pássaro** gosta de voar.
5. **Adulto** gosta de beber café.
6. **Bebê** gosta de dormir.

Lista de itens apresentados aos participantes na primeira fase do estudo: versão *out-of-the-blue*

Predicados-de-espécie

1. **Pirulito** vem em três sabores.
2. **Passarinho** é comum em todo lugar.
3. **Panda** não é comum no Brasil.
4. **Peixe** é comum nos rios.
5. **Bombom** vem em três recheios.
6. **Feijão** não é comum no lanche.

Predicados-de-estágio

1. **Menino** jogou bola no recreio.
2. **Professora** explicou a brincadeira.
3. **Menina** brincou com massinha de modelar.
4. **Professora** brincou de roda com as crianças.
5. **Criança** lavou as mãos antes de comer.
6. **Criança** dormiu depois de almoçar.

Construções Genéricas

1. **Maçã** faz bem para os dentes.
2. **Brigadeiro** é gostoso.
3. **Mamão** é bom para o bebê comer.
4. **Limão** é uma fruta azeda.
5. **Doce** suja os dentes.
6. **Feijão** deixa a criança forte.

Lista de itens apresentados aos participantes na segunda fase do estudo

Predicados-de-espécie

1.

Essa é a Priscila. Ela está indo na vendinha comprar refrigerante sozinha pela primeira vez. Quando ela chegou lá pediu ao vendedor: moço, o senhor poderia me dar um refrigerante? O moço perguntou pra ela de que tamanho era a garrafa de refrigerante que ela estava procurando, mas a Priscilla não entendeu a pergunta porque ela só toma refrigerante na garrafa grande, então ela pensou que todas as garrafas de refrigerante eram grandes. O vendedor explicou para ela que na vendinha tem três tamanhos de garrafas de refrigerantes: grande, médio e pequeno. A Priscila entendeu e comprou o tamanho grande.

Garrafa de refrigerante vem em três tamanhos.

2.

Essas são as crianças da escola! Elas estão indo visitar o zoológico da cidade. Estão todos muito animados porque vão ver as girafas, os leões, os pinguins... As crianças estavam felizes porque iam ver animais que elas nunca tinham visto antes. Só que aconteceu uma coisa que nenhuma das crianças estava esperando! No dia em que elas foram visitar o zoológico, o zoológico ficou fechado. Olha só o cadeado no portão! Então a professora levou todo mundo pra ver uma exposição de cachorros! As crianças só puderam ver cachorrinhos, que são animais comuns em todo lugar! Nada de bichos grandes e ferozes. As crianças ficaram muito decepcionadas. Olha só a carinha delas...

Cachorro é comum em todo lugar.

3.

Esse é o Pedrinho. Olha como ele está chateado! Semana passada ele levou o maior susto na escola! Quando o Pedrinho estava entrando na escola ele ouviu que as crianças estavam dando muita risada. Assim que ele entrou na sala dele ele descobriu o motivo: um palhaço

estava fazendo as crianças rirem. O problema é que o Pedrinho morre de medo de palhaços, então ele ficou muito assustado e ele não imaginava que um palhaço ia aparecer lá porque não é comum ver palhaços na escola. Tadinho do Pedrinho!

Palhaço não é comum na escola.

4.

Essa é a Jaque e essa é a mãe dela. Depois da escola, a Jaque teve que ir com a mãe dela para a academia. Enquanto a mãe da Jaque fazia os exercícios dela, a Jaque ficou fazendo o dever de casa. Toda vez que alguma pessoa entrava na academia, olhava esquisito pra Jaque, porque não é comum ver crianças na academia. Só os adultos podem fazer exercícios lá.

Criança não é comum na academia.

5.

Essa é a Duda e esse é o pai dela. Certo dia o pai da Duda chegou em casa com uma sacola cheia de maçãs. Quando a Duda viu a sacola ela achou que algumas maçãs eram muito esquisitas, porque elas eram verdes e cor-de-laranja. A Duda até aquele dia só havia comido maçãs vermelhas, então ela achou que as outras estavam podres e quase jogou no lixo. Ainda bem que a mãe da Duda viu o que ela ia fazer e explicou que tem três cores para as maçãs: vermelhas, cor-de-laranja e verdes. A Duda comeu todas as maçãs e viu que era isso mesmo: apesar de terem cores diferentes, o gosto era o mesmo!

Maçã vem em três cores.

6.

Esse aqui é o João! Ele é um menino meio esquecido, sabia? No dia das mães o João quase não deu um presente pra mãe dele por que ele esqueceu de comprar um, acredita? Sabe o que ele fez? Ele procurou flores pelo bairro dele e colheu algumas. Ele sabia que na rua encontraria muitas flores pra fazer um arranjo bem bonito, porque flores são comuns em

todo lugar, então ia ser bem fácil encontrar. Foi isso que o João fez e deu certo! Olha só quantas flores no bairro! Quando ele chegou em casa, deu as flores para a mãe e ela ficou muito feliz.

Flor é comum em todo lugar.

Predicados-de-estágio

1.

[CONTRASTE] Esses são os meninos do primeiro ano. Eles foram convidados para ir na festa pra comemorar o aniversário da Mariana, também do primeiro ano, que era uma festa em que as pessoas tinham que ir usando uma fantasia. Ih, por que será que os meninos estão chorando? Ah não! A Mariana esqueceu de avisar os meninos que eles precisavam usar uma fantasia na festa, então só as meninas foram fantasiadas. Olhe as meninas, elas estão todas com fantasias, mas os meninos não. Que coisa chata.

[SEM CONTRASTE] Essa é a Malu e essa é a Neusa, mãe dela. Hoje é dia do aniversário da Malu, e ela chamou todas as meninas da sala pra festinha de aniversário dela. Essa festa era uma festa que as pesssoas tinham que ir usando uma fantasia. Ih, por que será que a Malu está chorando? É que a festa estava marcada para as três horas da tarde, e quando deu quatro horas, ninguém tinha aparecido ainda. A coitada da Malu ficou desesperada. Até a mãe dela ficou preocupada, pensando que as meninas esqueceram da festinha da filha dela. O que será que aconteceu? Que alívio! Assim que deu cinco horas, todas as meninas da sala apareceram! Veja só como as fantasias delas são lindas. Elas chegaram atrasadas porque se confundiram e esqueceram que a festinha começava mais cedo. Mas tudo bem, a Malu não está mais chateada, porque quando as meninas chegaram, elas todas se divertiram bastante.

Menina usou lindas fantasias.

2.

[CONTRASTE] Semana passada, tinha muitas pessoas na feira. Lá tinha homens, mulheres e crianças. Os homens e as mulheres compraram muitas frutas e comidas saudáveis, está vendo? Mas as crianças não queriam saber de frutas. Sabe o que elas compraram? Doces! E elas compraram bastante!

[SEM CONTRASTE] Eu vou contar uma história que aconteceu nessa feira, está vendo? As famílias gostam de fazer compras lá, e aproveitam pra levar as crianças pra passear um pouquinho. Nessa feira, os vendedores não queriam vender nada além de frutas, verduras e comidas saudáveis. Vendiam até algumas flores, mas nada de doces. Só que sabe o que aconteceu? Como os vendedores viram que cada vez mais crianças estão indo fazer compras na feira, eles começaram a vender doces também, para as crianças comprarem. As crianças ficaram bastante contentes com essa mudança, e além de passear na feira começaram a comprar muitos doces também.

Criança comprou muitos doces.

3.

[CONTRASTE] Essa é a dona ursa. Alguns dias atrás ela deu uma festa na floresta. Quase todos os animais foram convidados: os leões, as onças, as raposas, até as cobras... Mas olha só! Você está vendo algum panda? Ah não! A dona ursa esqueceu logo de convidar os pandas, que são ursos como ela, então nenhum dos pandas foi para a festa! Eles ficaram muito tristes com a dona ursa porque ela chamou animais que nem eram da família dela, mas se esqueceu logo deles.

[SEM CONTRASTE] Esses aqui são os pandas do zoológico. Enquanto eles voltavam pra parte do zoológico em que fica a casinha deles, eles ouviram o maior barulho! Uma música muito alta estava tocando. Quando eles se aproximaram da jaula dos leões, que ficava ao lado da jaula deles, os pandas viram que a música ficou ainda mais alta. Foi aí que eles perceberam que os leões estava dando uma festa, e não convidaram os pandas! Logo os pandas, que são seus vizinhos! Olha, eles ficaram muito chateados. Tiveram que ouvir aquela música alta durante a noite inteirinha!

Panda não foi convidado pra festa.

4.

[CONTRASTE] Ontem muitas pessoas foram ver a dentista, que é a médica que cuida dos dentes. O ajudante da médica disse pra ela se preparar porque algumas bailarinas estavam chegando para ver como estavam os dentes. Só que naquele dia, a dentista viu os dentes de atletas e até de bebês, que não tem muitos dentes, mas nenhuma bailarina apareceu! Elas ficaram com muito medo de visitar a dentista!

[SEM CONTRASTE] Essa é a doutora Marisa. Ela é uma dentista, ou seja, ela é a médica que cuida dos dentes das pessoas. Teve um dia que o assistente da doutora Marisa avisou que algumas bailarinas iam no consultório pra ver como estavam os dentes delas. Por causa disso, a doutora não ia poder atender mais ninguém porque ia demorar um dia todo pra olhar os dentes de todas as bailarinas. Só que naquele dia, nenhuma das bailarinas foi ver a dentista porque elas ficaram com muito medo e fizeram um escândalo. Por causa disso, a doutora Marisa ficou sem cuidar dos dentes de ninguém naquele dia.

Bailarina não foi ver a dentista.

5.

[CONTRASTE] Na hora do recreio as professoras pediram pras crianças escolherem uma brincadeira pra elas brincarem junto com as crianças, mas as crianças não sabiam do que brincar. Os meninos queriam brincar no balanço. As meninas queriam brincar fazendo de conta que eram médicas. Então ninguém conseguia brincar junto. Aí que alguém teve uma ideia brilhante! Todas as crianças pegaram cadeiras e decidiram fazer uma dança das cadeiras! As professoras não gostaram da ideia porque não eram muito rápidas e resolveram brincar com algumas bonecas que encontraram na escola.

[SEM CONTRASTE] Na hora do recreio as crianças não sabiam do que brincar. Os meninos queriam brincar no balanço. As meninas queriam brincar fazendo de conta que eram médicas. As crianças demoraram tanto tempo pensando em qual brincadeira escolher que ninguém conseguia brincar junto. Foi aí que alguém teve uma ideia brilhante! Todas as crianças pegaram cadeiras e fizeram uma dança das cadeiras! Todo mundo se divertiu bastante!

Criança brincou de dança das cadeiras.

6.

[CONTRASTE] Ontem a professora levou todas as crianças da escola para uma fazenda. Olha só como elas estão empolgadas! A tarefa das meninas era colher mangas. A tarefa dos meninos era colher laranjas. Mas adivinha só o que aconteceu! Quando as crianças foram colher as frutas, elas viram que as laranjeiras estavam sequinhas e sem nenhuma laranja. Já as mangueiras estavam bem cheias, está vendo? Só as mangueiras tinham frutas. Os meninos não ficaram desanimados, eles procuraram outras frutas pra colher e encontraram um limoeiro! E estava bem cheio! Então os meninos colheram muitos limões e as meninas colheram as mangas!

[SEM CONTRASTE] Ontem um grupo de escoteiros foi passear na fazenda. Olha só como eles estão empolgados! A tarefa dos meninos era colher laranjas pra fazer um suco bem gostoso. Mas adivinha só o que aconteceu! Quando os meninos foram colher as frutas, eles viram que as laranjeiras estavam sequinhas e sem nenhuma laranja. Que situação chata! Mas os meninos não ficaram desanimados: eles resolveram procurar outra fruta pra colher. No caminho, encontraram um limoeiro, e acharam que seria muito legal fazer o suco com os limões. Foi isso que eles fizeram mesmo: colheram vários limões e fizeram um suco com eles.

Menino colheu muito limão.

Construções genéricas

1.

Veja só que árvore de Natal bonita! E quantos presentes! O Papai Noel trouxe tanta coisa legal para as crianças dessa vez! Vários brinquedos. Ih! Parece que a Melissa não gostou do presente dela. Ela ganhou um par de meias, mas ela queria um brinquedo, como todas as crianças. Sabe o que aconteceu? É que o Papai Noel ainda não passou na casa da Melissa. Ela acordou cedo e só viu o presente que a vovó deu pra ela. Ah! Olha o Papai Noel! Quando o Papai Noel chegou ele trouxe brinquedos pra ela. A Melissa não precisava ter chorado daquele jeito.

Criança gosta de ganhar brinquedos.

2.

Esse é o Murilo. Essa é a Maria. A Maria se mudou para a casa que fica do lado da casa do Murilo, e ela tem um cachorro muito bonito. Um dia o Murilo foi na casa da Maria é perguntou ele podia fazer carinho no cachorro dela. A Maria disse "Pode sim, todos os cachorros gostam de carinho." Então o Murilo pegou o cachorro da Maria no colo e fez carinho nele.

Cachorro gosta de um carinho.

3.

A Ana e a Beatriz estão chorando. Sabe o que aconteceu? Elas foram tentar dar um banho no gato delas, o Fofinho. Acontece que os gatos não gostam muito de se molhar, e enquanto ele tomava banho o Fofinho fugiu. Agora as meninas não conseguem encontrar ele! Ah... Depois de um tempo elas encontraram o Fofinho escondido embaixo de um banco.

Gato não gosta de se molhar

4.

Enquanto a Duda estava brincando no quintal, ela ouviu um barulhinho assim "pipipi, pipipi". Quando ela foi ver o que era, viu que era um filhotinho de pássaro dentro de um ninho. Sabe o que a Duda fez? Colocou o pássaro em uma gaiola e levou pra dentro de casa. Quando a mãe da Duda viu o pássaro, disse pra Duda que o que ela fez foi errado. Os pássaros são animais que gostam de voar e dentro de uma gaiola eles ficam tristes. A Duda entendeu o que a mãe dela disse e soltou o pássaro.

Pássaro gosta de voar.

5.

Uma vez, na cozinha, o Gustavo viu a mãe dele bebendo uma coisa preta na xícara. Ele nunca tinha bebido aquela coisa antes. Quando a mãe dele saiu da cozinha, o Gustavo colocou um pouquinho do negócio preto em um copo e bebeu. Ele quase vomitou! O gosto era muito ruim! Sabe o que é que tinha na xícara? Café! A irmã do Gustavo apareceu, viu que ele estava chorando e perguntou o que tinha acontecido. O Gustavo contou tudo pra ela. A irmã dele disse que quando ele crescesse ia achar o gosto do café bom porque os adultos gostam de beber café. Só as crianças acham o gosto esquisito.

Adulto gosta de beber muito café.

6.

A Isadora ganhou um irmão e ela está gostando muito de ter um bebê em casa. Eles são cheirosos, fofinhos e engraçadinhos. O único problema é que a Isadora gosta de brincar com o bebê toda hora, e por isso quando o bebê está dormindo ela acorda ele, fazendo o neném chorar. Da última vez que a Isadora fez isso a mãe dela brigou com ela e disse que os bebês gostam muito de dormir. Agora a Isadora aprendeu que precisa deixar o bebê acordar pra poder brincar com ele. Então, enquanto ela espera o irmão acordar, ela fica lendo histórias.

Bebê gosta de dormir.